UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JOSÉ GENILSON RAMOS DE FARIAS

“CAMINHO DAS PEDRAS”, REINVENÇÃO DO LATIFÚNDIO: reconversões sociais e turismo de “sertões profundos” em fazendas no Cariri Paraibano.

Campina Grande, PB
2026

JOSÉ GENILSON RAMOS DE FARIAS

“CAMINHO DAS PEDRAS”, REINVENÇÃO DO LATIFÚNDIO: reconversões sociais e turismo de “sertões profundos” em fazendas no Cariri Paraibano

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande-PB como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.
Área de Concentração: Desenvolvimento, Ruralidades e Políticas Públicas.
Orientador: Prof. Dr. Valdênio Freitas Meneses

CAMPINA GRANDE, PB
2026

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Sistema de Bibliotecas - SISTEMOTECA
Catalogação de Publicação na Fonte. UFCG - Biblioteca Central

F224c Farias, José Genilson Ramos de.
"Caminho das pedras", reinvenção do latifúndio : reconversões sociais e turismo de "sertões profundos" em fazendas no Cariri Paraibano / José Genilson Ramos de Farias. – 2026.
149 f. : il. color.

Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2026.
"Orientação: Prof. Dr. Valdênio Freitas Meneses".
Referências.

1. Turismo Rural. 2. Reconversão Produtiva. 3. Elites Agrárias. 4. Patrimonialização. 5. Relações de Poder. 6. Cariri Paraibano. I. Meneses, Valdênio Freitas. II. Título.

UFCG/PB CDU 338.48-44(1-22)(043.3)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA MEIRE EMANUELA DA SILVA MELO CRB-15/568

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

FOLHA DE ASSINATURA PARA TESES E DISSERTAÇÕES

JOSÉ GENILSON RAMOS DE FARIAS

"CAMINHO DAS PEDRAS", REINVENÇÃO DO LATIFÚNDIO: RECONVERSÕES SOCIAIS E TURISMO DE "SERTÕES PROFUNDOS" EM FAZENDAS NO CARIRI PARAIBANO

Dissertação Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em: 01/04/2026

Prof. Dr. Valdênio Freitas Meneses - PPGCS/UFCG
Orientador

Prof. Dr. Luis Henrique Hermínio Cunha - PPGCS/UFCG
Examinador Interno

Prof. Dr. Marcos Botton Piccin - UFSM
Examinador Externo

Documento assinado eletronicamente por **VALDENIO FREITAS MENESES**, **PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/04/2026, às 17:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8°, caput, da Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018.

Documento assinado eletronicamente por **LUIS HENRIQUE HERMINIO CUNHA**, **PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/04/2026, às 18:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8°, caput, da Portaria SEI n° 002, de 25 de outubro de 2018.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade, informando o código verificador **6382870** e o código CRC **C76DC07B**.

RESUMO

Esta dissertação analisa o processo de reconversão produtiva no município de Cabaceiras (PB), tomando como objetos de estudo as Fazendas Tapera (atual Hotel Fazenda Pai Mateus) e Gangorra. A investigação utiliza a primeira propriedade como marco da transição para o turismo no território e exemplo de mimetismo para a segunda, que tenta alcançar visibilidade na forma de outros "caminhos" de exploração geoturística. O objetivo central é compreender a passagem da produção agropecuária para o turismo rural, desvelando as novas narrativas de uso da terra e suas implicações socioespaciais na escala do latifúndio ao minifúndio. Metodologicamente, adotou-se a triangulação de fontes digitais (Instagram), associando revisão bibliográfica, entrevistas com atores locais e análise das estratégias de exploração da terra, da memória e da natureza do semiárido como patrimônio turístico. Os resultados indicam que a reconversão turística ocorre sob temporalidades e lógicas distintas: enquanto na Fazenda Tapera o processo está consolidado e vinculado às indústrias cinematográfica e televisiva, na Gangorra a transição se dá de maneira atrasada em relação ao contexto de crise estabelecido, sendo mediada pela lógica das plataformas e dos algoritmos digitais, que se mostra ainda insuficiente para a consolidação desse processo. Em uma perspectiva abrangente, podemos indicar que já não se trata de um fenômeno isolado, mas que extrapola os limites das porteiras das fazendas, repercutindo em transformações nas dimensões produtiva, econômica e social para a municipalidade. Algumas das transformações observadas para além das fronteiras desses latifúndios são movimentos de especulação imobiliária sobre pequenas propriedades, impulsionados por agentes da hotelaria litorânea e um nítido anacronismo institucional das linhas de crédito rural, cujas diretrizes demonstram falta de sincronia com a emergente realidade produtiva estabelecida.

Palavras-chave: Turismo Rural. Reconversão Produtiva. Elites Agrárias. Patrimonialização. Relações de Poder. Cariri Paraibano.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the process of productive reconversion in the municipality of Cabaceiras (PB), taking as objects of study the Tapera (current Hotel Fazenda Pai Mateus) and Gangorra Farms. The research uses the first property as a milestone in the transition to tourism in the territory and an example of mimicry for the second, which tries to achieve visibility in the form of other "paths" of geotourism exploration. The main objective is to understand the transition from agricultural production to rural tourism, unveiling the new narratives of land use and their socio-spatial implications on the scale from latifundium to smallholding. Methodologically, the triangulation of digital sources (Instagram) was adopted, associating a bibliographic review, interviews with local actors and analysis of strategies for the exploitation of the land, memory and nature of the semi-arid region as a tourist heritage. The results indicate that the tourist reconversion occurs under different temporalities and logics: while in Fazenda Tapera the process is consolidated and linked to the film and television industries, in Gangorra the transition takes place in a delayed way in relation to the established crisis context, being mediated by the logic of digital platforms and algorithms, which is still insufficient for the consolidation of this process. From a comprehensive perspective, we can indicate that this is no longer an isolated phenomenon, but that it goes beyond the limits of the farm gates, resulting in transformations in the productive, economic and social dimensions for the municipality. Some of the transformations observed beyond the borders of these latifundia are movements of real estate speculation on small properties, driven by agents of the coastal hotel industry and a clear institutional anachronism of rural credit lines, whose guidelines demonstrate a lack of synchrony with the emerging established productive reality.

Keywords: Rural Tourism. Productive Reconversion. Agrarian Elites. Patrimonialization. Power Relations. Cariri Paraibano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família. Aos meus pais, Lindalva e Geraldo, por todos os ensinamentos, direcionamentos e pelo apoio incondicional, material e imaterial, que foram essenciais para minha formação, sobretudo moral. À minha esposa, Vanguiqueli, e aos meus filhos, Samuel e Samir, toda a minha gratidão pela compreensão e paciência, mesmo nos momentos de maior tensão e estresse que esta jornada impôs.

Faço um agradecimento especial ao meu orientador, Professor Dr. Valdênio Freitas Meneses. Seu apoio começou antes mesmo da seleção e se intensificou ao longo de toda a pesquisa. Agradeço por todo o conhecimento compartilhado, pela paciência em me guiar nos momentos de dispersão e pelo rigor em buscar os melhores resultados para esta dissertação, sempre pautado pela dedicação, ética e cuidado.

Minha gratidão se estende aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Campina, que tanto contribuíram para o meu enriquecimento intelectual. Em especial, agradeço ao Professor Dr. Edgard Afonso Malagodi e à Professora Dr.ª Marilda Aparecida Menezes que, embora não façam mais parte do Programa, guardo comigo grande estima. Minha gratidão vai além das orientações acadêmicas: ambos me acolheram com gestos de generosidade, como um verdadeiro cuidado de pai para filho, inclusive abrindo as portas de sua residência em momentos de necessidade — a eles, minha eterna gratidão. Ao professor Edgard, em particular, agradeço a oportunidade de participar de seus projetos de pesquisa, que ampliaram minha visão de mundo ao permitir conhecer outras realidades de vida.

Agradeço aos membros da banca examinadora pelas leituras atentas e pelas valiosas contribuições que fortalecerão imensamente este trabalho.

Não poderia deixar de mencionar meus colegas de turma. As trocas de ideias, os desabafos e o apoio mútuo ocorreram mais intensamente no primeiro ano, momento em que estávamos ampliando e lapidando nosso conhecimento científico. Vivências essas que tornaram o percurso teórico mais leve e enriquecedor.

Por fim, agradeço às pessoas que são a alma desta pesquisa: os moradores e moradoras de Cabaceiras e das comunidades rurais. A todos que compartilharam suas histórias, memórias e tempo, aqui destaco alguns nomes, em especial o Senhor José Pereira, Antônio Pereira (Tota), Fernando Cunha Lima Filho, seu filho, Daniel Cunha Lima, esses dois últimos filho e neto do então dono já falecido Fernando Cunha Lima. Em nome desses, entendo e agradeço aos demais

que, direta ou indiretamente, estiveram dando sua contribuição para essa pesquisa. Esta dissertação é, antes de tudo, o resultado dos esforços compartilhados por essas pessoas.

Como filho do campo, nascido, criado e defensor deste espaço como lugar de qualidade de vida, a construção desta pesquisa foi uma atividade profundamente prazerosa. Foi um momento de reencontro com meu mundo por um novo ângulo, de explorar ambientes e de conhecer personagens que, como eu, veem no rural um lugar a ser buscado, apreciado e, acima de tudo, respeitado.

LISTA DAS FIGURAS

Figura 1 - Mapa da localização das áreas de estudo no município de Cabaceiras/PB.....23
Figura 2 - Capa da publicação “Os Cariris Velhos da Paraíba” (1997).....69
Figura 3 - Infográfico do antigo modelo de exploração da Fazenda Tapera (entre os anos de 1920 - 2000).....72
Figura 4 - Infográfico atual modelo de exploração da Fazenda Tapera (de 2000 para os dias atuais).....73
Figura 5 - Diagrama da primeira união matrimonial da família Cunha Lima e Moura (entre a década de 1920 e 30).....78
Figura 6 - Diagrama da segunda união matrimonial da família Cunha Lima e Moura (década de 1960).....80
Figura 7 - Infográfico antigo modelo de exploração da Fazenda Gangorra entre 1920 e 199085
Figura 8 - Infográfico do novo modelo de exploração da fazenda Gangorra iniciado em 201886

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Entrada da Fazenda Tapera atual Hotel Fazenda Pai Mateus 63
Fotografia 2 - Matéria prima de exploração granítica 66
Fotografia 3 - Fachada da Fazenda Gangorra e seus proprietários 74
Fotografia 4 - Primeira raça de gado holandês implantada na fazenda 81
Fotografia 5 - Registro da raça do animal realizado pelo próprio Fernando Cunha Lima 82
Fotografia 6 - Gado Holandês se alimentando nos cochos 83
Fotografia 7 - - Ruinas das estruturas de currais no pátio da Fazenda Gangorra 89
Fotografia 8 - Estruturas de hospedagens no pátio da Fazenda Tapera 90
Fotografia 9 - Interior da casa-grande da Fazenda Gangorra 91
Fotografia 10 - Compilação de paisagens que consagrou o Pai Mateus para o mundo 97
Fotografia 11 - Placa informativa para visitas turísticas na Fazenda Gangorra 98
Fotografia 12 - Compilação de imagens que a gangorra tenta consagrar 100
Fotografia 13 - Tabua de madeira serrada vindas do campo. 102
Fotografia 14 - Fachada da entrada para a “oficina Gangorra Wood” à direita, ao lado esquerdo antigo depósito de rações 103
Fotografia 15 - Madeira pós-trabalhada 104

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Apogeu da produção de alho no município de Cabaceiras-PB 40
Gráfico 2 - Declínio da produção de alho no município de Cabaceiras-PB 40
Gráfico 3 - Efetivo do rebanho caprino em Cabaceiras em uma média histórica 42
Gráfico 4 - Interior da casa-grande da Fazenda Tapera - Sala de visita 93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Lista de entrevistados da pesquisa.....31
Quadro 2 - Inventário seletivo de objetos da casa-sede da fazenda Gangorra e seus significados atribuídos.....91
Quadro 3 - Inventário seletivo de objetos da casa-sede da fazenda Tapera e seus significados atribuídos.....93
Quadro 4 - Depoimentos de visitantes publicados no Instagram da fazenda Tapera (2022-2025) 105
Quadro 5 - Depoimentos de visitantes publicados no Instagram da fazenda Gangorra (2021-2025).....108
Quadro 6 - Matriz Comparativa da Reconversão no Brasil.....132
Quadro 7 - O Impacto da Reconversão no Território em turismo (Cabaceiras-PB e Cariri Paraibano).....133

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Produção de alho em Cabaceiras entre a década de 80 90 39
Tabela 2 - Bacia Leiteira Caprina Polo Cariri Paraibano, Custos de Produção de Leita de Cabra por 20L/dia 44
Tabela 3 - Efetivo do Rebanho Caprino em série histórica em Cabaceira 46

Sumário

INTRODUÇÃO **15**

CAPÍTULO 1: DO "TEMPO DO ALHO" ÀS CENOGRAFIAS RURAIS: GÊNESE DAS TRANSFORMAÇÕES PRODUTIVAS EM CABACEIRAS **34**

1.1 Cabaceiras (1970 - 2000): Crise Agrária e o início das Transformações Rurais 37

1.2 ELITES E LATIFÚNDIO NO SEMIÁRIDO: PERMANÊNCIAS E RUPTURAS HISTÓRICAS 47

1.3 A RECONVERSÃO EM ESCALA NACIONAL: MAPEANDO OUTROS PROCESSOS DE PATRIMONIALIZAÇÃO RURAL 52

1.4 TURISMO RURAL NAS FAZENDAS: NOVA FERRAMENTA ATIVA DE INVENÇÃO DA TRADIÇÃO 56

CAPÍTULO II: "O CAMINHO DAS PEDRAS": TERRITÓRIO, GENEALOGIA E RECONVERSÃO ENTRE AS FAZENDAS TAPERA E GANGORRA **60**

2.1 DESCRIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA 62

2.1.1 Fazenda Tapera: "caminho das pedras" 62

2.1.2 Pai Mateus: a construção de uma lenda 64

2.1.3 O Pretexto da Pedra: Contextualizando a Reconversão na Tapera 67

2.1.4 Fazenda Gangorra e o caminho de pedras 73

2.1.5 Do Pasto à Pedra: Novos Usos da Terra 80

2.1.6 A Resposta à Crise: O Processo de Reconversão na Gangorra 87

2.2 DE TAPERA À GANGORRA: A TRANSIÇÃO DO VALOR DE USO AO VALOR ESTÉTICO NA RECONVERSÃO DO LATIFÚNDIO 88

2.3 DO REAL AO VIRTUAL: ESTETIZAÇÃO DA NATUREZA E O MIMETISMO DIGITAL ATRAVÉS DO INSTAGRAM DAS FAZENDAS GANGORRA E TAPERA 97

2.3.1 Análise dos depoimentos digitais postados no Instagram da Fazenda Tapera 112

2.3.2 Análise dos depoimentos digitais postados no Instagram da Fazenda Gangorra 114

CAPÍTULO III: A RECONVERSÃO EM PERSPECTIVA COMPARADA: O LATIFÚNDIO ENTRE A CRISE E A PATRIMONIALIZAÇÃO **119**

3.1 A DECADÊNCIA DAS ELITES AGRÁRIAS E A EMERGÊNCIA DO PATRIMÔNIO ATIVO 121

3.2 PAISAGENS DE EXCEÇÃO: DIÁLOGOS ESTÉTICOS ENTRE O BREJO E O CARIRI PARAIBANO 123

3.3 A REINVENÇÃO DO LATIFÚNDIO: O SUBLIME GEOLÓGICO E OS EFEITOS ADVERSOS DA RECONVERSÃO 125

3.4 SÍNTESE ANALÍTICA: MATRIZES DE RECONVERSÃO E PERMANÊNCIA DO

LATIFÚNDIO 129
CONSIDERAÇÕES FINAIS 134
REFERÊNCIAS 138
ANEXO I - RELAÇÃO DE PRODUÇÕES CINEMATOGRÁFICAS REALIZADO NO MUNICÍPIO DE CABACEIRAS ENTRE 1921 E 2022 149

INTRODUÇÃO

O espaço rural não constitui um ambiente estático, mas sim um território marcado por intensas transformações sociais, econômicas e ambientais. No município de Cabaceiras, observa-se um processo de reconversão produtiva, caracterizado pela transição de uma produção centrada em bens materiais - historicamente associada aos grandes ciclos do algodoeiro-pecuário e à policultura, como o alho - para a exploração geoturística, voltada à oferta de experiências e bens imateriais. Nesse contexto, a paisagem e a memória local são ressignificadas como ativos de mercado, reconfigurando as estruturas econômicas e sociais do território. Trata-se de um processo inicialmente gestado a partir da Fazenda Tapera, reconvertida em Hotel Fazenda Pai Mateus, cuja expansão passou a se projetar para o conjunto do município como uma das principais bandeiras do desenvolvimento econômico local, sendo posteriormente seguido por outras duas propriedades rurais: as fazendas Gangorra e Salambaia. As duas primeiras constituem os objetos centrais deste estudo.

Nosso campo de pesquisa se insere em um território delimitado por duas condições naturais específicas e que lhes atesta certas características únicas, a primeira mais geral e conhecida, no Planalto da Borborema[1], no âmbito da Região Geográfica Imediata de Campina Grande, integrante da Região Geográfica Intermediária de Campina Grande, segundo a nova regionalização do IBGE (2017). A segunda delimitação, segundo Souza *et al.* (2024) mais micro, sobre o Plúton Bravo[2], que lhes permite apresentar um cenário com características específicas. É preciso acrescentar que estamos a cerca de 180 km da capital, João Pessoa, e que a região também integra o ecossistema do Semiárido nordestino, caracterizado por baixos índices pluviométricos e solo cristalino, fatores que historicamente moldaram as atividades produtivas locais. A partir dessa configuração físico-territorial, este trabalho analisa as transformações no uso da terra e suas repercussões socioeconômicas e espaciais nessas fazendas e os processos de transbordamento para além de suas porteiras.

Diante de um quadro analítico mais amplo, é necessário considerar que estamos tratando de contextos historicamente tensionados entre políticas de combate à seca e propostas de convivência, processos nos quais a hegemonia das elites rurais locais se manteve constantemente na linha de frente. Nesse cenário, um dos temas que ganhou maior centralidade, entre as décadas de 1950 e 1970, período de forte atuação do regime ditatorial, foi o das

[1] O Planalto da Borborema é uma formação geológica que atravessa os estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, responsável por importantes divisores de águas e condicionante do clima semiárido na região.
[2] O Plúton Bravo corresponde a um corpo ígneo de relevância geomorfológica no semiárido paraibano, cuja formação condiciona aspectos do relevo e da paisagem regional.

tecnologias voltadas para o convívio com as secas, com especial destaque para a introdução da algaroba (*Prosopis juliflora*). Segundo Cunha e Gomes (2012), esse processo não deve ser compreendido como uma escolha técnica isolada, mas como parte de um processo mais amplo que envolveu um profundo dilema de ordem política e científica. Para os autores, tais intervenções integravam um projeto de modernização que negligenciava as especificidades do bioma Caatinga em favor da adoção de uma lógica produtivista importada.

Nessa perspectiva, esta pesquisa parte da premissa de que a reconversão produtiva em Cabaceiras transcende a mera troca da pecuária pelo turismo; ela configura-se como uma estratégia de reprodução social de linhagens proprietárias que, diante das dificuldades, buscam preservar seu patrimônio e sua distinção. Diante do declínio dos ciclos agrícolas, o latifúndio reinventa-se ao converter a terra em 'ativos de experiência'. Nesse processo, a propriedade deixa de ser valorizada pelo rendimento por hectare para ser estimada por sua capacidade de suscitar o 'sublime' e o 'sertão profundo', transformando o domínio privado em um cenário de consumo estético específico para gostos e estilos de vida de um perfil de elites urbanas. Esse público, dotado de um capital cultural que lhe permite converter a escassez hídrica e a aridez em objetos de contemplação estética, consome o território não mais como espaço de produção, mas como patrimônio visual, onde as secas e o lajedo tornam-se cenários cinematográficos e trilhas de experiência. Trata-se, portanto, de uma estratégia de poder que utiliza o discurso patrimonial e a busca pela autenticidade para legitimar a permanência da estrutura fundiária, agora sob uma nova roupagem econômica.

O universo empírico que sustenta esta análise compreende duas propriedades emblemáticas do Cariri paraibano: a Fazenda Tapera, hoje consolidada como o Hotel Fazenda Pai Mateus, e a Fazenda Gangorra. A primeira, situada em um dos monumentos geológicos mais icônicos da região, exemplifica a transição da antiga pecuária extensiva para um empreendimento de hospitalidade de alto padrão, onde o misticismo e a singularidade das formações rochosas são convertidos em ativos de luxo e cenários para produções audiovisuais. Já a Fazenda Gangorra, diante das dificuldades, vem reconfigurando suas práticas por meio de oferta de experiências de aventura e ecoturismo, mobilizando a 'rusticidade' e a paisagem da caatinga como novos nichos de mercado. Ambas as propriedades, cada uma com sua temporalidade e modo de inserção no mercado, materializam o esforço de linhagens tradicionais em manter a integridade do latifúndio por novas vias.

Antes de prosseguirmos, cumpre dedicar algumas linhas à reflexão sobre a posição do pesquisador diante do seu objeto de estudo. Esta não é uma questão meramente formal, mas um imperativo epistemológico: a discussão sobre o 'lugar' do pesquisador na pesquisa. Se não foi

dito até aqui, sou um pesquisador “filho da terra” e tomo meu lugar de origem como objeto de estudo. Entretanto, diante das novas perspectivas, a questão não é a neutralidade científica, uma vez que não se faz pesquisa de maneira totalmente neutra; o que conta é a capacidade de reflexividade do pesquisador que está em jogo.

Essas discussões me fazem recordar os textos de sala de aula, especificamente dos conselhos metodológicos formulados por Bronisław Malinowski (1984), segundo o qual o bom pesquisador é aquele que se esforça por “tornar-se um deles”. Então ficava me perguntando: e se você, o pesquisador, já for um deles? Isso parece uma vantagem? As respostas vieram com os textos e os conselhos de Bourdieu (2007): a vigilância epistemológica exige que o cientista social reconheça sua própria posição no espaço social para evitar que suas pré-noções direcionem a análise.

No caso desta pesquisa, o fato de ser natural de Cabaceiras e vivenciar as transformações do mundo rural desde a infância impõe o desafio de transformar a proximidade afetiva em uma ferramenta de análise crítica, exercendo o que o autor denomina de auto-objetivação ou de ser um sujeito objetivante, ou seja, olhar para a realidade social em uma perspectiva crítica e, ao mesmo tempo, ter a possibilidade de conferir ao seu próprio olhar uma criticidade. A partir desse exercício de vigilância, o problema central desta investigação situa-se no paradoxo de 'mudar para permanecer': como as grandes propriedades do Cariri, diante da falência do modelo agropecuário tradicional, convertem seu patrimônio material e simbólico em ativos turísticos para assegurar, por meio deles, a manutenção da concentração fundiária, símbolo de estruturas de poder histórico.

Para operacionalizar essa reflexividade com maior objetividade, a pesquisa ancora-se na triangulação de diferentes fontes de evidência. O percurso analítico será conduzido pelo cruzamento de dados documentais e econômicos, com os indicadores do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), indicadores locais e o também pelo apoio dos relatos orais colhidos por meio de entrevistas e observações de campo. Esse confronto de perspectivas, aliado ao exercício do estranhamento, permitirá desconstruir fatos que, sob o olhar do senso comum, seriam tidos como óbvios ou naturais.

A presente investigação submete à análise o processo de reconversão produtiva nesse município. Este fenômeno é marcado pelo declínio das atividades agropecuárias a exemplo do alho, que até a década de 1970 era pilar da economia local e pela emergência do turismo como nova lógica de ocupação e exploração do território. Antes de nos aprofundarmos sobre a construção deste objeto de pesquisa, faz-se necessário discorrer um pouco sobre o conceito de

reconversão. Tais aportes teóricos serão fundamentais para a compreensão da evolução e das nuances do fenômeno aqui estudado.

O conceito de reconversão foi originalmente formulado por Bourdieu na década de 1970, notadamente em sua obra *A Distinção*. Segundo Catani et al. (2017), trata-se de uma estratégia de reprodução social acionada por mudanças estruturais que desvalorizam o capital tradicional - seja ele econômico, cultural, social ou simbólico. Em períodos de estabilidade, as famílias tendem a reproduzir e acumular as formas de capital que já dominam. Contudo, quando o rendimento de um recurso tradicional entra em crise, o grupo é compelido a transferir seus ativos para novas áreas que ofereçam maior rentabilidade, prestígio e legitimidade.

No cenário brasileiro, Garcia Jr. (2007) consolidou essa linhagem de pesquisa ao analisar a reconversão das elites agrárias do Norte/Nordeste entre 1920 e 1960, demonstrando como a decadência dos antigos engenhos exigiu novas formas de inserção política e econômica. Essa perspectiva ganha contornos mais dinâmicos em Saint-Martin (2022), que afasta a visão de um movimento mecânico de classes para focar nas subjetividades e nos riscos das trajetórias individuais. Para a autora, a reconversão envolve rupturas existenciais e incertezas, dependendo da capacidade do agente em ressignificar sua identidade para converter crises em distinção. Nesse sentido, o conceito dialoga com a emergência de um "rural pós-agrícola" e multifuncional (Wanderley, 2009; Graziano da Silva, 2002), no qual a terra deixa de ser exclusivamente um suporte produtivo para ser valorizada por suas dimensões estéticas e patrimoniais.

Nessa mesma linha, Ramiro *et al.* (2023) observaram que os engenhos do Brejo paraibano deixaram de ser apenas unidades fabris para se tornarem espaços de consumo patrimonial. Tal estratégia preserva a propriedade por meio da exploração da memória e do estilo de vida rural, convertendo o capital produtivo em simbólico. Fenômeno semelhante foi identificado por Andrade-Matos et al. (2021) em Ilhéus-BA; diante do impacto da "vassoura-de-bruxa" e da perda de lucratividade da *commodity*, as elites cacaueiras passaram a explorar o valor simbólico da paisagem e da cultura local.

Tais processos ecoam, ainda, nas reflexões de D'Onofre (2013) sobre o Vale do Café fluminense, onde o patrimônio histórico foi convertido em experiência de consumo após o colapso do modelo cafeicultor. Somam-se a isso as investigações de Piccin (2014) sobre as mudanças nos costumes dos estancieiros gaúchos para manter a distinção social. De forma mais próxima a esta realidade de estudo, Meneses (2018) analisou o Cariri paraibano, identificando entre as elites pecuaristas a mobilização do patrimônio e da memória como estratégias de resistência ao descenso social diante das crises do setor. E, de forma mais recente, esse trabalho

encontra ressonância direta nos estudos de caso de Sales (2026), no PPGCS/UFCG, que investiga como o patrimônio arquitetônico é mobilizado para sustentar novas dinâmicas econômicas na região do Brejo da Paraíba, o que também pode ser visto como estratégia de reprodução das antigas elites agrárias canavieiras.

A presente pesquisa insere-se nesta tradição teórica ao buscar compreender como as fazendas Tapera, o “marco zero” e a Gangorra, exemplo de “transbordamento”, operam a reconversão de suas propriedades, transformando o estigma da aridez em um ativo turístico, geológico e cinematográfico. Nesse percurso, é fundamental registrar que a vocação turística da Fazenda Tapera não foi uma escolha imediata, mas sim o resultado de um processo de experimentação econômica que incluiu uma tentativa falha de mineração de granito. Essa incursão extrativista revelou-se inviável, demonstrando que a riqueza “socialmente” reconhecida do lajedo não residia na sua destruição para venda como minério, mas na sua preservação como cenário turístico e cenográfico. A reconversão, aqui, opera no deslocamento da rentabilidade: quando o solo já não favorece a germinação da semente, torna-se a “varanda de Deus”, ou seja, espaço de contemplação. Trata-se de uma adaptação à perda de lucratividade no semiárido, onde a legitimidade da posse fundiária não é mais garantida pelo excedente agrícola, mas pela capacidade de converter a natureza bruta em mercadoria contemplativa e cenário de distinção. E foi exatamente isso que a Fazenda Tapera construiu para si e a Gangorra está buscando: o 'palco das belezas naturais' e do 'novo rural'.

Para ilustrar a repercussão desse processo de reconversão, no qual a estética da paisagem se torna a principal 'moeda de troca', o trabalho de Andrade (2010) sobre Cabaceiras é revelador ao destacar o papel central da Fazenda Tapera. Detentora do Lajedo de Pai Mateus - o mais importante ativo geológico da região, a propriedade já catalisava, naquele período, 60% do fluxo turístico municipal. Esse dado materializa a transição do valor da terra de unidade produtiva para objeto de consumo visual, visto que 92% da procura turística nesse município era motivada pela contemplação da natureza. Assim, a Fazenda Tapera não apenas inaugurou um modelo de exploração de suas terras, mas é referência dentro de um contexto regional e espelho para outras fazendas, como a Gangorra e a Salambaia (a terceira em processo de reconversão).

A análise comparativa entre as fazendas Tapera e Gangorra consolidou-se a partir das recomendações da banca examinadora em etapas intermediárias desta pesquisa. A inclusão da Fazenda Tapera revelou-se estratégica, visto que a propriedade foi o marco inicial desse novo modelo produtivo. Tendo como principal atrativo a formação geológica do 'Lajedo de Pai Mateus' gênese do processo de reconversão local, a propriedade passou por uma ressignificação

tamanha que o que era conhecido como “Tapera” (nome que traz conotação de degradação, de coisa destruída) passa a adotar o codinome de “Pai Mateus”. Sem a análise desse processo, a compreensão sobre a Gangorra ficaria lacunar, uma vez que esta última opera em um fluxo de atravessamento, transbordamento ou complementaridade ao polo indutor gerado pela primeira. Portanto, a escolha de ambas as propriedades atende a uma necessidade de totalidade na compreensão das dinâmicas de poder e patrimonialização da paisagem.

O que diferencia o processo de reconversão da Fazenda Tapera para a Gangorra é, primordialmente, o contexto que antecedeu essa transição. Todavia, mesmo não tendo sido integrada ao movimento pioneiro, a Fazenda Gangorra ao observar seu território ser 'atravessado' pelos fluxos constantes de visitantes em direção ao Lajedo de Pai Mateus passou a articular nova estratégia de inserção, utilizando ferramentas digitais como o Instagram para abrir suas porteiras ao turismo rural. Dessa forma, elementos antes estigmatizados como símbolos do 'trágico' e da aridez do semiárido são ressignificados e reconvertidos em ativos contemplativos. Para tanto, esta pesquisa é guiada por algumas inquietações centrais, apresentadas aqui de forma simplificada: como era a vida nessas fazendas antes do turismo e o que as levou à crise? Como a beleza das pedras e o cinema se tornaram uma nova forma de riqueza para essas famílias? De que maneira elas conseguem 'vender' a natureza e o patrimônio geológico? E, por fim, como essa abertura das fazendas para os turistas muda a vida para “fora das porteiras”, isto é, dos pequenos agricultores que vivem nas fronteiras desses latifúndios? Tais questionamentos, que serão refinados e analisados com maior densidade técnica nos capítulos seguintes, delimitam o escopo desta investigação.

Para compreender tais processos de transição, torna-se necessário resgatar o cenário socioeconômico e ambiental que antecede esses processos de transformações, ou seja, elucidar os fatores que impulsionaram a mudança no perfil de utilização desses patrimônios fundiários. Sobre o contexto das pesquisas de campo, essas trajetórias revelam rearranjos de poder, disputas econômicas e a emergência de modelos de desenvolvimento nos quais o espaço rural é reconfigurado por lógicas mercadológicas e simbólicas distintas de períodos anteriores.

O que pode ser dito é que a década de 1990 marcou uma virada estrutural no Cariri paraibano, impulsionada pela expansão das políticas públicas advindas da Constituição de 1988 e dos governos federais do PSDB e PT (1994-2014), tais como as de crédito e previdência rural, políticas de combate à pobreza e um novo dinamismo no consumo e na circulação de pessoas. Esse cenário, que alterou drasticamente o perfil socioeconômico da região, trouxe consigo um paradoxo para as elites agrárias: ao mesmo tempo em que o interior se modernizava, a grande propriedade tradicional enfrentava um processo de crise e fragmentação fundiária, com

fazendas transformadas em assentamentos (Nunes, 2012; Silva, 2012. Entretanto, as fazendas Tapera e Gangorra revelam uma trajetória de resistência a essa fragmentação fundiária. O contraste torna-se evidente ao observar a vizinha Fazenda Pocinhos, que sucumbiu à pulverização, sendo convertida em assentamento rural. Em contrapartida, nossos estudos apontam para a permanência das mesmas linhagens familiares à frente das propriedades analisadas; nelas, a resposta estratégica aos períodos de crise foi a busca pela reconversão, transmutando a terra de um meio de produção em um ativo de capital simbólico e turístico.

Não podemos prosseguir sem antes discorrer sobre a trajetória de construção deste objeto de pesquisa. Inicialmente, esta investigação propunha-se a analisar as transformações ocorridas no minifúndio local, ou seja, as transformações na agricultura familiar, mais especificamente sobre as novas relações dos jovens com a terra, que envolviam diretamente questões como acesso ao crédito e a permanência deles em sua unidade familiar no Cariri paraibano. O foco residia em compreender como os mecanismos estatais de fomento poderiam contribuir para a permanência do jovem no campo em um cenário de sucessivas crises hídricas que sempre dificultaram a pequena unidade familiar, levando à inviabilização de várias atividades produtivas. Essa inclinação inicial era motivada por um compromisso ético e científico em investigar as condições necessárias para que a sucessão rural e a permanência no campo fossem escolhas viáveis e dignas para as novas gerações.

Contudo, a imersão no território de origem durante o trabalho de campo produziu uma ruptura epistemológica. A observação dos novos fluxos de visitantes urbanos, que hoje "cortam" os caminhos que outrora nos levavam ao roçado e se dirigem às fazendas - um movimento impensável na minha infância - evidenciou a insuficiência de um olhar analítico restrito. Tornou-se claro que compreender as transformações em curso no minifúndio exigia, previamente, deslocar a atenção para o que se passava do outro lado da cerca, nas grandes propriedades.

O que se apresentava diante dos olhos já não era o esforço da juventude em torno do cultivo agrícola como marca do rural, mas, ao contrário, a porteira aberta da fazenda em busca de novos rumos para se manter vivo em um cenário de crise da agropecuária. Diante disso, o objeto de estudo sofreu um deslocamento: da análise da sustentabilidade da agricultura familiar para a investigação do processo de reconversão do latifúndio. Esse processo passou a ser compreendido tanto como uma estratégia de redefinição das trajetórias econômicas dessas propriedades, quanto como um mecanismo de manutenção de suas estruturas fundiárias, que extrapolou as cercas das fazendas.

Um momento decisivo para o redirecionamento desta pesquisa ocorreu durante a entrevista com Antônio Pereira (Tota), cujas memórias sobre a Fazenda Gangorra nos forçaram a repensar a estratégia analítica e o próprio tema da reconversão. Ao descrever o ciclo do alho, Tota rememorou com precisão o período de ascensão e a subsequente queda dessa cultura, detalhando como o plantio outrora florescia até nas margens do Riacho da Gangorra. Essa revelação foi o ponto de inflexão: a imagem daquelas margens, antes dedicadas ao esforço produtivo de uma cultura exigente em água, hoje dá lugar a um cenário de contemplação e silêncio. Foi a partir dessa fala que compreendemos que a reconversão não era apenas um conceito abstrato, mas uma resposta concreta ao esgotamento de um modelo agrícola: a percepção de que onde o solo não mais "sustenta" o alho, ele oferta a paisagem. Esse depoimento nos levou a reposicionar a Gangorra não apenas como um objeto de estudo geográfico, mas como um testemunho vivo da transição entre o valor de uso da terra e seu novo valor de troca simbólico.

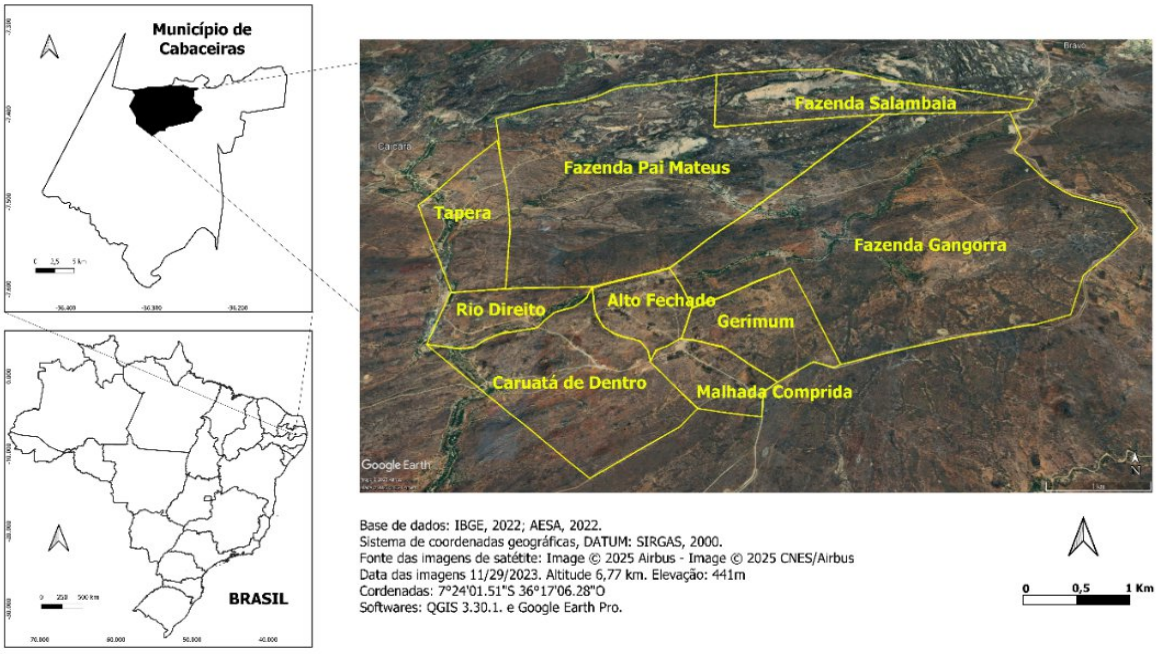
Essa ruptura epistemológica consolidou-se no Mestrado por meio do diálogo com as categorias de Bourdieu (2007), revelando que as ambições dessas fazendas transcendem o lazer, configurando-se como estratégias de reconversão social, que não ficaram restritas às suas fronteiras territoriais. Assim, a pesquisa deslocou-se da análise do crédito rural para a investigação da abundância de capital simbólico, observando como o patrimônio fundiário - outrora voltado à agropecuária - assume novos significados de valor em meio à crise produtiva. Esse processo de patrimonialização reconfigura os padrões econômicos do município ao mobilizar hegemonias históricas para ditar novos rumos centrados no setor de serviços. Por conseguinte, tal lógica reestrutura as percepções sobre o semiárido e os valores de uso da terra, impactar, principalmente as expectativas das novas gerações que manifestam interesse em permanecer em seu território de origem, diante das novas perspectivas de valorização. Todavia, isso não implica afirmar que as limitações estruturais para sua manutenção na terra ainda tenham desaparecido.

Sabe-se que as centralidades historicamente desempenhadas pelas grandes propriedades enquanto pilares da reprodução econômica e das hierarquias sociais, políticas e simbólicas no meio rural já não se apresentam da mesma forma. Isso, contudo, não significa que tenham deixado de existir. As transformações nos contextos sociais, econômicos e políticos passaram a exigir dessas estruturas novas estratégias de atuação. Nesse sentido, o diálogo com os trabalhos de Aldo Nunes (2016), Valdênio Meneses (2018) e Francisco de Assis Batista (2010), assim como as dissertações de Elenilda Sinésio Silva (2019) e Miriam Silva (2012), permite evidenciar as estratégias mobilizadas por essas fazendas locais para manter sua posição de

mando diante das crises dos modelos produtivos algodão/alho, pecuária/moradia e trabalho. Esses textos produzidos no PPGCS/UFCG demonstram que, mesmo em cenários de declínio econômico, tais grupos não desaparecem, mas acionam múltiplos mecanismos de adaptação e reconversão capazes de assegurar a permanência de seu capital fundiário, simbólico e político no território paraibano.

Na figura 1 a seguir[3], situamos as três fazendas atualmente em processo de reconversão, - Tapera, Gangorra e Salambaia, - distinguindo-as por escalas temporais diferenciadas, condições que também podem ser vistas como condicionantes para o processo. Trata-se, contudo, de um território que apresenta especificidades relevantes, como já mencionado. Há ainda, ao norte na fronteira com o município de Boa Vista, a presença de mais cinco fazendas: Corredor, Puxinanã, Boa Esperança, Dona Soledade e Casa Branca. Trata-se de uma área extensa, concentrada sob a posse de poucos proprietários, conferindo singularidade à configuração fundiária local. Esse contexto aponta para a necessidade de um estudo mais abrangente, capaz de incorporar a análise dessas demais fazendas e de compreender suas inserções em um contexto territorial em transformação.

Figura 1 - Mapa da localização das áreas de estudo no município de Cabaceiras/PB



Fonte**:** Adaptação a partir do banco de dados do IBGE.

[3] Obs.: Ao transpor o mapa criado em arquivo a partir do Google Earth Pro para o texto, ocorre uma perda da qualidade das referências.

No extremo oposto desse arranjo territorial, ao sul das grandes fazendas analisadas, localizam-se seis pequenos sítios, Gerimum, Malhada Comprida, Alto Fechado, Caruatá de Dentro e Rio Direito (sendo que dois deles não constam no mapa, embora façam fronteira direta com o Pai Mateus) que, em conjunto, abrigam cerca de 500 habitantes. Esse contingente corresponde a aproximadamente 10% da população total do município de Cabaceiras, estimada em 5.335 habitantes (IBGE, 2022). Essa conjuntura constitui um dos resquícios mais evidentes do antigo modelo agrário que estruturou o território e revela uma contradição ainda persistente no meio rural local: de um lado, a concentração fundiária, que mantém sob o controle de poucos proprietários os "melhores pedaços" de terra, entendidos aqui como aqueles dotados de maior diversidade de recursos naturais e simbólicos; de outro, um expressivo contingente de pequenos sitiantes que não dispõem de terras suficientes para acessar ou produzir riquezas materiais e simbólicas comparáveis às encontradas em espaços como o Pai Mateus. Trata-se, portanto, de desvelar um cenário construído na grande propriedade, que continua a transbordar em relações de desigualdade entre o latifúndio reconvertido e o minifúndio pressionado a se adequar aos novos ditames das transformações do mundo rural local.

Essas fazendas localizam-se em área limítrofe com o município de Boa Vista, a cerca de 21 km da sede municipal, tendo como principal via de acesso à rodovia PB-160. Inserem-se em um contexto de transformações históricas no Cariri paraibano que remontam à década de 1980, quando o esgotamento do complexo algodão-pecuária promoveu o fim do regime de moradia e profundas alterações na ocupação do solo (Duqué, 1985). Esse processo resultou, por um lado, na conversão de grandes propriedades em assentamentos rurais - como a Fazenda Pocinho, de cinco mil hectares, transformada em 1996 (Aires, 2019) - e, por outro, no desmonte do poder das elites pecuaristas regionais, simbolizado também pela fragmentação das fazendas Feijão e Estrela D'Alva (Meneses, 2018; Silva, 2012). Todavia, os casos da Tapera e da Gangorra indicam que esse desmonte não significou a extinção do latifúndio, mas sua ressignificação estratégica diante do colapso do modelo tradicional.

Diante das limitações temporais próprias de uma dissertação, a pesquisa concentrou-se no estudo de caso de duas fazendas - Tapera e Gangorra -, opção metodológica que possibilita a realização de ensaios comparativos entre diferentes trajetórias de reconversão produtiva e os processos de distinção a elas associados. Em especial, a Fazenda Tapera agregou ao longo do tempo mais duas outras menores fazendas: Rio Direito e Caixambú, abrangendo uma área total de 2.500 hectares, compartilhando com as demais uma trajetória de dominação alicerçada no prestígio de seus detentores - frações das classes dominantes regionais que, ao adquirirem terras, buscam a exploração econômica e a conversão de capital financeiro em capital

simbólico. Naquele contexto, a propriedade fundiária operava como um pilar de reprodução social e afirmação de status para profissionais liberais e figuras políticas, tornando o latifúndio o principal suporte de seu poderio regional.

Os relatos das entrevistas elucidam o processo de consolidação desses latifúndios, caracterizado pela transição da posse multifamiliar para o domínio de linhagens específicas. As trajetórias das fazendas Tapera e Gangorra são emblemáticas do que Saint-Martin (2022) define como estratégias de reprodução social: a recomposição da posse por alianças matrimoniais e sucessões hereditárias garantiu a permanência do capital fundiário em grupos restritos. Na Tapera, a sucessão perpassa pela família Soares (1910–1918), a família Aires, entre duas sucessões (1926–1968), culminando na aquisição pelo Dr. Lucena (1978), onde permanece até o atual momento com a administração de seu filho, Eduardo Lucena. Na Gangorra, a trajetória remonta a João Alcântara de Guimarães[1] (1920) e Ascendino Moura (1933-1954). A propriedade consolidou-se sob o domínio da família Cunha Lima a partir de 1954, após o falecimento de Ascendino Moura. A gestão, iniciada por seu genro, Fernando Cunha Lima, estende-se até os dias atuais por meio de seu filho, Fernando José da Cunha Lima, e de seu neto, Daniel Nunes Cunha Lima. Essa trajetória ratifica a continuidade geracional como o pilar central da manutenção e estabilidade do território.

Trata-se de um processo de reconversão produtiva que se inscreve em um pano de fundo marcado por uma profunda crise econômica no município, caracterizada pelo declínio da última grande atividade agrícola, a cultura do alho na década de 1990. Essa atividade constituiu uma das últimas expressões de relevância econômica da agricultura local, exercendo um papel estruturador nas configurações produtivas e sociais do território (FariaS, 2016; Farias, 2019; Medeiros, 2016; Andrade, 2010-2017). Seu dinamismo esteve associado à capacidade de mobilizar investimentos públicos e privados, elevando significativamente a renda das famílias diretamente envolvidas. Relatos colhidos em entrevistas de campo, corroborados pela literatura especializada e dados estatísticos, indicam que esse ciclo produtivo se traduziu em melhorias concretas nas condições de vida, sobretudo no âmbito habitacional, como a ampliação e a qualificação das moradias, a aquisição de bens antes inacessíveis e a implementação de infraestruturas básicas, a exemplo da construção de poços e da instalação de caixas d'água.

O declínio dessa cultura deve-se à perda progressiva de sua qualidade frente ao mercado concorrente. Essa deterioração está diretamente associada ao modelo extensivo e intensivo de produção, responsável pela salinização dos solos (SOARES, 2008), processo que comprometeu gradativamente a produtividade e culminou no abandono dessa atividade. Diante desse quadro, a caprinocultura ressurge como alternativa para suprir essa lacuna. Ressurge porque se trata de

uma cultura que esteve presente desde o período colonial (Rietveld, 2017), readquirindo novo contexto a partir do final da década de 1970 e início dos anos 1980, quando ela ganhou nova posição, mediante ações estratégicas de grandes pecuaristas do Nordeste que ergueram essa cultura como bandeira política.

Embora a Festa do Bode Rei, instituída em 1999 na gestão do prefeito Arnaldo Júnior, seja frequentemente citada como o marco zero da caprinocultura em Cabaceiras, é necessário matizar essa narrativa. O processo de construção do caprino como símbolo regional e ativo turístico é anterior e multifacetado. Desde o início da década de 1990, por exemplo, a AMCAP (Associação dos Municípios do Cariri e Agreste Paraibano) já funcionava como um fórum de articulação política que, em parceria com órgãos técnicos como a EMATER e o Sebrae, fomentava a caprinocultura como a alternativa econômica mais viável para o semiárido. O Sebrae, especificamente, já atuava na região com projetos de fortalecimento da cadeia produtiva, buscando profissionalizar o que antes era uma atividade de subsistência.

Paralelamente, o cinema surge como o elemento que consolidou esse processo ao trazer para as telas a estética do Cariri e a figura do bode como elementos cênicos fundamentais, a exemplo de *O Auto da Compadecida,* dirigido por Guel Arraes (filmado em 1998, mas fruto de um histórico de produções na região). Esse conjunto de ações consolidou uma identidade visual que o poder público institucionalizaria apenas no final da década. Portanto, a institucionalização da 'Festa do Bode Rei' não pode ser vista como um ato isolado, mas como o coroamento de um esforço regional coordenado para converter a atividade criatória em um símbolo de distinção territorial. Em suma, a gestão de 1999 não 'criou' a vocação local, mas sim operou uma reconversão política e mercadológica de elementos, cinema, artesanato de couro e pecuária que já circulavam sob a orientação de agentes técnicos e culturais de instituições como o Sebrae.

É importante ressaltar que o objetivo desta pesquisa não consiste em propor alternativas econômicas para o município, mas em compreender os processos de reconversão produtiva, com a marca das grandes fazendas. Todavia, só é possível apreender a dinâmica produtiva gestada por essas propriedades a partir de uma sucessão de transformações territoriais: iniciada no ciclo da pecuária e do algodão transitando para o território das secas e da açudagem e culminando, contemporaneamente, no território do turismo rural, ancorado na estética geológica e na imagem projetada pelo cinema. Essa transição sinaliza a emergência de um poder contemplativo que reconfigura a histórica autoridade do latifúndio. Se no período áureo da pecuária o poder era impositivo exercido sobre o corpo do trabalhador e o rigor da lida, na reconversão ele se torna estético. A abertura das porteiras ao turismo opera uma transfiguração: o antigo 'coronel' assume a face de 'curador' da paisagem, e o domínio sobre a terra agora se

exerce por meio da gestão do olhar do visitante. O que outrora era o 'feio' da aridez e da seca é reciclado como o 'belo' da autenticidade sertaneja, permitindo que a grande propriedade se mantenha central na dinâmica territorial, não mais pela produção de carne ou fibra, mas pela venda da contemplação e do simulacro de uma ruralidade pacificada.

A compreensão do turismo rural nesta pesquisa não se limita à sua dimensão econômica, mas também o situa como um fato histórico e social que emerge em contextos de crise, materializando-se em transformações duráveis nos usos do território. Como se observa na literatura contemporânea, esse processo de reconversão produtiva não implica necessariamente uma ruptura com as estruturas do latifúndio, mas sim a sua reatualização por meio de novas racionalidades simbólicas que garantem a permanência do poder no espaço rural. Dialogando com autores como Ramiro, Oliveira e Kamada (2023), Ramiro e Romero (2012), Ramiro e Menezes (2021) e Meneses (2018), percebe-se que a atividade turística, ancorada na estetização da paisagem e na memória das elites agropecuárias, funciona também como uma estratégia de manutenção de prestígio. Trata-se de uma 'invenção de tradições', nos termos de Hobsbawm e Ranger (1984), ou da construção de uma 'feira de mitos' conforme aponta Albuquerque Jr. (2013), onde o passado produtivo é convertido em capital simbólico para assegurar a continuidade das hierarquias locais diante da inviabilidade do modelo agrícola tradicional. Processos e símbolos, fazenda, terra, secas, pedras, que evocam antiguidade imemorial, “rústica” e secular, são, na verdade, fruto de consagração e legitimação bem mais recente de discursos e práticas de poder nas últimas décadas do século XX (cinema, patrimônio, turismo estético, sustentabilidade).

Vale salientar também que essa investigação sobre a reconfiguração do patrimônio fundiário no contexto das elites paraibanas encontra similaridade com estudos recentes que exploram a dinâmica da reconversão em outros contextos regionais. É o caso da dissertação de mestrado de Samara Sales (2026), que se debruça sobre esse processo de reconversão e manutenção do poder com um olhar mais específico para a arquitetura das antigas casas nas propriedades do Brejo. A análise de Sales, ao tratar do processo em outra região da Paraíba, adquire um importante referencial comparativo para este trabalho, que se concentra nas fazendas do Cariri. Essa tendência histórica de adaptação das antigas fazendas também ressoa com os estudos de Marcos Piccin (2012, 2014) sobre os estancieiros do Sul do Brasil. Nesse contexto, a figura do estancieiro/fazendeiro atua como um agente de poder que mobiliza não apenas o capital econômico (terra), mas primordialmente o capital simbólico acumulado ao longo de gerações.

Nesse contexto, a transformação dessas grandes fazendas, tanto em suas dimensões econômicas quanto simbólicas, indica que a conversão de antigas monoculturas em hotéis-fazenda ou de latifúndios pecuários em roteiros turísticos “de sertão profundo” tornou-se uma estratégia por meio da qual a grande propriedade rural busca preservar não apenas seu território físico, mas também, indiretamente, o simbolismo de seu patrimônio no território. No atual cenário, as mudanças nas bases econômicas (da produção para atividades turísticas e serviços), nas representações simbólicas e nas próprias narrativas parecem funcionar como mecanismos de centralidade das atividades econômicas, herança de um processo histórico que tentou legitimar a centralidade do latifúndio ao longo dos séculos (Maia E Cunha, 2015).

Em âmbito local, observam-se transformações na utilização do patrimônio fundiário que incorporam novas dinâmicas socioeconômicas sem, contudo, resultar na fragmentação do latifúndio - fenômeno divergente do identificado na região de Cuité, no Curimataú paraibano (Oliveira, 2018; Cavalcanti, 2019). Para compreender essa persistência da grande propriedade, é fundamental evocar a análise de Meneses (2018, 2023) sobre os 'ricos do campo'. Segundo o autor, esses agentes, ao reconverterem suas atividades produtivas, mobilizam mecanismos que garantem a manutenção de sua hegemonia territorial. Tal lógica é nitidamente identificada no processo de 'abertura das porteiras' ao turismo rural em Cabaceiras, onde a nova atividade, até esse período da pesquisa, não apresentou indícios de fragmentação, mas a preservação do latifúndio.

Nesse sentido, os aportes de Nunes (2016) e Meneses (2018) oferecem uma compreensão detalhada das metamorfoses sofridas por essas propriedades frente às crises produtivas seculares, servindo de base para interpretar os processos em curso. Esse arcabouço teórico permite situar o papel de tais propriedades em um cenário mais ampliado de reestruturação interna desses latifúndios que transcende seus limites geográficos e interfere diretamente na dinâmica socioeconômica e espacial do entorno, ou seja, em transformações nas pequenas unidades familiares - contexto no qual residem os jovens, elemento que esteve presente desde o início de nossas investigações.

Todavia, não se pode falar de processos de reconversão no semiárido nordestino sem remeter ao fenômeno das secas e ao trabalho de moradia, elemento sempre presente e redefinidor das dinâmicas sociais e econômicas[4] da região (Meneses, 2023; Cover, 2023). As secas, historicamente, também estão vinculadas às relações de poder, sendo mobilizadas pelos grandes pecuaristas como imagens estratégicas para manterem suas posições (Meneses, 2018).

[4] As grandes secas históricas do Nordeste, especialmente as de 1877, 1915 e 1958, provocaram intensos deslocamentos populacionais e políticas de concentração fundiária que moldaram a estrutura agrária atual.

Diante disso, o turismo rural não pode ser entendido sem esse tipo de relação entre seca, grande e pequena propriedade.

Além disso, o turismo rural carrega em si uma série de outros debates, especialmente acerca de sua viabilidade e de sua real inserção às comunidades locais. Para alguns autores, o turismo rural surge como um reflexo da perda de qualidade de vida nos grandes centros urbanos (Dias, Afonso e Silva, 2017). Para outros, pode ser visto também como uma oportunidade de valorização das comunidades rurais (Ramiro, Oliveira e Kamada, 2023), sobretudo diante da crise que atinge a agricultura familiar (Froehlich, 2000). De modo geral, o turismo rural é uma atividade ainda em consolidação, e um dos principais entraves parece residir na falta de um modelo mais estruturado que envolva o poder público, o setor privado e as comunidades locais (Silva Sousa, 2006).

Nesse contexto, o turismo rural, segundo Graziano da Silva (2002), pode, de fato, representar uma forma de reconversão produtiva, visto que envolve mudanças nas estruturas e práticas de produção. Meneses (2018) salienta que a reconversão não se restringe a mudanças econômicas ou de posição social, mas envolve processos complexos de transmissão de patrimônios e reinvenção de estratégias de reprodução social, perspectiva que encontra respaldo em Saint-Martin (1995). Ou seja, estamos tratando de um fenômeno multifacetado, onde a abertura dessas fazendas ao turismo rural não pode ser compreendida apenas como uma simples transformação econômica, como já temos dito.

Por fim, as questões que estão em análise são os novos processos de reconversão produtiva que se iniciam a partir da grande propriedade e que extrapolam suas fronteiras, mexendo com as dinâmicas sociais, econômicas e territoriais do entorno. Trata-se de compreender como distintos territórios rurais convertem memória, paisagem e práticas culturais em ativos simbólicos e econômicos -movimento já observado em diferentes contextos (Andrade-Matos *et al*., 2021; D'Onofre, 2013, etc.). Nesses casos, a patrimonialização pode ser entendida também como estratégia de diferenciação competitiva que redefine o valor da grande propriedade.

Ao término desta análise, observa-se que os contextos que antecederam a reconversão das fazendas Tapera e Gangorra foram marcados pelo esgotamento de ciclos agropecuários, como o algodão, a pecuária extensiva, o alho e pelo próprio contexto de dissolução da relação de trabalho/moradia e pela pressão de fragmentação fundiária que pulverizou propriedades vizinhas, como a Fazenda Pocinhos. A resposta das linhagens proprietárias a esse cenário de crise não foi a fragmentação, mas a patrimonialização da paisagem. Ao converterem a estética da escassez e o capital cinematográfico em capital simbólico, esses agentes operaram uma

sofisticada manobra de distinção. Onde a seca deixou de ser um estigma social para se tornar um ativo de luxo, legitimando novos discursos de dominação territorial que garantem a integridade do latifúndio sob uma nova roupagem econômica.

Por outro lado, a mercantilização do patrimônio geológico é sustentada por narrativas que transformam o lajedo em um santuário de contemplação - a 'varanda de Deus', criando um mercado de exclusividade onde a geologia é o produto principal. Contudo, essa abertura de porteiras ao turismo não é um processo neutro: ela reconfigura as próprias dinâmicas socioespaciais do entorno. Ao reinterpretar o uso da terra para o lazer e a imagem, as grandes propriedades acabam por ditar as expectativas de permanência nos minifúndios vizinhos, principalmente para os jovens. O turismo setorizado, ou restrito para as fazendas, muitas vezes isola os pequenos produtores, que passam a orbitar uma economia de serviços precários.

Nesse contexto, o Objetivo Geral: analisar o processo de reconversão produtiva e simbólica das fazendas Pai Mateus e Gangorra, investigando como a patrimonialização da natureza e da memória atua como estratégia de manutenção do latifúndio e de reconfiguração das dinâmicas socioespaciais no entorno dessas propriedades.

Os objetivos específicos estão organizados nos seguintes eixos:

- Reconstituir a trajetória de formação fundiária e produtiva das fazendas Pai Mateus e Gangorra, analisando as estratégias de reprodução social das linhagens proprietárias frente às sucessivas crises dos ciclos do gado/algodão até o alho.
- Desvelar e contrastar as narrativas digitais que sustentam o turismo rural nessas fazendas, identificando como a estetização da escassez e do cenário cinematográfico operam a transição do poder impositivo para um poder contemplativo.
- Analisar os transbordamentos socioespaciais da “abertura das porteiras”, questionando como a nova lógica de exploração das grandes propriedades interfere nas expectativas de permanência na terra e nas práticas produtivas das comunidades de minifúndio vizinhas.
- Avaliar as implicações da reconversão na manutenção da hegemonia territorial, discutindo como a transfiguração do latifúndio em ativo geoestético ressignifica as relações de mando e a concentração de capital simbólico no Cariri paraibano.

Metodologicamente, a pesquisa fundamentou-se em uma abordagem de natureza qualitativa e quantitativa. Como instrumentos de análise, mobilizaram-se fontes orais (i) compostas por entrevistas (Quadro 1) com sujeitos que estiveram direta ou indiretamente envolvidos nos processos produtivos das fazendas, bem como aqueles detentores de saberes orais relativos aos seus processos de formação; (ii) mídias digitais, compreendendo postagens

e comentários publicados nas plataformas digitais associadas às fazendas; e (iii) fontes documentais, a partir da consulta a arquivos censitários e aos dados do Censo Agropecuário.

Quadro 1 - Lista de entrevistados da pesquisa

N^0	**Nomes**	**Datas**	**Origem**	**Posição social**
1	José Pereira Irmão	27/08/2024	Sítio Gerimum	Agricultor aposentado, vizinho da Fazenda Gangorra, conhecedor das transformações.
2	Antônio Pereira	19/07/2024	Sítio Malhada Comprida	Agricultor aposentado, produtor de alho, conhecedor das transformações socioeconômicas e ambientais.
3	Edvaldo Gerson de Lima	04/01/2025	Sítio Tapera	Agricultor aposentado, trabalhou na Fazenda Tapera na época de Dr. Lucena; primeiro guia turístico.
4	Gerson de Farias Lima	07/01/2025	Sítio Tapera	Filho de Edvaldo; representante da nova geração de guia
5	José Fernando da Cunha Lima	07/01/2025	Campina Grande	Atual responsável e morador da Fazenda Gangorra.
6	Daniel Lima Diniz	07/01/2025	Campina Grande	Filho do Fernando; abre a Fazenda para processos de reconversão; guia turístico local.
7	Romeira Porto	07/01/2026	Sítio Tapera	Gerente do Hotel Fazenda Pai Mateus
8	José Luiz de Oliveira	05/10/2025	Barra de Santana	Antigo morador e trabalhador da Fazenda Gangorra, da época de Fernando Cunha Lima.
9	Maria do Socorro dos Santos	05/10/2025	Queimadas	Antiga moradora, trabalhador e casada com José Luiz
10	Severina Valdemiro dos Santos	05/09/2025	Queimadas	Irmã de Socorro; trabalhadora da Gangorra; residindo entre sítio Quixaba e Fazenda Caixambú.
11	Josefa Pereira	14/09/2024	Sítio Rio Direito	Agricultora e funcionária pública municipal mãe de adolescente que trabalha em oficina de artefatos em couro.
12	Renato de	14/11/2025	Sítio Caruatá	Agricultor e guardião das memórias

	Oliveira Farias		de Dentro	antigas locais.

Fonte: Elaborado pelo autor

A construção de narrativas orais, conforme propõe Marilda Menezes (apud Maciel, 2020), constitui um recurso metodológico fundamental para a análise das trajetórias sociais no meio rural[5], que se mostrou especialmente eficaz para compreender os processos de transformação vivenciados pelas fazendas e seus papéis nos novos cenários em formação. Essa abordagem também permitiu dialogar com o que alguns autores denominam de "renascimento do rural" (Bertussi e Ramiro, 2023; Ramiro, Oliveira e Kamada, 2023).

Aqui cabe uma observância à **Portaria CNPq nº 2.664/2026** (BRASIL, 2026), especificamente no que tange às diretrizes de integridade e fidedignidade científica estabelecidas nos Artigos 6º e 9º, declara-se que este trabalho utilizou o suporte de Inteligência Artificial Generativa (modelos Gemini e ChatGPT). A referida tecnologia foi empregada de forma subsidiária para a sistematização visual de dados nos infográficos (Figuras 3, 4, 7 e 8), nos diagramas familiares (Figuras 5 e 6), além de atuar na revisão ortográfica, na tradução técnica do *abstract* e no auxílio na estruturação lógica de conectivos textuais. Ressalta-se que as ferramentas operaram estritamente como suporte técnico-operacional, sob rigorosa curadoria e validação do autor e do orientador, garantindo a veracidade, a originalidade e a integridade das interpretações e dados aqui apresentados.

Prosseguindo, compreender a emergência do turismo rural em Cabaceiras requer, inicialmente, a análise das transformações históricas que conformaram as estruturas sociais e produtivas do Cariri paraibano. Para isso, o primeiro capítulo analisa a trajetória socioeconômica de Cabaceiras (PB), investigando a transição de um modelo agrário tradicional para a emergência do paradigma turístico, sem perder de vista a atuação dos grandes latifúndios. Ao 'escavar' as camadas históricas que moldaram o sistema agropastoril e o latifúndio no Cariri, perceberemos a grande proximidade entre as crises e as linhas de reconversão das grandes propriedades. Esse capítulo também demonstra como esse 'novo rural' contemporâneo é um campo de disputas onde a memória agrária e a natureza bruta são ressignificadas como patrimônio e mercadoria turística.

O segundo capítulo dedica-se ao exame aprofundado dos estudos de caso - as Fazendas Tapera e Gangorra - sob uma perspectiva etnográfica e socioespacial. O objetivo é descortinar a fazenda não apenas como uma unidade produtiva, mas como um espaço de sentidos em

[5] A metodologia da história oral, conforme aplicada por Menezes, busca compreender as continuidades e rupturas nas trajetórias das famílias rurais, valorizando as narrativas como fontes legítimas de conhecimento sociológico.

disputa e em constante metamorfose. A análise estrutura-se em quatro eixos interdependentes, mas que no geral se complementam: primeiramente, a cartografia do espaço, que delimita a materialidade do território; em seguida, a trajetória dos atores, mapeando o acúmulo e a conversão de seus capitais (econômico, simbólico e social); o terceiro eixo investiga os contextos pretéritos que pavimentaram o caminho para a reconversão e a construção da imagem turística; e, por fim, analisa-se a materialização das narrativas, observando como o discurso patrimonial se traduz em experiências sensoriais ofertadas aos visitantes no cotidiano das propriedades.

O terceiro capítulo analisa, em perspectiva comparada, os processos de reconversão do latifúndio diante da crise dos modelos produtivos agropecuário extensivo e de sequeiro no semiárido nordestino. Parte-se da discussão sobre o declínio das elites agrárias e da emergência do patrimônio, da memória e da paisagem como novos ativos econômicos e simbólicos. O capítulo também dialoga com experiências nacionais de patrimonialização rural e estabelece os contrastes entre os diferentes processos de revalorização territorial. A análise empírica centra-se nas Fazendas Tapera e Gangorra, destacando a mobilização da "natureza bruta" e do sublime geológico como estratégia distintiva de reconversão. Por fim, apresenta-se uma síntese comparativa que evidencia permanências, diferenças e os tensionamentos entre essas novas dinâmicas rurais e as políticas públicas ainda ancoradas em paradigmas produtivistas antigos e insustentáveis. Nas considerações finais, levantaremos algumas reflexões críticas sobre quem se beneficia desse "paraíso" e por que esse modelo de desenvolvimento ainda precisa ser lapidado e repensado.

CAPÍTULO 1: DO "TEMPO DO ALHO" ÀS CENOGRAFIAS RURAIS: GÊNESE DAS TRANSFORMAÇÕES PRODUTIVAS EM CABACEIRAS

Compreender as atuais dinâmicas de reconversão no município de Cabaceiras exige, antes de tudo, escavar as camadas de sua história. O município carrega em si as marcas de um processo histórico moldado por séculos de um sistema agropastoril baseado no latifúndio e em relações de poder profundamente desiguais (Furtado, 1958). A emergência do turismo, portanto, não ocorre em um vácuo; ela se assenta sobre as ruínas e continuidades de um mundo rural em transformação, marcado aqui pela crise do algodão/pecuária, da produção do alho e da policultura mediada por hierarquias de trabalho e moradia, sem perder a simbologia das grandes e centenárias fazendas de gado.

Para compreender a reconversão produtiva em curso no município, é necessário situá-la em um contexto mais amplo de crise da agropecuária regional ao longo do século XX. Restrições ao crédito governamental, associadas a impasses sucessórios, contribuíram para a fragmentação de diversas propriedades rurais (Silva, 2012), sem, contudo, provocar a completa dissolução da estrutura latifundiária - como se observa nas trajetórias das Fazendas Tapera e Gangorra. Em outros casos, entretanto, grandes fazendas foram incorporadas aos programas de reforma agrária, a exemplo da Feijão e Pocinhos, na década de 1990 (AIRES, 2019), sendo a própria extensão territorial um fator adicional de vulnerabilidade nesses processos. É nesse cenário que a experiência dessas fazendas locais se insere e se distingue.

Além das referências já citadas sobre as grandes propriedades na região do Cariri, como Nunes (2016), Batista (2010), Silva (2019) e Meneses (2018), destaca-se o trabalho da professora Ghislaine Duqué, especialmente o artigo: "*Estrutura fundiária e pequena produção: um estudo de caso no Cariri Paraibano (1985)*". Esse texto constitui um marco de análise do mundo urbano e rural caririzeiro na década de 1980, especialmente para as pequenas propriedades, ao registrar transformações na estrutura fundiária e na pequena produção em um momento em que as relações de terra, a fragmentação produtiva e a vida campesina ainda estavam economicamente e socialmente profundamente vulneráveis.

Sobre a estrutura fundiária diz Duque:

> A estrutura fundiária da região é bastante concentrada. A ocupação revela a predominância do latifúndio, onde se pratica principalmente a pecuária hiper-extensiva. A criação de bovinos, atividade de maior expressão econômica, domina a agricultura, pois leva a ocupar os melhores solos - vales úmidos, terras de vazantes dos açudes - com plantas forrageiras. Ela também transforma o sentido da cultura tradicional do algodão arbóreo, plantado, hoje, menos para a fibra (cujo preço é particularmente instável) do que como pastagem ou para a torta que serve de ração (Duqué, 1985, pp. 170-171).

Sobre o sistema de produção, diz Duqué:

> O sistema de produção tradicional na região é baseado no consórcio pecuária/algodão[3] e na força de trabalho dos "moradores". Estes são trabalhadores sem-terra, admitidos na fazenda de gado para nela plantar algodão na base da "meia ". Entre os pés de algodão também é praticada a cultura de milho e feijão, e, às vezes, o proprietário cede também pequenas parcelas de baixio para outras culturas alimentares.
> Assumir a cultura do algodão, malgrado sua baixa remuneração (instabilidade dos preços no mercado e partilha do produto com o proprietário), constitui, portanto, para o morador, a forma de ter acesso à terra para plantar culturas alimentares e assegurar sua subsistência (Duqué, 1985, p 171).

Esses cenários que Duqué (1985) nos apresenta permitem identificar os pilares do que definimos como o valor de uso da terra no Cariri paraibano. A centralidade da pecuária "hiper-extensiva" e a submissão da agricultura ao gado revelam uma lógica em que a terra era, primordialmente, uma unidade de produção e um instrumento de controle social através do sistema de 'meia'. Olhando para nosso campo de pesquisa, ou seja, as Fazendas Tapera e Gangorra, podemos visualizar esse modelo de exploração da força de trabalho dos 'moradores', cujas vidas estavam atreladas à instabilidade dos preços do algodão, da pecuária etc.

Contudo, é precisamente o colapso desse sistema - marcado pela concentração fundiária e pela exaustão dos solos - que empurra as elites locais para o que Bourdieu define como estratégias de reconversão. Quando a pecuária e as culturas de subsistência deixam de garantir a reprodução social dessas linhagens, a terra deixa de ser apenas o 'chão da planta' para se tornar o 'chão da cena'.

A montagem desse quadro geral nos possibilitará uma melhor compreensão dos processos que marcaram as reconfigurações socioeconômicas e que redefiniram padrões de ocupação, uso da terra e relações de trabalho na região.

Outro elemento simbólico dessa discussão a respeito do uso de tecnologias de convívio com o semiárido foi a algaroba (*Prosopis juliflora*). Vendida como a "árvore da salvação" para a pecuária caririzeira, ela acabou por evidenciar os limites das políticas de modernização conservadora (Cunha e Gomes, 2012). Um outro exemplo são os grandes projetos de açudagem, nos quais o Estado buscou "redimir" a região por meio de obras de infraestrutura hídrica. No contexto regional, podem ser citados os açudes de Sumé e do Congo. No caso de Sumé, estudos realizados nos lotes irrigados mostram que tais iniciativas, embora apresentadas como instrumentos de modernização agrícola e desenvolvimento regional, frequentemente reproduziram relações de dependência e controle político sobre os pequenos produtores. Nesse sentido, Bursztyn (1985) demonstra que os projetos de irrigação no Nordeste estavam muitas vezes associados a práticas de clientelismo e à concentração de poder local, revelando os limites sociais das políticas de planejamento estatal voltadas ao semiárido. Semelhantemente, estudos sobre perímetros irrigados indicam que esses projetos também geraram novas formas de

organização social e disputas em torno do acesso à terra, à água e às políticas públicas, evidenciando a complexidade das relações sociais estabelecidas nesses espaços (Gomes, 2007).

Tudo isso são exemplos das camadas históricas - da violência das elites à tecnocracia de convívio - formando o substrato sobre o qual se assenta a atual reconversão produtiva: onde falharam os projetos hídricos e as monoculturas forrageiras, emerge agora a exploração da estética da aridez como o novo capital da região. Contudo, é importante destacar que o chamado fracasso dessas políticas não se distribuiu de forma homogênea. Para a grande parte da população pobre e desprovida, os efeitos se traduziram na continuidade de trajetórias marcadas pela migração ou pela insegurança alimentar. Já entre os grandes proprietários rurais, mesmo nos casos de insucesso produtivo, houve frequentemente a presença de mecanismos institucionais de amortecimento, como acesso a crédito, a venda de suas terras para programas de assentamento rural, entre outros benefícios, que permitiram uma transição menos abrupta, preservando em grande medida seu patrimônio econômico e social.

Projetando esses processos até os dias atuais, percebe-se que a trajetória delineada por Duqué (1985) abriu espaço para novas interpretações do rural caririzeiro. Nesse movimento, o rural deixou de ser visto apenas como espaço produtivo e passou a ser reinterpretado como atrativo paisagens graníticas "instagramáveis", fazendas históricas, roteiros culturais e cinematográficos o que possibilitou a transformação de antigas propriedades em equipamentos de turismo rural e hospedagem. Assim, continuidades e rupturas se articulam na produção do Cariri contemporâneo, em que memória agrária e mercantilização do rural convivem e disputam significados e usos do território.

Partindo desse entendimento, este capítulo propõe uma trajetória analítica sobre as metamorfoses do cenário produtivo local, mapeando a transição de um Cariri agrário para um Cariri turístico, da Cabaceiras do "tempo do alho" para a Cabaceiras do cinema, dos festivais de bodes e das trilhas de pedras e tábuas de madeira. Argumenta-se que tal transição não constitui um processo neutro, mas configura-se como uma estratégia de salvaguarda do patrimônio fundiário por meio da reconversão de seus ativos. Assim, analisa-se como a crise da agricultura tradicional cedeu espaço a um novo paradigma de exploração do rural pautado na estetização da paisagem, processo que encontrou forte impulso nos suportes midiáticos. Essa mediação ocorre em dois momentos distintos que marcam a diferenciação entre os estudos de caso: primeiramente, pela projeção televisiva e cinematográfica (central na trajetória da Fazenda Tapera) e, posteriormente, pela dinâmica das mídias digitais, que delimitam a inserção e visibilidade da Fazenda Gangorra no cenário turístico regional ou nacional.

Para desenvolver essa análise, o capítulo está dividido em quatro seções temáticas, complementares entre si:

1.1 Cabaceiras (1970-2000): crise agrária e início das transformações rurais

Apresentam-se as principais mudanças produtivas das últimas décadas do século XX, marco da transição para novos processos econômicos.

1.2 Elites e latifúndio no semiárido: permanências e rupturas históricas

Discute-se o papel histórico das fazendas, a crise do modelo agropastoril e a emergência de novos arranjos produtivos.

1.3 A reconversão em escala nacional: mapeando outros processos de patrimonialização rural

São analisadas as diferentes estratégias discursivas adotadas por algumas fazendas em diferentes regiões do Brasil na reconversão de suas atividades produtivas.

1.4 Turismo rural nas fazendas: nova ferramenta ativa de invenção da tradição

Aprofunda-se a leitura sociológica do turismo rural como estratégia de reconversão das classes dominantes.

Encerramos o capítulo com uma reflexão sobre os novos rumos da reconversão ao turismo no contexto local, discutindo suas implicações sociais e simbólicas.

1.1 CABACEIRAS (1970 - 2000): CRISE AGRÁRIA E O INÍCIO DAS TRANSFORMAÇÕES RURAIS

Para compreender o processo de reconversão turística que vem redefinindo Cabaceiras de um município historicamente marcado pela agropecuária para um território orientado ao belo, ao contemplativo, aos cenários cinematográficos e às práticas turísticas entre bodes, pedras, secas e centenárias fazendas, torna-se indispensável revisitar o contexto histórico que sustenta essas transformações. Tal contexto tem como marca indelével a expansão da pecuária pelos sertões, processo que se deu mediante a expulsão dos povos originários e abriu caminho para a constituição das grandes fazendas. Nesse sentido, a tese de Nunes (2016) é fundamental para aprofundar a compreensão dessa dinâmica. Segundo o autor, a pecuária extensiva foi responsável pela consolidação dos grandes latifúndios, configurando-se como um dos principais pilares da estrutura de poder regional montada ao longo dos séculos. Esse processo resultou em forte concentração fundiária e de renda, permitindo às elites rurais não apenas o controle da terra, mas também a hegemonia política e econômica na região (Meneses, 2018).

Antes de avançar na análise dessas transformações, é oportuno retomar a reflexão de Maia e Cunha (2015) sobre seus olhares críticos a partir das leituras dos clássicos da literatura regionalista brasileira do século XX, quando identificaram em autores como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos as narrativas que servem para consolidar um imaginário idealizado do sertão, em que o coronel e o fazendeiro surgem como figuras heroicas ou paternalistas. Essa representação, ao exaltar os grandes proprietários como "desbravadores", contribuiu para o apaziguamento simbólico do latifúndio, obscurecendo as contradições e desigualdades estruturais do Nordeste. É necessário, portanto, distinguir essas narrativas idealizadas das realidades históricas de dominação e poder que persistem até hoje. Como observou Meneses (2018), não se pode subestimar a capacidade das elites rurais de reinventar estratégias de dominação.

Ainda segundo Nunes (2016), o algodão desempenhou papel decisivo nas transformações sociais do Cariri paraibano, distinguindo-se da pecuária, marcada por relações mais estáveis e fortemente concentradas. Por demandar grande volume de mão de obra, a cotonicultura favoreceu a formação de pequenas e médias unidades produtivas no entorno das grandes fazendas (os atuais sítios), organizadas como pequenos agregados familiares. Contudo, essa aparente fragmentação fundiária não implicou autonomia social. Tratava-se, na realidade, de uma relação de sujeição: o ciclo do algodão exigia do fazendeiro a garantia de força de trabalho disponível no período da colheita, o que o levava a ceder parcelas de terra aos trabalhadores como estratégia de controle e dependência. Essa dinâmica também se insere no processo mais amplo de inserção do Nordeste nos circuitos internacionais de exportação durante o século XIX.

Como observa Mike Davis (2011), a articulação entre economias coloniais voltadas para o mercado externo e eventos climáticos extremos, como as secas associadas ao fenômeno El Niño, ampliou significativamente a vulnerabilidade social dessas regiões. Nesse contexto, a fome e a miséria decorrentes das grandes secas não podem ser compreendidas apenas como resultado de eventos naturais, mas como expressão de uma estrutura econômica marcada pela concentração fundiária e pela produção voltada à exportação.

Nesse entremeio, emergiu o cultivo do alho. A magnitude desse ciclo produtivo pode ser observada nos dados da Tabela 1, que demonstram o salto quantitativo dessa cultura em Cabaceiras durante a década de 1980. Em um cenário de sucessivas crises, o alho foi considerado a última cultura de expressiva relevância econômica e social para o município. Registros históricos do Padre Léo Denis (1985)[6] indicam que o plantio remonta a 1910, iniciado

[6] O padre Léon Denis, citado como fonte de 1985, foi pároco e cronista local que registrou aspectos históricos e

por famílias da comunidade de Ribeira que utilizavam métodos artesanais de irrigação às margens do Rio Taperoá. Essa atividade ganhou escala e vigor produtivo a partir de 1979, mediante a intervenção estatal por meio do Programa de Desenvolvimento de Comunidades Rurais (PRODECOR), que institucionalizou e impulsionou a produção local (Medeiros, 2018), elevando-a para uma escala industrial.

Tabela 1 - Produção de alho em Cabaceiras entre a década de 80 90

Tabela 1612 - Variável: Quantidade produzida (Toneladas)

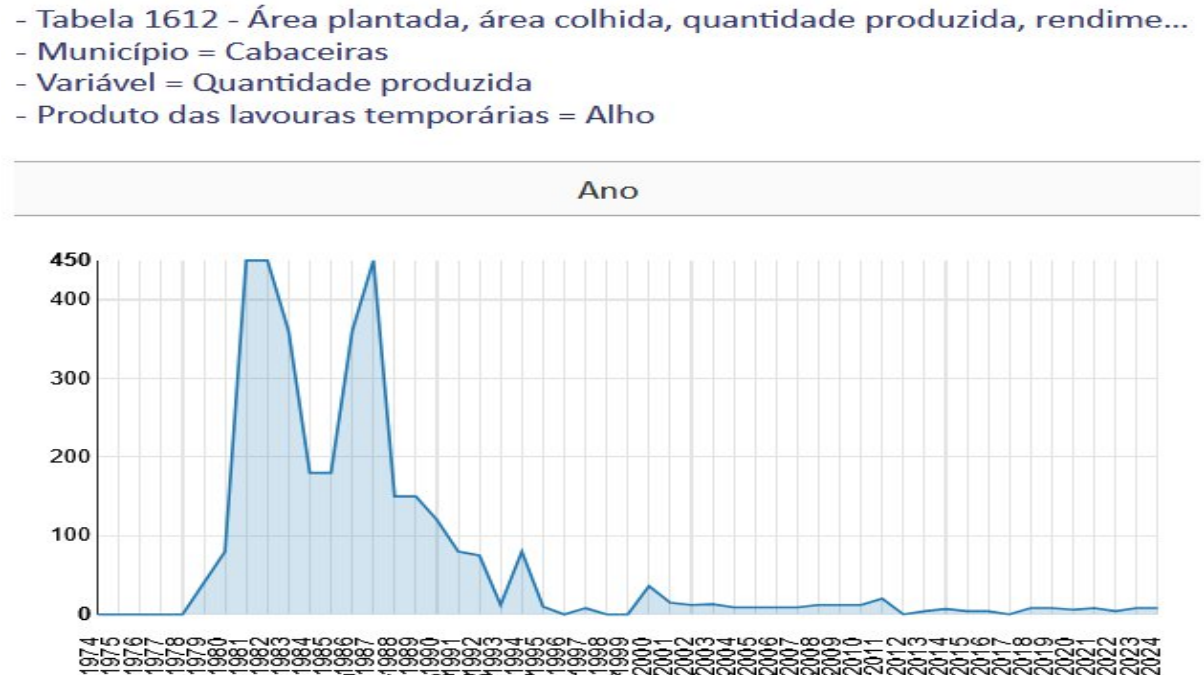
Município-Cabaceiras-PB.								
Ano x Produtos das lavouras Temporárias (alho)								
1980	1982	1984	1986	1987	1988	1990	1992	1994
40	450	180	360	450	150	120	75	80

Fonte: IBGE - Pesquisa Agrícola Municipal

Os dados revelam que o auge da produção ocorreu em 1982 e 1987 (Gráfico 1) atingindo a marca de 450 toneladas anuais. No entanto, a partir de 1988, observa-se um declínio acentuado (gráfico 2), culminando na década de 1990 com valores significativamente inferiores ao período áureo. Esse movimento gráfico descreve não apenas o fim de uma lavoura, mas o esgotamento de um modelo de desenvolvimento baseado na intervenção estatal direta sobre o solo.

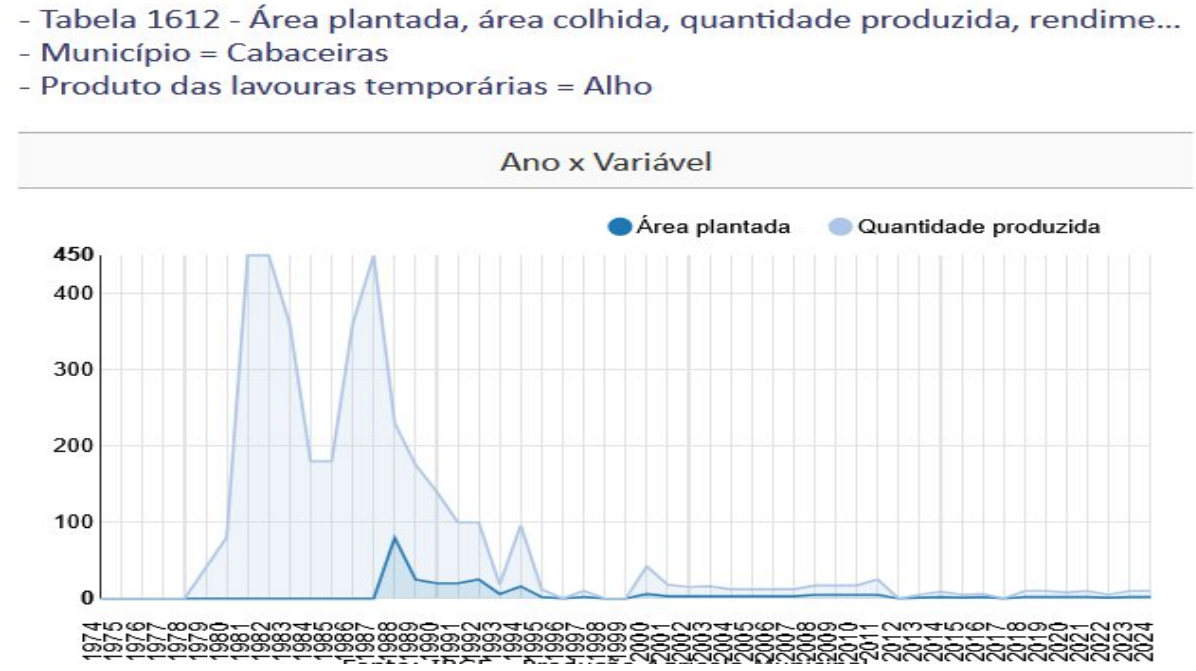
econômicos de Cabaceiras, sendo referência importante para a história oral e religiosa do Cariri paraibano.

Gráfico 1 - Apogeu da produção de alho no município de Cabaceiras-PB



Fonte: IBGE -Produção Agricola Municipal

Gráfico 2 - Declínio da produção de alho no município de Cabaceiras-PB



Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal

A frieza dos números estatísticos ganha contornos de prestígio e distinção social no relato do Sr. Antônio Pereira (“Tota”), antigo produtor nas décadas de 1980 e 1990. Em entrevista realizada em 19/07/2024, enquanto debulhava milho às margens do Riacho da

Gangorra, o Sr. Tota relembrou o impacto da cultura na vida local: as perguntas que orientaram o relato foram: o que se produzia antes da chegada do alho? Por que essa cultura ganhou tanta força no município? E o que ela representou para os agricultores e para a economia local na totalidade? Vejamos:

> (Tota) Antes do alho plantávamos só milho, feijão… essas coisas, só para a sobrevivência. O alho surgiu como um produto que dava muito dinheiro na época. Um período muito bom, porque todo mundo pegava em dinheiro. Era caro demais um quilo de alho. Na época, com 30 quilos de alho, eu comprei minha primeira moto. Dois quilos de alho davam para fazer uma feira. Era uma mina mesmo de dinheiro. Foi uma época em que todo mundo melhorou de vida. Nessa época, o pessoal era correndo atrás de um e de outro para comprar alho, e a gente segurando para ver se dava mais preço. Foi tão do jeito que, por exemplo, em 81, no primeiro plantio, João, Zé Feliz e Silveiro, que vivia no Rio, vieram só pra trabalhar no alho, nesse tempo fomos para o Maribondo (é um sitio?) , e eles não voltaram mais. Até veio muita gente embora para trabalhar no alho... o alho era um estouro.

O depoimento do Sr. Tota, ao associar a produtividade do alho à conquista de bens de distinção espelhado no trabalho de Braga Neto (2025) sobre o tempo do algodão - revela um período em que o prestígio no Cariri estava ancorado na capacidade de extração e transformação física da terra. Contudo, ao confrontarmos o declínio dessa lavoura com o Gráfico 3 abaixo, emerge um paradoxo revelador: enquanto o alho colapsava nas estatísticas, o efetivo caprino mantinha uma curva de crescimento estável, sugerindo que o bode já era a base real da economia, embora ainda carecesse de classificação simbólica e prestígio de símbolo regional, obtido após a última década do século XX.

Gráfico 3 - Efetivo do rebanho caprino em Cabaceiras em uma média histórica



Fonte: IBGE – Pesquisa da Pecuaria Municipal

Observa-se que, nos anos 1980, Cabaceiras já apresentava um aumento constante no rebanho de caprinos. Todavia, a cidade ainda não era projetada como a "Terra do Bode Rei", sendo a sua identidade pública vinculada à cultura do alho. Essa transição demonstra que a mudança do 'ciclo do alho' para a 'era do Bode Rei' não foi apenas quantitativa, mas qualitativa — uma manobra de discursos de poder que legitimam novas identidades regionais. Com o declínio da agricultura comercial, a estratégia de manutenção da posição das elites precisou ser alterada: se no 'tempo do alho' o lucro vinha do produto extraído, na reconversão contemporânea ele emana da preservação da imagem. Sob a lógica da compressão espaço-tempo, a fazenda deixa de produzir para o mercado de produção econômica e manufatura experiências contemplativas, onde a materialidade do roçado é substituída pela imaterialidade do cenário turístico.

Para Malagodi (2023), tal movimento de ampliação das políticas públicas refletia um novo momento político do país, marcado pela abertura do sistema político à sociedade civil e pela busca de novas formas de gestão pública. Para alguns autores, esse período também é caracterizado pela penetração de uma compreensão pós-moderna, que promove mudanças na compressão espaço-tempo e impõe uma ideologia globalizante sobre territórios e recantos mais distantes[7]. Por exemplo, em Cabaceiras, isso se manifesta na ressignificação do espaço rural:

[7] A noção de compressão espaço-tempo refere-se às transformações nas experiências de tempo e espaço decorrentes da intensificação dos fluxos econômicos, tecnológicos e culturais no capitalismo contemporâneo.

a fazenda deixa de produzir para o mercado regional de subsistência e produz imagens e experiências para um mercado global de turismo.

Sobre o declínio da produção do alho nesse município, a partir da década de 1990, dois fatores são apontados, que em certa medida se intercruzam: concorrência com mercados externos e a degradação dos solos. Embora os produtores atribuíssem inicialmente a queda à concorrência de produtos importados, estudos subsequentes demonstram que o principal fator foi a degradação ambiental, especialmente a salinização dos solos com o aumento das temperaturas, o que reduziu a qualidade do produto e comprometeram sua competitivid ade no mercado (Soares, 2008).

A trajetória da caprinocultura em Cabaceiras assemelha-se à do cultivo do alho: ambas transitaram entre pequenos e grandes modelos de exploração econômica nas últimas décadas do século XX. Com o esgotamento do ciclo do alho nos anos 1990, emergiu a necessidade de um novo vetor que sustentasse a economia local, contexto no qual o caprino 'surge' como alternativa estratégica, ou novo ativo econômico, como destaca Pereira (2016). Todavia, segundo Meneses (2018), essa ascensão não foi espontânea, mas articulada pelas antigas elites pecuaristas que, diante da crise agropastoril, apropriaram-se desse elemento rústico da Caatinga para projetá-lo como um 'novo' ativo, convertendo a criação de bodes em símbolo de modernização, “identidade regional” e sustentabilidade.

No cenário municipal, a centralidade alcançada pela caprinocultura é indissociável do processo de reconversão aqui analisado, guardando relação direta com a abertura da Fazenda Tapera ao turismo de natureza. Isso porque a articulação entre o então prefeito Arnaldo Júnior, o Sebrae-PB e o Pacto Novo Cariri[8] capitalizou a projeção mediática do município (especificamente dos atrativos naturais da Fazenda Tapera) para coroar o bode como 'Rei'. Essa aposta no caprino como eixo de desenvolvimento territorial visava associar a identidade regional à cadeia do turismo, não obstante os indicadores (Tabela 2) que revelem as fragilidades estruturais dessa atividade econômica, especificamente daquelas voltadas para a produção de leite.

[8] O Pacto Novo Cariri foi uma iniciativa de desenvolvimento territorial implementada no final da década de 1990, articulando o Sebrae/PB, universidades e governos locais, com foco em projetos de caprinocultura, turismo e economia criativa

Tabela 2 - Bacia Leiteira Caprina Polo Cariri Paraibano, Custos de Produção de Leita de Cabra por 20L/dia

Custo total	R$ 3,84
Receita bruta	R$ 3,18
Margem bruta	R$ 1,08
Margem líquida	-R$ 0,22
Lucro (RB-CT)	-R$ 0,66

Fonte: Adaptação do Painel de Especialistas realizado em 05 de junho de 2022 no município de Cabaceiras-PB com a participação de produtores de leite de cabra de 15 municípios do Cariri Paraibano. (BRASIL, 2022)

Os dados de ineficiência econômica da pecuária tradicional no Cariri funcionam como o divisor de águas desta análise. Enquanto o pequeno produtor permanece retido em um ciclo de 'precariedade institucionalizada' pelo crédito rural (Agroamigo/PRONAF) para a caprinocultura leiteira, as grandes propriedades, como a Gangorra, utilizam o declínio da pecuária bovina como catalisador para a reconversão turística. Para o latifúndio, a insustentabilidade dos antigos modelos produtivos não significa o fim da propriedade, mas a urgência de uma mudança de matriz: sai o valor da arroba ou do litro de leite, entra o valor do ativo de experiência. Essa transição revela uma seletividade institucional, onde o financiamento público e os mecanismos de crédito permitem ao grande proprietário uma retirada estratégica da produção física em direção à exploração patrimonial.

O depoimento de um agricultor retirado do trabalho de dissertação de Farias (2019) corrobora também para o que está posto em números na tabela acima. A cultura caprina, apesar dos incentivos governamentais, não está, no contexto climático e ambiental do momento, contribuindo efetivamente para a sua sustentabilidade econômica da região. Vejamos:

> Eu sempre trabalhei no campo, meu pai plantava alho, mas foi se acabando por conta da estiagem. Hoje ninguém quase planta, cria bode e ovino. Mas criar os bicho também é difícil porque não chove. Aí pra alimentar os bicho a gente tem que comprar a ração que é capim, farelo e torta de milho. (p. 26).

Embora o setor tenha recebido reajustes no preço do litro (R$ 3,51 em 2025), o custo total de produção no polo da caprinocultura paraibana chega a R$ 3,84, evidenciando um prejuízo real para o pequeno produtor. Pelas questões postas, parece que o problema climático as secas é a principal vilã. Todavia, é fundamental distinguir o fenômeno natural da seca de suas interpretações políticas e sociais. Como analisa Meneses (2018), a seca tem sido historicamente instrumentalizada pelas elites regionais. Em períodos anteriores, essa lógica foi

associada ao fenômeno conhecido como “indústria da seca”[9]; mais recentemente, observa-se sua reconfiguração sob o discurso da “convivência com o semiárido”.

Do ponto de vista técnico, Alves (2003) explica que as estiagens na região derivam de dinâmicas climáticas intrínsecas, visto que aproximadamente 70% da precipitação no norte do Nordeste está condicionada à Zona de Convergência Intertropical (ZCIT). A irregularidade inerente a esse sistema, quando sobreposta a modelos produtivos intensivos e extensivos prescindindo-se aqui do debate sobre o agravamento desses fenômenos pelo aquecimento global, resulta na amplificação dos efeitos das secas. Episódios históricos, como as secas de 1877 e 1915, detalhadamente registrados por Padre Leó Denis (1985) nesse município, e imortalizados nas obras de Rachel de Queiroz (1935) e Graciliano Ramos (1938), exemplificam a profundidade da vulnerabilidade social e a dimensão trágica desse fenômeno no semiárido.

Mike Davis (2001) também analisa esse contexto das grandes secas e argumenta que esses episódios, embora desencadeados pelo fenômeno climático El Niño, não podem ser compreendidos como desastres puramente naturais. Para ele, a catástrofe foi agravada pela atuação de diversas forças sociais e políticas, inseridas no capitalismo imperial e nas políticas liberais da época. Nessa mesma direção, Neves (2012) reforça também que essas secas não devem ser lidas apenas como fenômeno climático, mas como produto da ação de agentes externos, tais como a imprensa, técnicos, elites locais, Estado e instituições religiosas, que contribuíram para consolidar a imagem do Nordeste como “região-da-seca”. Esse conjunto de intervenções não só estruturou representações duradouras sobre a região, como também criou as condições para o surgimento de arranjos institucionais e políticos que moldaram o território e sua historiografia, exemplificados pela criação, em 1909, do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas).

Nesse cenário de reconversão, torna-se fundamental problematizar o papel das políticas públicas de fomento agrícola, notadamente o microcrédito (Agroamigo) e o Garantia-Safra (PRONAF). Ambas operam sob uma lógica paradoxal: financiam ou subsidiam modelos que o colapso climático e a recorrência das secas já sinalizam como inviáveis. A prova dessa defasagem institucional é o próprio processo de reconversão liderado pelo setor privado: enquanto o Estado insiste em assegurar uma safra que frequentemente não se colhe, as grandes propriedades já reorientam sua lógica econômica para a exploração da paisagem e do turismo, evidenciando que a gestão pública ainda patina em estratégias de mitigação, enquanto o

[9] A expressão “indústria da seca” foi popularizada pelo jornalista Antônio Callado em reportagens publicadas no jornal *Correio da Manhã* em 1959, posteriormente reunidas no livro *Os Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco* (1960), no qual o autor denuncia o uso político e econômico da seca por elites regionais.

território já clama por adaptação. Nesse contexto de pesquisa, o que nos cabe é questionar por que o Estado insistir em manter estruturas de produção economicamente insustentáveis. Ao subsidiar atividades que não geram excedente, mas sim indícios de prejuízo (Tabela 2), tais políticas deixam de atuar como fomento ao desenvolvimento rural efetivo para se converterem em mecanismos de suporte social uma estratégia de sobrevivência que mantém o homem no campo, mas o retém em um ciclo de precariedade institucionalizada.

Apesar de a elevação do efetivo caprino no município (tabela 3) pode soar como aspecto positivo, isso esbarra na insustentabilidade econômica já demonstrada (Tabela 2). Esse cenário denuncia a persistência de um modelo de financiamento que ignora a necessária adaptação ao Semiárido ao reproduzir lógicas produtivas compatíveis com as limitações locais.

Tabela 3 - Efetivo do Rebanho Caprino em série histórica em Cabaceira

Variável- (Cabeças)					
Município-Cabaceiras–PB.					
Ano x Tipo de rebanho (Caprino)					
1974	1984	1994	2004	2014	2024
9475	17660	10751	15150	10000	19000

Fonte: IBGE – Pesquisa da Pecuária Municipal

Diante desse cenário de crise que atua como combustível do processo de reconversão produtiva a Fazenda Tapera passou a desempenhar um papel central como agente de transformação ao promover sua abertura ao turismo rural. Esse processo ocorreu de forma estruturada: primeiramente, houve a intermediação da indústria turística para a exploração comercial da paisagem, com a implementação de trilhas e pontos de visitação controlados no Lajedo de Pai Mateus. Em seguida, essa abertura foi legitimada pela midiatização, quando a propriedade passou a servir de cenário para produções cinematográficas e publicitárias, convertendo o antigo isolamento rural em visibilidade global. Por fim, a abertura consolidou-se por meio da profissionalização da hospitalidade, na qual a antiga casa-grande e as estruturas anexas foram ressignificadas para atender a um público externo ávido pelo exótico e pelo 'autêntico', estabelecendo fluxos de pessoas e capitais anteriormente estranhos à rotina da fazenda.

Esse movimento de ressignificação produtiva não é um fenômeno isolado, guardando semelhanças com o que ocorre nos antigos engenhos do Brejo paraibano, conforme analisam Ramiro, Oliveira e Kamada (2023)[10]. Tais propriedades também converteram seu patrimônio

[10] No Brejo paraibano, antigas usinas e engenhos de açúcar foram reconvertidos em empreendimentos turísticos e culturais, configurando um fenômeno comparável ao observado nas fazendas do Cariri.

histórico e paisagístico em ativos turísticos, substituindo ou complementando a produção agrícola pela exploração da memória e do lazer. No contexto regional, o turismo rural emerge, assim, não apenas como uma alternativa de renda, mas como uma estratégia discursiva de reconversão ancorada na mobilização de valores ecológicos, culturais e identitários. Esses valores passam a requalificar o espaço rural, conferindo novos significados ao território sob a lógica da mercantilização da paisagem.

Conforme Meneses (2018), a retórica da "convivência com o semiárido" e do "desenvolvimento sustentável" funciona como uma nova roupagem para antigas estruturas de poder, permitindo que as elites pecuaristas continuem a controlar os recursos e a narrativa sobre o território. Essa mesma estratégia agora se volta para a atribuição de novos significados ao uso do patrimônio fundiário, ligado às atividades contemplativas e exploração simbólica da natureza pelo turismo de natureza, em outras palavras, esse patrimônio ganha novo significado. Para Dias, Afonso e Silva (2017), trata-se de uma resposta direta a uma nova demanda de consumo e de valorização do campo que é, em parte, fruto da agitação da vida moderna, que impulsiona aqueles com recursos financeiros a buscarem refúgio e lazer fora do caótico ambiente urbano. Hoje, parece ser precisamente esta nova demanda que as elites fazendeiras observaram e captaram para si. Elas perceberam a oportunidade de se capitalizar ao instrumentalizar sua antiga "bandeira da convivência", agora reconfigurada para o turismo rural, garantindo assim, pelo menos, a manutenção do seu patrimônio.

1.2 ELITES E LATIFÚNDIO NO SEMIÁRIDO: PERMANÊNCIAS E RUPTURAS HISTÓRICAS

Primeiramente, antes de um maior aprofundamento no contexto anunciado, vale uma breve contextualização sobre a etimologia do termo já tão citado: fazenda. Segundo Faria (2000), esse termo sofreu uma mutação semântica e funcional ao longo do tempo. Tudo começa com o verbo latino *facere* (fazer). Originalmente associado ao 'tesouro' ou ao fisco (Fazenda Real), o conceito deslizou do âmbito público para o privado, consolidando-se como uma unidade de produção diversificada e, sobretudo, como um núcleo de reprodução social. Para a autora, a fazenda colonial transcendia a função econômica de exploração agrícola ou pecuária; ela constituía um complexo de bens e poderes que conferia prestígio e domínio territorial às elites. Essa flexibilidade inerente à estrutura da fazenda que historicamente alternou entre a subsistência e o mercado fundamenta a sua resiliência e capacidade de reconversão diante de

crises. Nela, a centralidade e a autoridade da posse da terra não derivam mais da mera extensão latifundiária, mas da sua capacidade de suscitar o 'encantamento'.

Maia e Cunha (2015) apontam para a persistência de uma herança histórica responsável por legitimar, ao longo dos séculos, a centralidade do latifúndio na organização social, econômica e simbólica do espaço rural brasileiro. Nesse sentido, suas reflexões dialogam criticamente com a tradição da literatura clássica brasileira e regional, representada por autores como Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre e Celso Furtado, cujas interpretações, ainda que fundamentais para a compreensão da formação histórica do país, contribuíram para consolidar a grande propriedade rural como eixo estruturante de um modelo de desenvolvimento profundamente desigual. Ao tensionar essas leituras consagradas, Maia e Cunha (2015) não negam sua relevância teórica, mas evidenciam como tais narrativas acabaram por naturalizar a centralidade das grandes fazendas, obscurecendo conflitos, assimetrias de poder e outras formas de uso e apropriação do território que escapam à lógica latifundiária dominante.

Todavia, essa perspectiva diverge das interpretações de alguns autores que se debruçaram sobre outras formas de apropriação e uso do território. Entre eles, destacam-se Linhares (1979) e Silva (1997). O primeiro, considerado um dos pioneiros na análise da história do abastecimento e dos sistemas agrários no Brasil colonial, desloca o foco explicativo para além da monocultura exportadora, ao evidenciar a existência de um mercado interno colonial complexo, estruturado pela articulação entre a produção de alimentos, a pecuária e os circuitos de circulação interna. Já o segundo autor não compreende o latifúndio como expressão única e homogênea da dominação territorial, apontando a coexistência de práticas como o arrendamento de sesmarias, o uso comunal da terra e a articulação entre sistemas agrários e mercantis internos. Dessa forma, atividades como a pecuária desenvolvida nos grandes domínios fundiários não se restringiam à lógica exportadora, constituindo também importantes eixos de circulação interna de produtos e de relações sociais relativamente menos dependentes do mercado externo.

Uma das questões que escapam dessa lógica latifundiária é levantada por Nunes (2016) no processo de democratização no acesso e uso da terra por parte de uma classe de trabalhadores que conseguiu reunir recursos e se tornar proprietária de pequenas extensões. Nesse sentido, a tese de Nunes contribui para compreender o processo de desconstrução parcial desse monopólio na região do Planalto da Borborema, a partir da cultura do algodão. Segundo o autor, o cultivo do algodoeiro desempenhou papel crucial na transformação desse cenário:

> Naquele contexto, no auge da produção/comercialização do algodão, o sistema pecuária-algodão-policultura possibilitou a acumulação de capital por parte dos moradores/trabalhadores/meeiros, permitindo que muitas famílias moradoras das fazendas de gado se tornassem proprietárias, formando manchas compostas por pequenas e médias propriedades no mapa fundiário do semiárido. (Nunes, 2016, p. 131).

Nunes explica que, durante o auge da economia algodoeira no semiárido, o sistema produtivo combinado de pecuária, algodão e policultura permitiu a trabalhadores e meeiros acumular algum capital. Essa renda possibilitou que muitas famílias deixassem a condição de moradoras das fazendas e fossem proprietárias de pequenas ou médias terras, modificando parcialmente a estrutura fundiária regional. Entretanto, apesar dessa relativa democratização, o latifúndio ainda é marca persistente, evidenciada pela presença das grandes fazendas que, por sua vez, sempre estiveram associadas à figura de poder por trás de sua manutenção.

Por outro lado, a tese de Meneses (2018) reforça essa ideia da permanência das elites agrárias elites capazes de gerar processos de reconversão social para perpetuar suas posições. Ou seja, mesmo diante de cenários de crise, essas elites constroem visões de mundo e percepções acerca de seu lugar e família usando imagens de secas, pecuária e terra, que lhes permitem se reproduzir socialmente e manter sua hegemonia. A posse da terra, nesse sentido, permanece como marca registrada da estrutura de desigualdade originada no período colonial e ainda visível na configuração das grandes fazendas contemporâneas. O que muda são os processos produtivos que emergem dessas propriedades.

Antes de avançar, convém tecer algumas palavras sobre o conceito de *reconversão***.** Nesse sentido, o conceito de reconversão adotado nesta pesquisa fundamenta-se nas proposições de Bourdieu, Boltanski e Saint-Martin (1973). Para os autores, a reconversão constitui uma estratégia de reprodução social que consiste na transformação de uma espécie de capital em outra mais rentável ou legítima no novo contexto visando à manutenção da posição ocupada pelo grupo na estrutura social. Como observa Meneses (2018) ao aplicar tal conceito ao Cariri paraibano, essa manobra permite que as elites pecuaristas preservem sua posição ao converterem o antigo capital agrário em capital turístico e simbólico. A partir dessa leitura teórica, Meneses traz para uma perspectiva empírica essas definições conceituais para desvendar a manutenção do poder fundiário nas elites pecuaristas do Cariri. Dessa forma, a reconversão assume formas econômico-produtivas, identitárias e institucionais, diálogo esse que o autor complementa com leituras históricas de Garcia Jr. (1989) e estudos de trajetórias de elites com Piccin (2014).

Meneses (2021) também amplia essa ideia de reconversão para além de transformar capital econômico em cultural, e pensa esse como um conjunto de “casas de câmbio

simbólicas", espaços, práticas e instituições onde capitais (econômicos, culturais, jurídicos, sociais, simbólicos) circulam, são negociados e requalificados publicamente. Esses "lugares" podem ser associações, tribunais, concursos, exposições, revistas, cerimônias, redes profissionais etc.

Enfim, por *reconversões* entende-se o processo social pelo qual indivíduos, grupos ou frações de classe reorientam e transformam recursos, práticas e repertórios de legitimação (econômicos, culturais, sociais e simbólicos) visando preservar ou reajustar sua posição social diante de mudanças estruturais no campo econômico, político ou institucional. Meneses explica que o conceito não se limita a identificar mudanças econômicas ou de posição social, mas abrange processos complexos de transmissão de patrimônios e reinvenção de estratégias de reprodução social, protagonizados pelas elites fazendeiras, o que ele denomina reconversão social. A partir disso, ele analisa os mecanismos que sustentam o discurso de "modernização" da pecuária na região, como a transição da lógica de "combate às secas" para a de convivência[11] com ela. Semelhantemente, o turismo rural pode sugerir uma nova atualização desse modelo de convivência com o Semiárido, e não é de se espantar que tenha surgido a partir do latifúndio.

Nesse caso, segundo Meneses (2018), as mudanças nas atividades econômicas ou *reconversões* funcionam como mecanismos de manutenção das estruturas de poder nas mãos das mesmas famílias. O poder que antes emanava da posse da terra e do controle político tradicional, legitimado pela competência técnica, pela inovação e pelo sucesso da caprinocultura, agora experimenta a contemplação do belo como novo ativo econômico. Para esse autor, isso representa para as elites não apenas a garantia de sua sobrevivência econômica, mas, principalmente, assegura a continuidade de seu prestígio e posição social na região, como visto no trecho abaixo:

> Ao moverem suas estratégias de reconversões no patrimônio material e simbólico, dando sobrevida a uma ordem social rural mesmo dentro das intensas mudanças sociais no interior do Nordeste, na passagem entre os séculos XX- XXI. Ao compreender os sentidos que impõem um significado de convivência com as secas, que faz com que a elite pecuarista insista em "recriar" um mundo da "sociedade do couro", é possível captar uma parte importante do processo que fez com que a pecuária caprina – e somente ela – ganhasse não só relevância como tema acadêmico e atividade econômica, mas que fosse colocada no pedestal de um projeto regionalista, enquanto símbolo cultural sertanejo desde de políticas governamentais a eventos turísticos e gastronômicos criados nas últimas décadas no semiárido nordestino. (Meneses, 2018, p.176).

[11] O discurso da "convivência com o semiárido" foi difundido pela ASA Brasil (Articulação do Semiárido Brasileiro) nos anos 2000, substituindo a lógica de "combate à seca" por práticas de sustentabilidade e adaptação climática.

Como ressaltado, o processo de reconversão se dá de tal forma que as elites conseguiram conferir legitimidade a uma imagem e uma ordem social rural "autêntica regional" e nostálgica do couro e das secas, mesmo em meio às transformações rurais e urbanas do Nordeste brasileiro dos séculos XX e XXI. Ao ressignificar a convivência com a seca e recriar o imaginário da "sociedade do couro", essas elites elevaram a pecuária caprina a um lugar central, não apenas como atividade econômica e objeto de estudo acadêmico, mas também como símbolo cultural sertanejo. Assim, o bode foi transformado em emblema de identidade regional, consolidado por políticas públicas, eventos turísticos e gastronômicos, reforçando sua importância no semiárido. Mas o resultado já vimos anteriormente.

Piccin (2012) identifica também um processo de reconversão produtiva puxado pelos estanceiros no Rio Grande do Sul, diante das transformações econômicas e da reestruturação produtiva do setor agropecuário. Nesse contexto, eles redefiniram suas estratégias de reprodução social e patrimonial, com o propósito de manterem suas posições de poder. Esses agentes ampliaram o patrimônio produtivo por meio do arrendamento de grandes extensões de terra a outros grupos econômicos, sobretudo para o cultivo do arroz irrigado e da soja. Tal reconversão não se limitou à esfera produtiva, sendo sustentada por um robusto capital social e político, expresso no controle de instituições de representação do setor agropecuário, como os sindicatos rurais e a FARSUL (Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul). Dessa forma, mesmo em um contexto de mudanças estruturais, os estancieiros lograram conservar e, em muitos casos, ampliar seu patrimônio e sua influência regional.

À luz dessa contextualização, a abertura das porteiras das grandes fazendas ao turismo rural, na região do Cariri, pode ser compreendida como uma nova estratégia de reconversão, que expressa também mudanças no perfil e nas formas de atuação dessa nova geração de herdeiros. Trata-se de um processo de adaptação diante de um cenário marcado por certo descenso social desses herdeiros, especialmente quando contrastado com o passado produtivo dessas propriedades, outrora associadas a grandes figuras e linhagens familiares detentoras de elevado poder econômico, político e simbólico. Dessa forma, a reconversão não rompe com a lógica histórica da dominação fundiária; antes, promove uma metamorfose desse domínio, agora articulado sob novas e sofisticadas linguagens estetizadas, onde o uso do patrimônio fundiário passa a ser orientado menos por sua função produtiva extensiva anterior e agora ancorado no consumo do "belo" e do "autêntico".

Dessa forma, a abertura das porteiras dessas fazendas no Cabaceiras confirma a hipótese de que o poder impositivo das elites agrárias não se extinguiu com as sucessivas secas, mas transfigurou-se. O domínio sobre o território agora é exercido pela curadoria do olhar, onde o

latifúndio, ao se tornar hotel ou cenário, reafirma sua centralidade política e simbólica diante de um minifúndio que ainda luta pela sobrevivência material. A questão central para uma análise ampliada reside no fato de que o turismo rural ao transpor os limites físicos das fazendas, como observado neste município reconfigura as dinâmicas socioeconômicas para além de seus domínios. As fazendas passam a operar como um modelo referencial de inserção em novos ciclos econômicos, funcionando como uma estratégia de permanência e reprodução das estruturas fundiárias que preservam, ainda que sob novas roupagens, o legado de poder e as hierarquias historicamente associadas ao latifúndio. Por outro lado, esse movimento compele os moradores do entorno a se adequarem a novos contextos de relações de trabalho, posse da terra e convívio com o meio, questões essas que envolvem também a própria atuação das políticas públicas para o setor rural.

1.3 A RECONVERSÃO EM ESCALA NACIONAL: MAPEANDO OUTROS PROCESSOS DE PATRIMONIALIZAÇÃO RURAL

Sobre um olhar mais ampliado, os processos de reconversão ocorridos em fazendas pelo Brasil não se deram de maneira homogênea, mas por meio de trajetórias diferenciadas, nas quais cada propriedade mobilizou recursos específicos para se inserir nesse novo circuito econômico. Enquanto algumas fazendas passaram a valorizar elementos históricos, arquitetônicos ou produtivos, outras, como a do Pai Mateus, ancoraram sua estratégia na ativação de atributos naturais singulares, notadamente o conjunto de formações rochosas, convertidas em capital simbólico e paisagístico. Esses diferentes caminhos revelam estratégias distintas de inserção nesse novo mercado de turismo rural, nas quais o território é ressignificado a partir de marcas próprias, sem, contudo, romper com a lógica estrutural do passado, que permanece orientada pela valorização fundiária, pela seletividade do acesso e pela reprodução das hierarquias historicamente associadas ao latifúndio. Essa é a dinâmica deste tópico.

Todavia, antes de avançar nessas perspectivas, faz-se necessário contextualizar e ampliar a compreensão sobre o espaço rural. Para tanto, recorremos às contribuições de Dias, Afonso e Silva (2017)[12] os quais defendem a necessidade de uma compreensão mais ampliada do mundo rural. Para os autores, a chamada "redescoberta" do rural está diretamente associada às

[12] Os autores analisam o turismo rural como um fenômeno contemporâneo associado à urbanização e ao desejo de fuga do ritmo acelerado da vida moderna.

condições da vida moderna, marcadas pela intensificação dos ritmos urbanos e pela sobrecarga sensorial característica dos grandes centros. Nesse contexto, o turismo rural emerge como uma alternativa de escape e de valorização do lazer, ao oferecer experiências associadas à tranquilidade, à natureza e ao distanciamento das pressões cotidianas da vida urbana, conforme explicitado a seguir "avida moderna é marcada pela poluição sonora, ambiental e visual, o que cansa as pessoas. Assim, o turismo rural se torna uma alternativa de saída dos médios e grandes centros urbanos, e é a partir daí que se dá uma importância ao lazer" (Dias, Afonso e Silva, 2017, p. 240).

O meio rural, portanto, deixou de ser concebido exclusivamente como espaço de produção primária de bens alimentares para se constituir também como espaço de consumo de sensações, voltado, sobretudo, às demandas da população urbana. Nesse contexto, a percepção dessa reconfiguração intensificada por um cenário de crise econômica foi determinante para as grandes fazendas passarem a abrir suas porteiras a novas formas de exploração, impensáveis em períodos anteriores, quando tais espaços se mantinham social, territorial e simbolicamente fechados. As experiências sensoriais passam, assim, a configurar-se como um ativo econômico estratégico, dinamizando o mercado do turismo (Gonçalves, 2016). Nessa perspectiva, as grandes fazendas ingressam no processo em posição de vantagem. Por possuírem vastas extensões territoriais, detêm maior capacidade de oferecer espaços de experiências exclusivas ao mercado do turismo rural algo dificilmente replicável em pequenas propriedades.

Segundo esse autor, o turismo rural, em sua vertente contemporânea, não comercializa apenas uma paisagem ou um produto, mas a oportunidade de "sentir" o campo. O valor não está no objeto em si, mas na experiência subjetiva vivenciada pelo visitante. No caso das fazendas da região do Cariri, o que antes era percebido como sinônimo de dificuldade a paisagem seca e árida passa a ser ressignificado como estratégia de reprodução social e econômica, mediante a comercialização de autenticidade, tranquilidade, aventura, contemplação, entre outros valores simbólicos. Assim, Gonçalves reforça que o turismo rural contemporâneo assume uma linguagem capitalista marcada pela valorização das sensações como geradoras de benefícios econômicos e, como vimos, as grandes fazendas detêm esse pioneirismo. Para tanto, cada fazenda apresenta seu potencial diferenciador como instrumento transformador de "sensações" em produtos, isto é, em ativos econômicos. A partir daqui, traremos alguns desses diferenciais.

É fundamental destacar que, na perspectiva de Bourdieu, a crise atua frequentemente como combustível para os processos de reconversão. No caso do Cariri paraibano, e especificamente nas fazendas Tapera e Gangorra, essa premissa se confirma: a crise do modelo

agropecuário diante do colapso climático funcionou como o gatilho para a adoção de estratégias de reconversão produtiva. Todavia, essa condição de crise não foi observada por Piccin (2012) entre os estancieiros em ascensão ao longo de todo o século XX do Rio Grande do Sul. No nosso caso, portanto, a reconversão emerge como uma estratégia de sobrevivência diante de dois cenários de crise. No Cariri, assistiu-se à decadência da pecuária, do algodão e da policultura e, de forma mais localizada, à crise da cultura do alho no município de Cabaceiras, expressão das fragilidades mais amplas da agricultura regional, o que levou à reconversão das paisagens, outrora símbolo da crise produtiva e hoje símbolo de prosperidade. Vive-se, agora, sob a perspectiva da estetização da escassez.

Já na região do Brejo, a crise, como já é sabido, foi a decadência da economia açucareira (Ramiro, Oliveira e Kamada, 2023), processo que desestabilizou as bases tradicionais de reprodução econômica das grandes propriedades. Nesse contexto, o processo de reconversão produtiva e de reorientação mercadológica do território apoiou-se majoritariamente na estetização das casas-grandes, dos engenhos e do patrimônio arquitetônico e histórico vinculado à economia do açúcar. Olhando para esses dois casos, trata-se, portanto, de estratégias diferenciadas de ressignificação e inserção no mesmo mercado; enquanto no Brejo a reconversão se ancora na estetização da opulência (o luxo das casas-grandes e a memória dos barões), no Cariri a estratégia é a estetização da escassez, em que o capital simbólico não é extraído da riqueza arquitetônica monumental, mas da 'beleza do seco' e da aridez geológica. Ambas as estratégias, porém, convergem para o mesmo fim: a manutenção do prestígio das elites ou talvez de sua recuperação. Essa lógica da crise também esteve presente nos demais contextos analisados.

No caso da Serra Fluminense, analisado por D´Onofre (2013), a crise da cafeicultura marcada pelo esgotamento dos solos, pelo declínio da competitividade e pelas transformações econômicas mais amplas atua como fator catalisador do processo de reconversão. Todavia, ainda que não mais cultivado, o café é ressignificado como memória produtiva, identitária e simbólica, sendo mobilizado como marca territorial em folhetos, sites e nos discursos dos anfitriões. Essa situação é muito próxima do modelo de turismo desenvolvido nos antigos engenhos de cana-de-açúcar da região do Brejo paraibano, em que o café também se mantém como elemento estruturante da estratégia turística, deslocando-se assim para o plano simbólico. Diferentemente do Cariri, onde a reconversão se caracteriza pela substituição das bases materiais por experiências simbólicas e paisagísticas.

Para ilustrar, também trazemos o estudo de Andrade-Matos et al. (2021), intitulado *"Da crise cacaueira ao turismo experiencial chocolateiro: o início do movimento de*

reposicionamento de marca do destino turístico Ilhéus-BA", que exemplifica bem o processo de reconversão produtiva. O texto analisa como a região de Ilhéus, após vivenciar o auge econômico do cacau, foi marcada pelo poder dos chamados "coronéis"[13], enfrentou uma crise devastadora com a praga da vassoura-de-bruxa, buscando se reinventar por meio do turismo. A chave dessa reinvenção foi deixar de ver o cacau apenas como uma *commodity* agrícola e tratá-lo como patrimônio cultural e histórico. Nesse caso, a patrimonialização ocorreu a partir da história do cacau, do tempo áureo dos coronéis, das fazendas históricas com seus casarões coloniais e da paisagem da Mata Atlântica cacaueira, todos transformados em narrativas simbólicas que converteram o antigo em novo atrativo turístico.

Andrade-Matos et al. (2021) destacam ainda a lógica do "turismo experiencial", segundo a qual, embora todas compartilhem o mesmo universo "chocolateiro", cada iniciativa desenvolveu estratégias próprias[14] de atração, tornando-se espaços únicos. Elas não vendem "cacau", mas versões e experiências singulares sobre o cacau. Algumas investem na história e no patrimônio arquitetônico familiar, com casarões, móveis e objetos de época, priorizando uma narrativa sensorial que evoca o passado glorioso. Outras, desprovidas desse ativo arquitetônico, enfatizam o processo produtivo, oferecendo imersões que vão desde a colheita do fruto até a fabricação artesanal do chocolate, permitindo ao turista vivenciar a sensação de ser o próprio produtor. Há ainda aquelas que destacam o cultivo ecológico, centrando-se no respeito à biodiversidade e à sustentabilidade.

Esse mesmo tipo de diferenciação é observado na expansão do turismo entre as fazendas que se abriram ao turismo rural no município de Cabaceiras, onde cada uma das que estão abrindo suas porteiras a esse novo roteiro busca criar nichos próprios, evitando a concorrência direta, tentando assim, promover complementaridade entre suas ofertas. No caso da fazenda Tapera precursora observa-se um discurso centrado na paisagem geológica e no misticismo; na Gangorra, segundo a pesquisa de campo e as próprias postagens no Instagram, observa-se a construção de um processo diferenciado, apostando na aventura (trilhas, rapel etc.) e no artesanato autoral (Gangorra Wood). Já na Salambai, mesmo não sendo objeto direto da pesquisa, os relatos apontam para um turismo mais científico, de experimentos e observações.

Pelo exposto, percebe-se que o atual modelo de reconversão produtiva no meio rural coloca essas fazendas em um contexto não mais de unicidade, mas de diversidade. Se, em períodos anteriores, as propriedades eram homogeneizadas pela centralidade da produção

---

[13] A elite cacaueira de Ilhéus e Itabuna consolidou-se entre o final do século XIX e meados do século XX, simbolizando a articulação entre poder agrário, econômico e político na região.

[14] O turismo experiencial busca envolver o visitante de forma ativa e sensorial, valorizando a autenticidade do lugar e a singularidade das práticas locais.

agropecuária como a pecuária ou o algodão, no contexto contemporâneo é justamente o diferencial que lhes garante condições de permanência e reprodução econômica. Nesse sentido, o êxito do turismo rural deixa de depender da adoção de estratégias uniformes e está associado à capacidade dos atores locais de mobilizar atributos específicos de seus territórios, construindo um mix diversificado de experiências. Cada fazenda, ao ativar um atrativo singular, seja a paisagem natural, o patrimônio edificado, a memória produtiva ou as práticas culturais, contribui para o fortalecimento do destino na totalidade, evidenciando que a competitividade territorial se dá menos pela padronização e mais pela complementaridade entre as iniciativas.

1.4 TURISMO RURAL NAS FAZENDAS: NOVA FERRAMENTA ATIVA DE INVENÇÃO DA TRADIÇÃO

No atual contexto, o mundo rural já não pode ser entendido como oposto do urbano, mas como uma realidade relacional e dinâmica, marcada por continuidades, interpenetrações e rearranjos funcionais. O processo de reconversão ao turismo é um exemplo dessa nova funcionalidade e, sob a ótica das Ciências Sociais, pode ser entendido como um fato histórico e sociológico que transcende a mera mudança de atividade econômica. Ele se materializa em transformações sobre os usos do território e em novas estratégias de reprodução social. Dessa forma, a exploração da terra deixa de se orientar pela lógica extensiva, baseada na totalidade da área e na produção agropecuária, e assume um caráter seletivo e restrito, concentrando-se em elementos específicos da paisagem, como lajedos e formações rochosas. Esses elementos, antes marginalizados no uso produtivo do solo, são ressignificados e incorporados como atributos valorizados, indicando uma reconfiguração funcional e simbólica do espaço rural. Nesse sentido, a crise climática e ambiental atua como uma reatualização simbólica para o surgimento de novas racionalidades que, no final das contas, favorecem a permanência ou o comando das dinâmicas econômicas em torno das estruturas do latifúndio, uma vez que estas reúnem todos esses atributos simbólicos.

Nesse sentido, o turismo rural que emerge no contexto de reconversão não pode ser compreendido como uma atividade "neutra" de lazer, mas como uma ferramenta ativa de invenção de tradições (Hobsbawm e Ranger, 1984). Para os autores, tradições que se apresentam como antigas são, muitas vezes, respostas simbólicas a situações novas, formuladas sob a aparência de continuidade com o passado. No Cariri, essa lógica se materializa na forma como determinados elementos da paisagem são historicizados e dotados de significado. No Pai

Mateus, a figura do curador que habita a pedra e se converte em símbolo do turismo rural exemplifica a construção de uma narrativa que vincula o espaço natural a uma memória supostamente ancestral. Semelhantemente, o que vem sendo construído na Fazenda Gangorra, ao designar nomes de animais a pedras milenares, revela um processo de personalização e ressignificação da paisagem, no qual formações geológicas são incorporadas a um repertório simbólico que simula antiguidade e pertencimento. Assim, a "autenticidade" vendida por essas fazendas não é um dado herdado, mas uma construção social deliberada, que seleciona e reorganiza referências do passado para legitimar novos usos, valores e formas de poder no presente.

Essa construção dialoga diretamente com o trabalho desenvolvido por Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2013) em *A Feira dos Mitos*, na qual o autor demonstra como a identidade do Nordeste e do sertanejo foi historicamente inventada, fixada e naturalizada por discursos produzidos por elites intelectuais e agrárias. No processo de reconversão observado nas fazendas analisadas, esse movimento reaparece sob novas formas. Trata-se de espaços historicamente marcados pela concentração fundiária, pela dominação de poucos e pela subordinação de muitos, atravessados por práticas de poder assimétricas que estruturaram a vida rural por décadas. No entanto, no presente, esses mesmos lugares são reinscritos simbolicamente por meio de narrativas cuidadosamente elaboradas para o turismo, rescritas nos materiais de divulgação, nos meios de comunicação e nas redes sociais, como o Instagram, onde esses "novos velhos espaços" são apresentados como territórios autênticos e atemporais. Opera-se, assim, uma estetização do rústico, na qual o sertão deixa de figurar como problema social associado à seca, à desigualdade e à precariedade, para se converter em um mito consumível, domesticado e visualmente atrativo. O que se oferece ao visitante não é a complexidade da realidade do campo, mas uma narrativa curada, que transforma a paisagem e a memória em mercadorias simbólicas ajustadas ao imaginário urbano ávido pelo exótico e pelo "autêntico".

Essa perspectiva também pode ser observada no Brejo paraibano, conforme evidenciam Ramiro, Oliveira e Kamada (2023), ao demonstrarem como as estratégias de reconversão produtiva têm operado, sobretudo, em favor da reprodução das antigas elites regionais. Nesse contexto, a "turistificação" do espaço rural não se apresenta como um processo neutro de dinamização econômica, mas como parte de uma manobra das classes dominantes, herdeiras do modelo canavieiro, voltada à conversão de um capital econômico em crise em capital simbólico. Dessa forma, os antigos engenhos e fazendas são assim ressignificados e transformados em "lugares de memória", nos quais uma história seletiva, centrada nas

trajetórias dos barões, proprietários ou fazendeiros, é também estetizada e oferecida ao consumo dos visitantes como experiência cultural elitizada, apagando conflitos, hierarquias e relações de exploração que marcaram esses territórios.

Essa dinâmica de reatualização de posições sociais é também corroborada por D'Onofre (2013) na Serra Fluminense e por Andrade-Matos et al. (2021), que destacam como a capacidade de mobilização patrimonial é distribuída equitativamente, favorecendo quem já detém o capital político e simbólico. Portanto, o turismo rural nessas antigas fazendas opera sob essa nova lógica que se pode chamar de poder contemplativo: ao designar certos atributos mágicos às formações geológicas, os proprietários ditam os novos rumos do desenvolvimento local. Efeitos extra porteiras: o minifúndio e os sujeitos subalternos ficam em posição de coadjuvantes da "autenticidade" desses locais[15].

Uma nuance fundamental emerge ao compararmos nosso caso de estudo com a realidade da estância gaúcha analisada por Piccin (2012). Diferentemente do ascenso social observado entre os estancieiros do Sul, a reconversão nas Fazendas Gangorra, mais que na Tapera, apresenta-se como uma manobra defensiva diante de um descenso social iminente e da perda de poder material. Como propõem Saint-Martin (1995), a reconversão aqui não visa a expansão do capital, mas a sua conservação sob novas formas. Observa-se uma resistência em renunciar à posse da terra, que deixa de ser um ativo estritamente produtivo para se tornar o último reduto de distinção familiar e prestígio de linhagem, mantendo o status de 'proprietário' mesmo em solo exaurido.

Essa transição da produção para a cena, contudo, não ocorre sem conflitos. Ao priorizar o valor de contemplação em detrimento do valor de uso, o modelo de desenvolvimento pautado no turismo e no audiovisual gera tensões entre as exigências desse mercado e as permanências da tradição. Como alertam Bastarz, Elesbão e Xavier (2017) e Moreira (2014), esse processo pode acarretar a precarização do trabalho, transformando o antigo morador em um prestador de serviços eventual, e o apagamento de identidades coletivas. Cabaceiras e suas fazendas são, assim, reconfiguradas: a identidade camponesa é silenciada em favor de uma paisagem-mercadoria, moldada exclusivamente para o olhar e o consumo do visitante.

É imperativo compreender, e o que mais nos provoca inquietações, que são os processos de reconversão que excedem os limites físicos das porteiras, transbordando para o território e dando novos determinantes sociais e econômicos à vida em uma escala territorial. Não se trata

[15] Sobre a relação entre território e processos de resistência ou manutenção de espaços vitais através da cultura, ver também os trabalhos de Rodrigo Grunwald (PPGCS) sobre terras indígenas na Bahia. Embora em contextos distintos, as pesquisas de Grunwald iluminam como a mobilização de elementos identitários é central nas disputas pelo controle e significação do território frente a pressões externas e mudanças nas estruturas de poder.

apenas da metamorfose de propriedades isoladas, mas da imposição de uma nova lógica territorial em que o entorno é compelido a gravitar em torno do núcleo turístico. Nesse cenário, estabelece-se uma divisão desigual dos benefícios: enquanto as comunidades locais e o pequeno artesanato captam apenas os resíduos da cadeia produtiva, os ativos de maior valor as vistas panorâmicas, o patrimônio místico e os lajedos convertidos em palcos cinematográficos permanecem sob o domínio privado. Esse modelo evidencia uma concentração de renda onde os proprietários do 'cenário' retêm a maior fatia dos recursos gerados, transformando o território em um teatro de operações para grandes produções, enquanto o entorno assume um papel subsidiário de suporte e figuração.

Dessa forma, a reconversão não apenas preserva a integridade do latifúndio, mas expande sua influência ao ditar os novos fluxos de circulação e consumo da região. Para compreender como essa arquitetura de poder e lucro se materializa no cotidiano e na paisagem, o próximo capítulo dedica-se ao universo empírico desta pesquisa. Adentraremos na história, na morfologia e nos relatos da Fazenda Tapera e da Fazenda Gangorra, desvelando as trajetórias de formação e os conflitos que permitiram a transfiguração dessas antigas unidades pecuárias em enclaves de visibilidade global e turística. Em um passe de “mágica” operada socialmente, o feio se transformou no belo.

Para compreender de forma mais concreta como esses processos de reconversão produtiva se materializam no território, o capítulo seguinte desloca a análise para o plano empírico da pesquisa. Nele trataremos as trajetórias históricas, a configuração territorial e as relações sociais associadas às fazendas Tapera e Gangorra, buscando evidenciar **“os caminhos das pedras”** que levaram às transformações e os inseriram em novas dinâmicas econômicas, simbólicas e paisagísticas no município de Cabaceiras.

CAPÍTULO II: "O CAMINHO DAS PEDRAS": TERRITÓRIO, GENEALOGIA E RECONVERSÃO ENTRE AS FAZENDAS TAPERA E GANGORRA

Este capítulo dedica-se à análise etnográfica das Fazendas Tapera e Gangorra, buscando descortinar as camadas que delimitam a transição entre o espaço geográfico-natural e o território de relações sociais, materiais e simbólicas. A abordagem proposta não se limita a uma descrição física, mas investiga as simetrias e divergências históricas em seus respectivos processos de reconversão produtiva, evidenciados a partir também das entrevistas dos proprietários e transformações no uso dos espaços das propriedades. Tal perspectiva evidencia um território onde memórias, práticas e interesses privados tensionam significados, conferindo novos formatos à organização socioespacial e à própria identidade do Cariri paraibano.

A estrutura comparativa entre as fazendas Tapera e Gangorra foi definida a partir de sugestões da banca examinadora em etapas intermediárias desta pesquisa. A inclusão da Fazenda Tapera mostrou-se fundamental por representar um dos pontos iniciais do processo de reconversão produtiva na região. Sem sua análise, a compreensão sobre a Fazenda Gangorra ficaria incompleta, uma vez que esta última se desenvolve em complementaridade ao polo gerado pela primeira. Assim, a escolha de ambas as propriedades permite compreender de forma mais clara as dinâmicas de transformação e de patrimonialização da paisagem no Cariri paraibano.

Nesse processo, sob essa ótica, a reconversão não deve ser compreendida apenas como uma mudança na atividade econômica, da pecuária ao turismo, mas como uma estratégia de reprodução social de uma linhagem que herdou mais que um pedaço de terra, mas um pedaço de história escrita em seus relevos e que parece ser uma das principais buscas, preservação do patrimônio e distinção do grupo proprietário e da estratégia de turismo. Não é somente a terra ou lucro turístico, mas estratégias de poder que buscam legitimar a propriedade em discurso patrimonial que preza pela autenticidade diante das secas. Diante do declínio dos ciclos produtivos, o latifúndio da região das secas e a pecuária reinventam-se ao converter seu capital acumulado em "ativos de experiência". Aqui, a terra deixa de ser valorizada pelo seu rendimento por hectare, sendo estimada pela sua capacidade de suscitar o "sublime", transformando o domínio privado em um cenário de consumo estético e cultural para os citadinos, consumidores com alto poder aquisitivo, por vezes de elites das cidades grandes do Nordeste e de outras regiões do Brasil, todos imbuídos de uma **busca pelo "sertão profundo."**

Nesse processo, o território torna-se o palco de uma disputa simbólica onde o passado é criteriosamente selecionado para servir ao presente. Ao abrir as porteiras para o turismo, os

herdeiros proprietários não apenas comercializam uma paisagem, mas legitimam aquele pedaço de terra como elemento hegemônico no território. A análise das trajetórias dessas famílias revela como a terra, outrora palco de vários processos produtivos, é ressignificada, mas que não apaga a roupagem da preservação patrimonial, redefinindo mais do que apenas as novas maneiras de exploração desse, modificando as fronteiras entre o tradicional e o moderno, o rústico e o sofisticado.

Para descortinar esses processos, o capítulo está estruturado em três dimensões analíticas interligadas. A primeira delas corresponde à descrição do campo de pesquisa, apresentada na seção 2.1, que se desdobra nos seguintes subtópicos: 2.1.1 Fazenda Tapera: o "caminho das pedras"; 2.1.2 Pai Mateus: a construção de uma lenda; 2.1.3 O pretexto da pedra: contextualizando a reconversão na Tapera; 2.1.4 Fazenda Gangorra e o caminho de pedras; 2.1.5 Do pasto à pedra: novos usos da terra; 2.1.6 A resposta à crise: o processo de reconversão na Gangorra. Nessa primeira dimensão, propõe-se realizar uma cartografia sociológica do espaço, mapeando os limites das propriedades, suas marcas geográficas e as estruturas que revelam a coexistência de atividades produtivas passadas e presentes. O foco recai também sobre os sujeitos que protagonizam essa história os proprietários, suas trajetórias sociais e os capitais que acumulam (social, cultural e econômico), permitindo compreender como se configurou a decisão de investir no turismo e de transformar a fazenda em um empreendimento voltado à patrimonialização da paisagem e ao consumo de experiências sensoriais.

A segunda dimensão é apresentada na seção 2.2 De Tapera à Gangorra: a transição do valor de uso ao valor estético na reconversão do latifúndio. Nela, busca-se aprofundar a análise teórica dos processos observados nas fazendas, explorando tanto os aspectos materiais quanto os elementos simbólicos e imateriais que atravessam a reconversão desses espaços rurais.

A terceira dimensão aparece na seção 2.3 Do real ao virtual: estetização da natureza e o mimetismo digital através do Instagram das fazendas Gangorra e Tapera. Nessa parte, descrevem-se os processos de reconversão a partir das diferentes estratégias de visibilidade mobilizadas pelas propriedades. Enquanto na Fazenda Tapera o processo de reconversão turística, em certa medida, já se encontrava consolidado, na Fazenda Gangorra ele ainda se apresenta em construção, apoiando-se fortemente nas dinâmicas de visibilidade e circulação promovidas pelas plataformas digitais, especialmente o Instagram.

Dessa forma, o capítulo procura mapear os diferentes processos de reconversão produtiva no município, nos quais se entrecruzam materialidades, memórias, projetos de futuro e relações de poder, oferecendo também elementos para uma interpretação crítica sobre o atual modelo de desenvolvimento turístico local.

2.1 DESCRIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A partir deste ponto, conheceremos melhor nosso campo de pesquisa e os contextos econômicos, sociais e ambientais que essas fazendas passaram até desembocarem no processo de reconversão ora estudado. Nesse sentido, utilizaremos como instrumentos, dados coletados, fotos, observações nos campos de pesquisa e entrevistas realizadas com moradores que vivenciaram ou mesmo carregam na memória as histórias e relatos contados por parentes que vivenciaram estes momentos de formação, ápice, declínio e entrada nos novos contextos, de reconversão.

Por se tratar de uma dissertação, reconhecem-se limitações quanto ao tempo disponível e à abrangência empírica da pesquisa. Diante disso, o *locus* do estudo foi delimitado entre as fazendas Tapera e Gangorra: a primeira, em razão de seu protagonismo no processo de reconversão; a segunda, por ser experiência turística iniciante em mimetismo com a Tapera e ao mesmo tempo opera sobre diferenciações desse mesmo processo. Importa destacar que, em suas trajetórias de formação, ambas compartilham enredos semelhantes. Constituem-se no mesmo período histórico e sob contextos sociais próximos, marcados por sucessivos processos de mudança de proprietários, até se consolidarem sob uma mesma linhagem de agentes médicos, empresários e políticos que passaram a adotar a terra prioritariamente como forma de investimento. Posteriormente, diante das crises enfrentadas, essas propriedades passam, já em posse dos herdeiros, por novos arranjos de controle e organização, nos quais esses assumem papéis centrais na redefinição dos novos formatos de exploração dos seus patrimônios fundiários. Por fim, o material empírico aqui analisado também permite evidenciar os distintos modos de reconversão produtiva e simbólica estabelecidos entre essas duas fazendas.

2.1.1 Fazenda Tapera: “caminho das pedras”

Não podemos entender o processo de reconversão em curso em todo Cariri da Paraíba [16] sem falar da Fazenda Tapera, gênese desse processo. A sua própria mudança de nome para Hotel Fazenda Pai Mateus é um atestado dessa reconversão. As análises das entrevistas com o senhor Edvaldo, 78 anos, (no dia 04/01/2026), nascido no sítio Tapera e trabalhador por mais

[16] Um outro exemplo contemporâneo que reforça essa tendência de reconversão na região é o caso da Fazenda Poço das Pedras, localizada em São João do Cariri (disponível em: https://www.instagram.com/fazendapocodaspedras/). Esta propriedade, assim como as analisadas neste estudo, ilustra a transição de atividades rurais tradicionais para o segmento de eventos e turismo rural, evidenciando a capilaridade desse modelo de negócio no semiárido.

de duas décadas nessa Fazenda, foram bastante esclarecedoras, uma vez que ele remontou todo o percurso de transformações até os primeiros momentos de abertura das porteiras aos primeiros turistas. Ele se tornou o primeiro guia turístico do local. E outra entrevista de igual importância foi realizada com seu filho, Gerson (7/01/2026), também grande conhecedor dos processos sociais no local, herdeiro do seu pai em conhecimento e como próprio guia de turismo da nova geração, fundamental para entender os novos processos de reconversão que já não fazem parte só dessas fazendas, mas já fazem parte de um contexto municipal.

A Fazenda Tapera (fotografia 1) está situada no lado oeste da Fazenda Gangorra (como visto lá no mapa 1, no início) com uma extensão territorial de 2.500 hectares, ao incorporar duas outras fazendas: a Caxambu e Rio Direito. Vale salientar que um dos principais acessos para essa Fazenda, via PB 160, é feito "cortando" a Fazenda Gangorra.

Fotografia 1 - Entrada da Fazenda Tapera atual Hotel Fazenda Pai Mateus



Fonte**:** registro feito por Genilson Farias (2025)

A formação inicial dessa Fazenda remonta às primeiras décadas do século XX, aproximadamente por volta de 1920, conforme relato do senhor Edvaldo. Nesse período, a propriedade pertencia à família Soares, tendo como um de seus principais detentores Severino Soares. Posteriormente, a fazenda foi negociada com José Albino, comerciante de tecidos no município. Trata-se de um momento inicial de ocupação, ainda marcado por poucas atividades produtivas estruturadas e por um uso relativamente incipiente da propriedade.

Um novo período na trajetória da Fazenda Tapera se inicia a partir da aliança matrimonial entre a filha de José Albino e Severino Aires família que historicamente desempenhou grande influência no cenário político local e ainda continua a desempenhar ocasião em que este último recebe a propriedade como doação do sogro. Essa configuração, entretanto, mostrou-se instável quando Severino Aires decidiu vender a fazenda a um indivíduo identificado apenas como Raimundo, oriundo da região de Campina Grande. A presença desse novo proprietário é associada, nas narrativas do Edvaldo, a práticas de violência e à introdução de grupos armados na área, episódio que marca um período de tensão, insegurança e desorganização social na Tapera e em seu entorno.

Diante do quadro de insegurança instaurado, Severino Aires intervém novamente, a pedido de seu sogro, para readquirir a Fazenda Tapera com o objetivo explícito de restabelecer a ordem e conter os conflitos então vigentes. Posteriormente, a propriedade é vendida a Crysóstomo Lucena, mais conhecido como Dr. Lucena, médico oculista de reconhecida atuação na cidade de Campina Grande. Segundo o entrevistado, Dr. Lucena estabeleceu uma relação próxima com a comunidade, sendo associado à retomada da tranquilidade social e à realização de investimentos na fazenda. É com ele ainda em vida que se inicia o processo de reconversão da propriedade.

Dr. Crysóstomo Lucena faleceu em 2008, alguns anos após o falecimento de sua esposa, deixando como herdeiros seus filhos Paulo Eduardo Lucena (Duda Lucena) e Quiara Lucena. Atualmente, a Fazenda está sob o comando do seu filho, dando continuidade ao empreendimento iniciado por seu pai e aprofundando as estratégias de reconversão produtiva e funcional da propriedade.

2.1.2 Pai Mateus: a construção de uma lenda

Como já indicado, o contexto histórico analisado é marcado por um padrão relativamente homogêneo de formação e uso das propriedades, ambas estruturadas a partir da pecuária extensiva, do algodão, da caprinocultura, da ovinocultura, da policultura. Mas, com o tempo, todas essas atividades foram se mostrando como insustentáveis diante do aumento das crises climáticas, da ausência de crédito, como também da crise do sistema de trabalho e moradia já avançada nos anos 1980. Na Fazenda Tapera, esse quadro não foi distinto: segundo os relatos coletados, nela já foram desenvolvidas diversas atividades produtivas, com a pecuária, como a criação de gado, caprinos, ovinos, embora constantemente afetada por

adversidades climáticas. Tratou-se, em grande medida, de um sistema produtivo extensivo, realizado em campo aberto, altamente dependente das condições ambientais e, portanto, vulnerável aos ciclos de estiagem característicos do semiárido.

Diante dessas limitações, destacam-se os investimentos realizados a partir da década de 1980 com o objetivo de amenizar as dificuldades relacionadas à alimentação do rebanho, especialmente por meio da construção de barragens e da introdução da algaroba. Conforme o depoimento de Edvaldo, a implantação dessa espécie ocorreu em um contexto marcado por forte otimismo, uma vez que a algaroba era então apresentada como a "salvação" para a pecuária regional, sobretudo em períodos de seca. Segundo o entrevistado, difundia-se a promessa de que se tratava de uma cultura de fácil adaptação ecológica, capaz de se desenvolver "no alto e no baixo", isto é, tanto em áreas elevadas quanto em terrenos mais baixos, mantendo alta produtividade mesmo sob condições de estiagem prolongada.

Inserido no discurso técnico-institucional da época, o Dr. Lucena, então proprietário da fazenda, captou expressivos recursos do Governo Federal para a implantação da algaroba em suas terras. Segundo o relato de Edvaldo, tais investimentos faziam parte de políticas desenvolvimentistas de combate à seca que promoviam a introdução de espécies exóticas e a construção de infraestruturas hídricas, como açudes, visando a 'modernização' do espaço rural. Na Fazenda Tapera, o processo adquiriu escala extraordinária, com aproximadamente dois mil hectares de caatinga nativa desmatados para dar lugar ao cultivo. A intervenção envolveu a mobilização de um contingente significativo de mão de obra para a construção de barragens e o plantio de mudas preparadas, evidenciando a intensidade da transformação imposta ao território.

Essa experiência local dialoga diretamente com a análise de Cunha e Gomes (2012), ao demonstrarem como essas políticas foram orientadas por uma racionalidade técnica que tratava a Caatinga como um obstáculo ao desenvolvimento, legitimando sua substituição por espécies consideradas mais produtivas. Nesse sentido, a introdução da algaroba não operou apenas como uma solução agronômica, mas como a expressão concreta de um projeto estatal que reordenou o território e redefiniu práticas produtivas. Mais do que uma mudança na paisagem, tal modelo reforçou a capacidade das elites rurais de captar recursos públicos, consolidando sua posição de vanguarda diante das intervenções estatais no Semiárido.

Contudo, conforme relatado por Edvaldo, os resultados obtidos não corresponderam às expectativas inicialmente projetadas. Embora a algaroba tenha sido apresentada como uma espécie de ampla adaptabilidade ecológica, capaz de se desenvolver em diferentes condições topográficas e climáticas, na prática sua produtividade mostrou-se restrita a ambientes com

maior disponibilidade hídrica, especialmente nas proximidades de cursos d'água. Assim, a promessa de que essa cultura funcionaria como uma solução estrutural para a sustentação do rebanho não se concretizou, evidenciando um descompasso entre o discurso técnico-institucional e as condições ambientais efetivas da região.

Diante das crescentes dificuldades de manutenção da atividade pecuária, sobretudo relacionadas à escassez de alimento para o rebanho, o proprietário da fazenda, observando a grande quantidade de recursos minerais em sua propriedade (fotografia 2), não pensou duas vezes e instalou uma fábrica de processamento de pedras de granito na propriedade. Segundo os relatos, a fábrica foi implantada em 1995, com a aquisição de maquinário específico e a organização do trabalho em três turnos diários, cada um composto por aproximadamente quinze trabalhadores, indicando uma operação de caráter intensivo e contínuo. Até esse momento, as pedras não passavam de instrumento para mineração.

Fotografia 2 - Matéria prima de exploração granítica



Fonte**:** registro feito por Genilson Farias (2025)

Entretanto, o empreendimento industrial não alcançou sustentabilidade econômica. De acordo com Edvaldo, o insucesso da fábrica esteve associado, principalmente, à ausência de mão de obra qualificada para a operação dos equipamentos. A inexperiência dos trabalhadores que eram da própria região e sem experiências no processo resultava em falhas recorrentes no processo produtivo, como cortes inadequados das peças e o uso excessivo de insumos de alto custo, especialmente os discos de diamante. O elevado nível de desperdício comprometeu a

viabilidade financeira da atividade, culminando na interrupção das operações e no fechamento da fábrica no ano de 1999.

O fracasso sucessivo das atividades agropecuárias e da fábrica de granito, último suspiro na tentativa de manter o poder através da exploração material e técnica da fazenda, marca o fim da era do poder impositivo sobre a matéria. Quando o Dr. Lucena 'perde as esperanças' na transformação física da pedra em mercadoria, abre-se o espaço para a reconversão simbólica: a pedra que antes era cortada e vendida como granito passa a ser contemplada e vendida como narrativas míticas a exemplo do "Pai Mateus". Dessa forma, o lucro, antes buscado na destruição da rocha, agora é encontrado na preservação visual. Esta transição marca o deslocamento da pedra como minério para a pedra como lenda, onde a legitimidade da grande propriedade deixa de ser sustentada pela exaustão dos recursos naturais, sendo garantida pela gestão de um patrimônio simbólico. O lajedo, despojado de sua viabilidade industrial, é revestido por narrativas míticas que o convertem em um ativo de valor imaterial incalculável.

2.1.3 O pretexto da pedra: contextualizando a reconversão na Tapera

Como já situado, a área em estudo localiza-se no interior do estado da Paraíba, inserida na região do Cariri Oriental e integrante do Planalto da Borborema e sobre o Plúton Brabo. Contexto esse que lhes proporciona o predomínio de uma superfície com extensos afloramentos rochosos e solos, em sua maioria, rasos, pedregosos e de baixa fertilidade natural. O clima é do tipo semiárido quente, caracterizado por chuvas escassas e irregulares, geralmente concentradas entre os meses de fevereiro e maio, intercaladas por longos períodos de estiagem. Trata-se, inclusive, de uma das regiões com os menores índices pluviométricos do país. Conjuntamente, essas condições ambientais impõem severas limitações ao desenvolvimento de atividades agropecuárias, configurando o pano de fundo estrutural que sempre condicionou as atividades produtivas locais.

É nesse contexto que, no ano de 1997, a Fazenda Tapera recebe a visita do geólogo da Petrobras Eduardo Bagnoli[17], interessado em conhecer um patrimônio geológico que lhe fora apresentado como singular. Embora, à primeira vista, esse episódio possa ser interpretado como fortuito, à luz do contexto discutido no capítulo anterior, ele não pode ser dissociado do

[17] Eduardo Bagnoli foi um geólogo brasileiro que trabalhou como geólogo e gerente de meio ambiente na Petrobras, com atuação especialmente no Rio Grande do Norte e no Ceará, e foi empreendedor e ativista ligado ao turismo e ao meio ambiente na região Nordeste do Brasil.

processo mais amplo de expansão do mercado turístico, que, à época, buscava novos destinos para além do litoral. Além de ocupar um cargo público, Bagnoli era proprietário de uma agência de turismo e viria a se tornar, posteriormente, dono de um hotel no litoral do Rio Grande do Norte, evidenciando sua inserção direta nos circuitos empresariais do setor e, consequentemente, justificando sua chegada na Fazenda.

A consolidação do turismo rural no Cariri e na Tapera/Pai Mateus deve ser compreendida como resultado de um processo de múltiplas direções que se intensifica a partir da década de 1990, no qual diferentes campos sociais passam a convergir na redefinição dos sentidos atribuídos à natureza, à seca e ao espaço rural. No âmbito acadêmico, debates produzidos na UFPB Universidade Federal da Paraíba já apontavam, nesse período, para os chamados "potenciais" naturais dos Cariris Velhos, mobilizando uma linguagem técnico-científica (figura 2) que, ao mesmo tempo em que descrevia a paisagem, projetava sobre ela usos futuros e possibilidades de valorização econômica. O emprego recorrente do termo "potencial" revela, assim, uma operação discursiva fundamental: a transformação da natureza, das pedras e da própria aridez em recursos latentes, passíveis de ativação econômica e simbólica, antecipando formas posteriores de apropriação turística da paisagem. Tal dinâmica dialoga com a análise de Grünewald (1999), ao evidenciar que processos de turistificação implicam também a produção e negociação de sentidos sobre o território e suas tradições, nos quais elementos culturais e naturais são reconfigurados como recursos de valorização. Aqui, usando das palavras de Sales (2012), estamos diante da compreensão do processo de "invenção de Cabaceiras como cidade turística".

Figura 2 - Capa da publicação "Os Cariris Velhos da Paraíba" (1997)



Fonte: Universidade Federal da Paraíba (1997)

Paralelamente a esse movimento acadêmico, discursos institucionais de desenvolvimento regional, notadamente aqueles formulados pelo Sebrae, passaram a enquadrar a natureza, a cultura e as práticas tradicionais como ativos estratégicos, aptos a serem convertidos em oportunidades de negócio. Soma-se a isso a valorização simbólica da caprinocultura, das antigas fazendas e da própria seca etc. É nesse contexto que a Fazenda Tapera, posteriormente associada ao Pai Mateus, assume papel central como ponto de encontro e legitimação desses discursos já em circulação, articulando saberes acadêmicos, políticas de desenvolvimento, práticas culturais e, mais recentemente, a entrada do cinema, da hotelaria e de um público consumidor de alto poder aquisitivo. Segundo pesquisa realizada por Andrade (2010), o perfil dos turistas que visitam o Pai Mateus atende às seguintes configurações: 60% casados, 80% com curso superior, 28% com renda acima de 10 salários, 34% renda entre 5 e 10 salários e 26% com renda entre 3 e 5 salários. Tal demanda por sofisticação cultural reforça a necessidade de narrativas ancoradas na memória, na terra e na ideia de autenticidade relacionada à imagem de sertão. Nesse sentido, a articulação a discursos de legitimidade em torno da grande propriedade permite que o território semiárido seja consumido como um 'sertão profundo' e autêntico. A seca, historicamente lida como tragédia social, é aqui ressignificada como um ativo distinto: uma estética da escassez que atrai o olhar das elites urbanas. O cinema e o turismo estético operam, portanto, uma alquimia social onde a aridez e o lajedo deixam de

ser obstáculos à produção para se tornarem cenários de luxo e distinção, validando a permanência do domínio fundiário sob uma nova roupagem mercadológica. Processo que culmina em eventos como o Bode Rei, operando a transformação de elementos historicamente associados à escassez em marcas identitárias positivas (Silva, 2008).

Esse contexto todo também despertou o interesse da indústria do turismo, que também enxergou nesse "novo" ambiente uma fonte de exploração econômica. E foi isso que fez o então visitante ilustre, o Bagnoli, ao deparar com as formações rochosas da Fazenda Tapera, recomendando ao então proprietário, Dr. Lucena, a interrupção imediata da extração de granito, atividade que vinha comprometendo aquelas formações geológicas, propondo, em seu lugar, uma nova forma de exploração, considerada mais rentável: o turismo. Agora, explorar as pedras sem cortes. Nesse sentido, inserida em um contexto adverso marcado pela frustração das expectativas associadas à introdução da algaroba, pela recorrência de secas severas, pela estagnação das atividades produtivas tradicionais e pelo caráter deficitário da exploração mineral, essa proposta configurou-se não apenas como uma alternativa econômica, mas como uma estratégia decisiva para evitar a estagnação total da propriedade, conforme indicam os relatos de Edvaldo e Gerson.

No mesmo ano em que ocorreu a visita, Dr. Lucena deu início à construção das primeiras estruturas voltadas ao recebimento de turistas, processo realizado com o aval do próprio agente de turismo e que implicou o abandono definitivo da exploração do granito. Nesse momento inicial, a própria casa-grande da fazenda foi adaptada para acolher os primeiros visitantes — primeiras ações práticas da reconversão — provenientes majoritariamente do público atendido pela agência de Bagnoli, com predominância de turistas europeus, especialmente oriundos de países como Suíça, Noruega e Dinamarca.

Além dessas primeiras adaptações, entre os anos de 1997 e 1999, consolidou-se o incremento de novos apartamentos no entorno da casa-sede para ampliar a capacidade de hospedagem de turistas. A partir dos anos 2000, a propriedade passa a operar de forma mais intensa, impulsionada pelas primeiras produções cinematográficas realizadas no local, com destaque para o filme *O Auto da Compadecida*. É nesse momento que o empreendimento adota o codinome Hotel Fazenda Pai Mateus, ampliando sua infraestrutura e diversificando seu público, abrindo-se de maneira mais sistemática ao turismo nacional. Esse processo coincidiu com a crescente inserção da fazenda no circuito audiovisual, fator que contribuiu significativamente para sua projeção simbólica e turística.

Nas décadas seguintes, a atividade turística foi gradualmente intensificada, tanto pela ampliação da capacidade de hospedagem atualmente próxima de 30 quartos, com possibilidade

de acolher cerca de 100 pessoas quanto pela consolidação da Fazenda como locação recorrente para produções audiovisuais. Segundo os entrevistados, já foram realizadas mais de 40 filmagens entre curtas, longas-metragens e peças publicitárias, com destaque para o impacto da série *Onde Nascem os Fortes* (2018), que ampliou expressivamente o fluxo de visitantes (no **anexo I** apresentamos uma relação das produções cinematográficas realizadas no município de Cabaceiras entre 1921 e 2022). Complementarmente, as visitas escolares passaram a desempenhar papel relevante na mitigação da sazonalidade turística, sobretudo nos meses de menor demanda, como março, abril e maio, segundo Romeira Porto, gerente do hotel. Para ilustrar a amplitude do que estamos tratando, ou seja, do processo de reconversão que extrapolou as porteiras dessa Fazenda, conforme informações repassadas pelo guia Gerson, isso com base em dados repassados pela própria secretária de turismo da prefeitura local, o município já conta atualmente com mais de 580 leitos destinados à hospedagem turística, indicando que o processo de reconversão se tornou uma das principais diretrizes econômicas locais.

Conforme exposto, a trajetória da Fazenda Tapera em direção à reconversão ao turismo não resultou de uma estratégia endógena previamente planejada, podendo ser compreendida, em termos analíticos, como o desdobramento de uma cadeia de eventos contingentes. Esse processo articula-se à expansão do turismo para o interior e à busca por novos meios de reprodução econômica em regiões de clima semiárido, historicamente marcadas pela fragilidade das atividades produtivas tradicionais. Ademais, tal dinâmica ancora-se em discursos de legitimidade que ressignificam a grande propriedade e o território semiárido: por meio do cinema e do turismo de patrimônio, constrói-se o imaginário do 'sertão profundo', onde a aridez e as secas deixam de ser entraves para se tornarem ativos exclusivos, oferecidos como uma experiência de luxo para elites urbanas.

Tal dinâmica, entretanto, não se reproduz de maneira equivalente no caso da Fazenda Gangorra, como veremos de maneira mais detalhada nas seções seguintes. Portanto, é por questões como essas que se justifica a análise comparativa proposta neste trabalho. Na seção seguinte, além disso, será apresentada a trajetória histórica da Fazenda Gangorra, enfatizando seus processos sociais e produtivos, de modo a identificar os elementos de convergência e divergência entre essas duas propriedades rurais, bem como suas distintas formas de inserção ou expectativa de inserção no mercado do turismo rural.

Cabe, por fim, destacar que toda essa área, que inclui as Fazendas Tapera e Gangorra, o Lajedo do Bravo e o Saca de Lã, um complexo turístico que vem sendo formado como produto do desmembramento de parte do complexo Lajedo e Hotel Fazenda Pai Mateus, todos

encontram-se inseridos em uma Área de Proteção Ambiental (APA)[18], havendo, ainda, indicações para sua futura transformação em um só Eco Parque ou Parque Ecológico[19]. Isso seria um novo capítulo do processo de reconversão territorial em curso.

Para resumir, apresentamos abaixo duas **i**lustrações representativas (Figuras 3 e 4) resumindo os processos de transformações na forma de exploração dos espaços desse latifúndio.

Figura 3 - Infográfico do antigo modelo de exploração da Fazenda Tapera (entre os anos de 1920 -2000)



Fonte: Elaboração com a ajuda da Inteligência Artificial (ChatGPT) e partir dos dados de entrevista e observações de campo

Diante dos processos analisados, constata-se que as reiteradas tentativas de manutenção das atividades agropecuárias foram sendo gradualmente esvaziadas pelas sucessivas crises econômicas e ambientais que comprometeram sua viabilidade. A extração mineral emerge, nesse contexto, como uma das últimas atividades de exploração material da fazenda antes da

[18] A Área de Proteção Ambiental (APA) é uma categoria de Unidade de Conservação (UC) de Uso Sustentável, instituída pela Lei nº 9.985/2000 (SNUC). Caracteriza-se por ser uma área em geral extensa, com certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas. No caso em tela, as propriedades e monumentos geológicos citados integram a **APA do Cariri**, criada pelo Decreto Estadual nº 25.083/2004, que visa proteger a biodiversidade da Caatinga e o patrimônio geomorfológico e arqueológico da região, conciliando a conservação ambiental com o desenvolvimento socioeconômico, incluindo o turismo sustentável.

[19] Enquanto a **APA** (Área de Proteção Ambiental) constitui uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável de domínio público ou privado, o **Eco Parque** (ou Parque Ecológico) caracteriza-se como um recorte espacial delimitado para o uso público, voltado à recreação, ao ecoturismo e à educação ambiental. A principal diferença reside na gestão: a APA é uma moldura normativa para o território, enquanto o Eco Parque é uma unidade de manejo que prioriza a "mercantilização da natureza" e a infraestrutura de acolhimento turístico, funcionando, muitas vezes, como o selo de sustentabilidade que viabiliza a reconversão produtiva de propriedades privadas (DIEGUES, 2001).

abertura para a exploração imaterial (figura 4). Trata-se de uma inflexão significativa, na qual a paisagem, anteriormente associada à feiura ou à degradação, é ressignificada como sublime, convertendo-se em valor simbólico e cultural.

Figura 4 - Infográfico atual modelo de exploração da Fazenda Tapera (de 2000 para os dias atuais)



Fonte: Elaboração com a ajuda da Inteligência Artificial (ChatGPT) e partir dos dados de entrevista e observações de campo

A configuração apresentada evidencia que a suposta 'superação' do latifúndio é, na verdade, uma estratégia de preservação: a lógica extrativista cede lugar à valorização paisagística. Contudo, a mercantilização do 'sublime' e da 'estética da aridez' é uma oportunidade vedada aos despossuídos de terra, tornando-se um produto de luxo exclusivo da grande propriedade. Lucrar com o sublime constitui, assim, o capítulo mais recente de uma assimetria histórica, onde até a ruína produtiva é capitalizada por quem detém o domínio fundiário. Amparado por privilégios herdados, o proprietário converte o resíduo do patrimônio em um ativo cênico e cultural, abrindo caminho para entender processos similares na Fazenda Gangorra e no 'Caminho das Pedras'.

2.1.4 Fazenda Gangorra e o caminho de pedras

A transição entre essas propriedades revela que a reconversão produtiva não ocorre apenas no plano econômico, mas também no simbólico. Assim como na experiência anterior, o território volta a aparecer como um espaço de disputa narrativa, onde a memória rural é selecionada e reorganizada para legitimar novas formas de exploração turística, como veremos agora sobre a Fazenda Gangorra.

A Fazenda Gangorra (fotografia 3) localiza-se no limite oeste da Fazenda Tapera, conforme já vimos no Mapa 1, está situada, aproximadamente, a uma distância de 21 km da sede municipal, delineando-se em boa parte pela rodovia PB-160. A propriedade possui uma extensão territorial de 1.248 hectares e faz divisa, ainda, com a Fazenda Salambaia, ao nordeste, e com a antiga Fazenda Pocinhos, a Leste, convertida em assentamento de reforma agrária em 1996. Essa configuração territorial está inserida sobre um espaço marcado por transformações fundiárias recentes, associadas ao reordenamento das grandes propriedades rurais no Cariri paraibano.

Fotografia 3 - Fachada da Fazenda Gangorra e seus proprietários



Fonte: registro feito por Genilson Farias

Nesse sentido, Meneses (2018), apoiando-se na dissertação de Silva (2012), destaca que tais transformações devem ser compreendidas no contexto do progressivo desmonte do poder histórico das elites pecuaristas na região. Exemplos emblemáticos desse processo são as transformações de antigas fazendas, além da já citada, como Feijão, Mandacaru, Estrela D'Alva, igualmente transformada em assentamento rural. Esses casos constituem evidências

empíricas relevantes das mudanças estruturais em curso e ajudam a situar as fazendas pesquisadas sobre um cenário de perda relativa de centralidade.

A trajetória histórica da Fazenda Gangorra, conforme os relatos obtidos em entrevistas, apresenta semelhanças com a da Fazenda Tapera, sobretudo no que se refere à sucessão de proprietários ao longo do tempo, até sua consolidação nas mãos de agentes vinculados a outros processos sociais, como médicos, empresários e políticos. Esses agentes, além de estarem inseridos em um contexto histórico favorável, também dispunham de maior capacidade financeira para ampliar a posse da terra e investir nesses estabelecimentos. A reconstituição dessa trajetória baseia-se principalmente nos relatos de entrevistas realizadas com José Pereira, Severina, Socorro, José Luiz, Fernando José Moura da Cunha Lima, conhecido como "Fernandinho", filho do falecido Fernando Cunha Lima, e contou com a contribuição do Daniel, filho do Fernandinho.

Como observado anteriormente no caso da Tapera, o núcleo de formação da Fazenda Gangorra se origina no próprio sítio que lhes deu nome à Fazenda, sítio Gangorra, que faz fronteira com o sítio Gerimum. Uma forma de incorporar mais do que seu domínio territorial, mas também os próprios elementos da história local. E os relatos de José Pereira, morador do sítio Gerimum, corroboraram para essa contextualização. Segundo seu depoimento, a origem da Fazenda Gangorra remonta à década de 1920, ou possivelmente a um período anterior, já que ambas as histórias estão entrelaçadas em seus primeiros momentos. Nesse contexto, figuram como primeiros proprietários João Alcântara Guimarães e Geraldo Pereira, personagens hoje pouco rememorados na narrativa local, especialmente quando comparados aos grupos familiares que passam a assumir centralidade posteriormente, em particular as famílias Moura e Cunha Lima

Os primeiros membros da família Moura a assumir a administração da Fazenda Gangorra foram Neco Virgínio de Moura e Ascendino Virgínio de Moura. Esse período representou uma inflexão significativa na trajetória da propriedade, marcada por um novo patamar de investimentos produtivos. Destacam-se a construção de dois grandes açudes na década de 1940, intervenções que ampliaram a capacidade hídrica da fazenda e favoreceram a intensificação da criação de gado, inserindo a propriedade em um contexto de maior capitalização.

Ascendino Virgínio de Moura, a segunda geração da família Moura a assumir a Fazenda, nascido em 19 de março de 1909, em Campina Grande (PB), era advogado de formação e exerceu a profissão paralelamente a uma atuação política expressiva na Paraíba ao longo da primeira metade do século XX. Entre os cargos ocupados, destaca-se o de prefeito do município

de Alagoa Nova, no Brejo paraibano. Sua atuação evidencia a articulação entre propriedade fundiária, capital político e prestígio social, característica das elites regionais do período.

Um novo momento na trajetória da Fazenda Gangorra teve início com o falecimento prematuro de Ascendino de Moura, aos 48 anos de idade, em decorrência de um acidente vascular cerebral. A gestão da propriedade passa então para Fernando Cunha Lima, genro do proprietário falecido, em articulação com sua esposa, Dona Marlene, filha de Ascendino. Sob essa nova administração, a fazenda alcançou um patamar ainda mais elevado de produção, com ampliação das atividades econômicas e fortalecimento de sua posição regional, com o incremento nas atividades de pecuária, detalhadas nas próximas seções.

Entretanto, a morte de Fernando Cunha Lima, em 1978, marcou o encerramento de um ciclo político e simbólico na história local e representou um ponto de inflexão decisivo na trajetória ascendente da propriedade. A partir desse evento, sua esposa e os irmãos de Fernando passaram, abruptamente, a assumir a responsabilidade pela administração e gestão não só dessa fazenda, mas de outros empreendimentos pelo Brasil afora. Esse processo foi marcado por um período de declínio produtivo, decorrente de alienação de diversos ativos econômicos, inclusive do próprio rebanho dessa fazenda, para o pagamento de dívidas e encargos deixados pelo falecido. Em meio a esse movimento de progressiva lapidação do patrimônio, cabe às novas gerações, representadas por seus filhos (Fernando José Moura da Cunha Lima, Paraguaçu Cunha Lima, Ana Cunha Lima e Mero Cunha Lima), assegurar a manutenção da propriedade.

Dentre todos os filhos, coube a Fernando José da Cunha Lima, o “Fernandinho”, assumir diretamente a condução da Fazenda, depois que esta ficou praticamente esvaziada produtivamente. Nesse percurso, contou com a participação de seu filho, Daniel Nunes Cunha Lima, que se juntou ao seu pai na gestão cotidiana da propriedade. Fernandinho é formado em Agronomia e atua profissionalmente na Prefeitura de Campina Grande. Daniel, por sua vez, possui formação em Administração e acumulou experiências profissionais diversas, incluindo trabalho como recepcionista em um hotel pertencente à sua avó, Dona Marlene, e atuação temporária na construção civil, empreendimento de um de seus tios.

Diferente da Tapera, a Gangorra viveu um processo de reconversão marcado pelo descenso social. Enquanto os antepassados (Moura e Cunha Lima) exerciam um poder político e econômico expansivo, diante do contexto apresentado, a geração atual luta para manter os 1.248 hectares em meio a dívidas e ao esvaziamento produtivo. Aqui, a abertura das porteiras é uma estratégia de resistência patrimonial. O uso de nomes afetivos como 'Varanda de Deus' para batizar pontos turísticos revela uma tentativa de sacralizar a propriedade: ao transformar memórias familiares em trilhas turísticas, Daniel e Fernandinho assim convertem o prestígio

político decadente da linhagem em um novo capital, lutando para que o nome 'Cunha Lima' continue associado à terra, ainda que sob uma nova roupagem econômica.

Retomando o contexto, mesmo diante das dificuldades econômicas e da perda de centralidade social da família, a permanência na propriedade constituiu uma escolha deliberada de Fernandinho e, posteriormente, de seu filho Daniel. No caso de Fernandinho, pelo contexto, percebe-se uma decisão com fortes associações ao sentimento de responsabilidade herdado e à recusa em abandonar um território carregado de forte valor simbólico e histórico para ele, principalmente. A chegada de Daniel à fazenda, por sua vez, parece ser inicialmente motivada pelo vínculo afetivo com o pai, mas também pelo apego construído desde a infância ao espaço da propriedade, vivenciado nas férias escolares, quando acampavam com colegas entre as formações rochosas que hoje integram o circuito simbólico e turístico que ele próprio está construindo.

Esse conjunto de experiências e memórias familiares está sendo constantemente ressignificado no processo de reconversão da fazenda, quando Daniel passou a nomear e organizar os espaços segundo referências biográficas e afetivas, como no caso da ‘Varanda de Deus’, local de acampamento recorrente em sua juventude e ponto privilegiado de observação, utilizado por seu avô, por cobrir quase a totalidade da propriedade. Sem falar também das trilhas que hoje nos levam a outros pontos de visitação e que no passado também eram trilhas que seu avô utilizava para a gestão da Fazenda, evidenciando uma continuidade simbólica entre gerações. É nesse contexto que Daniel passa a assumir, gradualmente, responsabilidades pela abertura das porteiras dessa ao turismo, buscando assegurar, antes de tudo, a preservação desse patrimônio simbólico, agora mobilizado por meio de novas narrativas, mais especificamente, em narrativas digitais, que pode ser compreendido como parte de um novo processo de reordenamento fundiário.

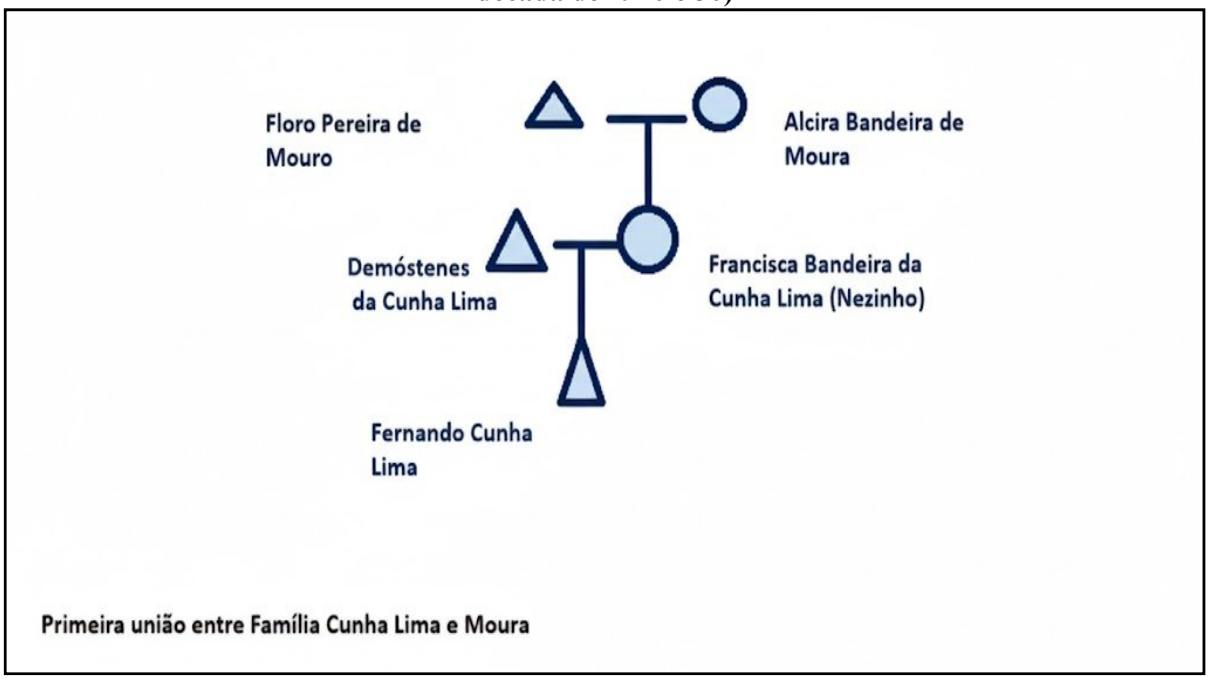
A partir daqui, podemos introduzir uma das primeiras distinções importantes entre os processos de reconversão das duas fazendas. Diferentemente do que ocorreu na Fazenda Pai Mateus, que logrou uma inserção mais consolidada no mercado turístico e hoteleiro, a Fazenda Gangorra expressa a luta de seus herdeiros para converter o capital simbólico remanescente associado ao nome da família e à posse da terra em estratégias de sobrevivência econômica. Nesse caso, a reconversão turística assume mais do que meramente a criação de um novo nicho de mercado, representa a manutenção de uma história, de uma memória afetiva, evidenciando mudanças no caráter da reconversão

Em suma, ao observarmos ambas as trajetórias, percebe-se que, enquanto na Tapera a reconversão foi acelerada por agentes externos e pela projeção do cinema (consolidando uma

estetização profissional), na Gangorra ela emerge como um processo doméstico e resiliente. Aqui, o herdeiro busca no turismo a salvaguarda de uma identidade familiar ameaçada pelo descenso social. Em ambos os casos, o objetivo final converge: impedir que a crise econômica dissolva a grande propriedade, utilizando o turismo como o novo guardião simbólico do latifúndio**.**

A seguir, com o objetivo de sistematizar e tornar mais inteligíveis as relações de parentesco, sucessão e alianças matrimoniais mencionadas ao longo desta subseção, entre Moura e Cunha Lima, construímos dois pequenos diagramas genealógicos (figura 5 e 6) da primeira e segunda união matrimonial e com breve contextualização desses processos, respectivamente. Esse visa explicitar melhor as conexões entre as famílias Moura e Cunha Lima, destacando os vínculos que contribuíram para a constituição, a manutenção e a posterior transformação do poder fundiário, político e simbólico associado à Fazenda Gangorra.

Figura 5 - Diagrama da primeira união matrimonial da família Cunha Lima e Moura (entre a década de 1920 e 30)



Fonte: Adaptação a partir de Monteiro (2016, p. 246) e entrevistas

Como já indicado anteriormente, os atuais contextos de reconversão não podem ser compreendidos sem a reconstituição da história pretérita dessas fazendas e de seus proprietários. À semelhança do que foi realizado no caso da Tapera, busca-se agora remontar, em termos analíticos, os processos de sucessão familiar, os quais constituem a gênese do

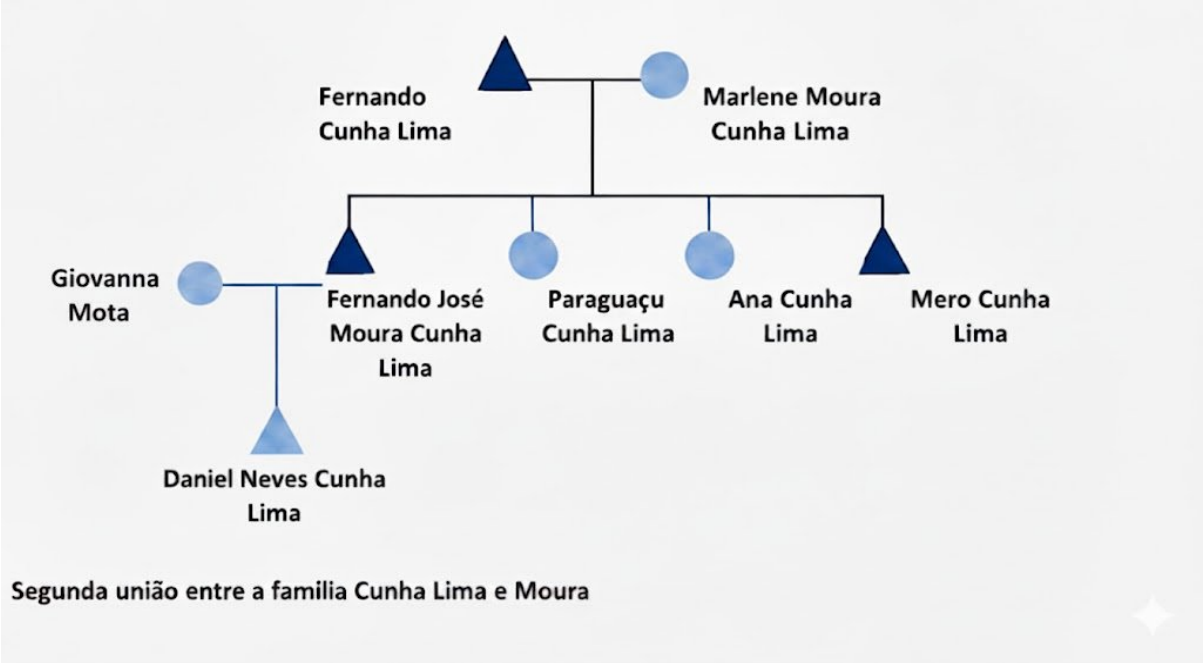
processo atualmente em análise na Gangorra. Nesse sentido, a união entre as famílias Moura e Cunha Lima representou um importante ponto de inflexão. A primeira união se consolidaria pela aliança matrimonial entre essas duas linhagens. Na base desta linhagem, destaca-se a figura de Floro Pereira de Moura, típico expoente da elite agrária do Cariri, que acumulava a liderança política (como Deputado Estadual) e a grande propriedade rural, exercendo o papel clássico do "coronel" sertanejo. Sua união com Alcira Bandeira de Moura (entre a década de 1920 e 30), matriarca e articuladora social, não foi apenas um laço afetivo, mas um movimento de fusão de patrimônio e prestígio.

O ponto de inflexão ocorre quando a descendência deste casal, representada por Francisca Moura da Cunha Lima (Nezinha), une-se a Demóstenes da Cunha Lima. Político de carreira e prefeito de Guarabira durante o Estado Novo, Demóstenes inseriu no grupo o capital político de circulação estadual. Esta "primeira união" fundiu o tronco tradicional dos Moura (o controle da terra) com a ascendente dinastia Cunha Lima, gerando figuras de projeção nacional, como o ex-governador Ronaldo Cunha Lima e seu irmão, Fernando Cunha Lima. Este último surge como o elo vital de transição, conectando a força dos fundadores com a geração seguinte.

Segundo Martins (2023), esses tipos de alianças matrimoniais funcionavam como poderosos vínculos políticos, capazes de consolidar redes de clientela, unir patrimônios e facilitar o controle de cargos e recursos nas esferas municipal e regional. Dessa forma, esse primeiro enlace por meio da união matrimonial entre essas duas famílias representou uma ferramenta estratégica para ampliar o controle econômico, manter sua influência e garantir a sucessão política das oligarquias. A seguir (figura 6), apresentamos o diagrama do segundo momento da união entre as famílias Moura e Cunha Lima, formalizada por laços matrimoniais, momento esse caracterizado por novos contextos históricos e sociais, constituindo ainda um momento decisivo de inflexão na trajetória da Fazenda.

A reprodução desse poder não foi linear, mas sim reiterada por uma nova aliança endogâmica. Em 1966, Fernando Cunha Lima empresário, pecuarista reforçou os laços de parentesco ao casar-se com Marlene Moura Cunha Lima. Como Marlene também carregava o sobrenome Moura da linhagem original, o matrimônio serviu como um mecanismo de "fechamento" da elite, garantindo que o patrimônio territorial e o suporte político não se dissipassem.

Figura 6 - Diagrama da segunda união matrimonial da família Cunha Lima e Moura (década de 1960)



Fonte: Adaptação a partir de Monteiro (2016, p. 246) e entrevistas**.**

Dessa segunda união decorre a configuração da gestão contemporânea da propriedade. Fernando José Moura Cunha Lima, filho de Fernando e Marlene, assume o comando da fazenda, contexto já apresentado anteriormente, posicionando-se como herdeiro direto dessa tradição, ao lado de seus irmãos Paraguaçu, Ana e Mero Cunha Lima. Contudo, essa lógica familiar de alianças matrimoniais entre linhagens tradicionais é tensionada na geração seguinte, a exemplo de Fernando José, que se casou com Roberta Neves, pertencente a um universo social externo às linhagens familiares historicamente consolidadas. Esse segundo diagrama aponta um dado crucial: enquanto as gerações passadas (Floro e Demóstenes) convertiam a terra em capital político direto (cargos públicos), a geração atual (Fernandinho e Daniel) tenta converter a terra em capital de sobrevivência. O descenso social aqui é nítido: o bisneto de um líder político regional agora assume o papel de anfitrião turístico, tentando salvar o patrimônio através da gestão do olhar estrangeiro sobre a terra de seus antepassados.

2.1.5 Do pasto à pedra: novos usos da terra

Como colocado nas entrevistas, a trajetória da Fazenda Gangorra está marcada pela pecuária de raça. E essa posição foi construída por Fernando Cunha Lima ao introduzir o

primeiro gado holandês na região por volta da década de 1970[20], de raça Fleckvieh, mais conhecida no Brasil como Fleckvieh-Simental[21], tem origem na Suíça, especialmente no vale do rio Simme, por isso esse sobrenome, com registros que remontam à Idade Média. No Brasil, a raça é mais difundida sob a denominação Simental e amplamente empregada em cruzamentos, sobretudo com zebuínos, conferindo maior adaptabilidade, vigor e habilidade materna ao rebanho. Abaixo, na fotografia 4, temos a foto desses animais fornecidos por Daniel com o detalhe das informações desse no verso (fotografia 5).

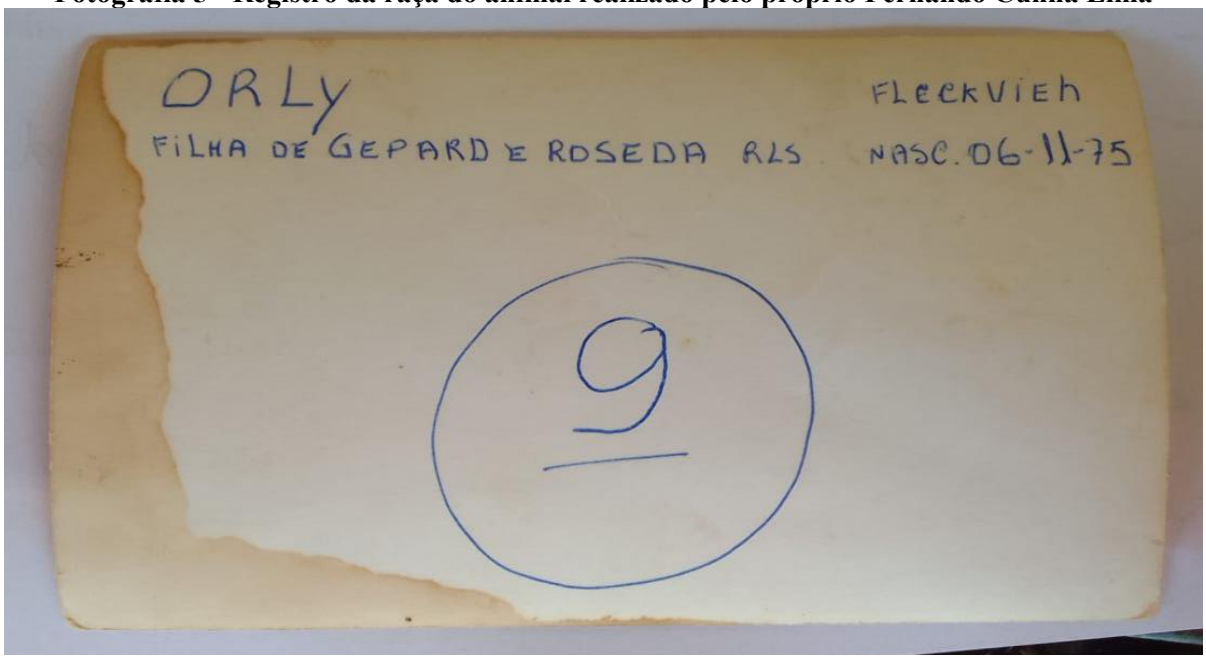
Fotografia 4 - Primeira raça de gado holandês implantada na fazenda



Fonte: registro feito por Genilson Farias

[20] A raça holandesa, de origem europeia, foi amplamente introduzida no Brasil a partir da década de 1960 como parte de políticas de modernização agropecuária, voltadas à produção leiteira intensiva.
[21] SIMBRASIL - Associação Brasileira dos Criadores das Raças Simental - https://simentalsimbrasil.org.br/

Fotografia 5 - Registro da raça do animal realizado pelo próprio Fernando Cunha Lima



Fonte: registro feito por Genilson Farias.

A opção por registrar a foto também pelo verso foi intencional, visando ressaltar a riqueza de detalhes e informações que cada imagem contém: numeradas, datadas e acompanhadas de anotações sobre os motivos ou contextos em que foram tiradas e as pessoas retratadas. Segundo Daniel, esse material evidencia o grau de organização de seu avô na administração da Fazenda, uma vez que era ele próprio quem realizava as anotações como forma de controle. Entre uma fotografia e outra (como a dos animais se alimentando nos cochos, (fotografia 6), surgem também relatos sobre outras histórias e situações ocorridas na fazenda, que serão retomadas ao longo do texto.

Fotografia 6 - Gado Holandês se alimentando nos cochos



Fonte: registro feito por Genilson Farias

Percebia-se o orgulho estampado nos rostos de Fernandinho e Daniel ao comentarem o feito de Fernando Cunha Lima, lembrado como um dos pioneiros na introdução da raça na Paraíba, chegando a ganhar vários troféus como prêmios por esse feito. Fernandinho também relembrou desse período em que a Gangorra contava com cerca de vinte casas ocupadas por famílias de trabalhadores, chegando a ter quase 100 trabalhadores em seu período de maior produtividade. Diante do que já foi apresentado, a morte de Fernando Cunha Lima provoca a ruptura dessa ascensão, momento em que a Fazenda começa a entrar em um processo de declínio.

Diante das dificuldades estabelecidas após a morte de Fernando, uma das alternativas de renda para a manutenção da fazenda foi o arrendamento de terras para a soltura de gado. No entanto, a intensificação dos períodos de seca comprometeu a continuidade dessa atividade. Mais recentemente, a venda da madeira de algaroba contribui em parte para auxiliar nas despesas da propriedade. Cabe salientar que essa espécie foi introduzida por Fernando Cunha Lima no ano de 1964, possivelmente inserida no mesmo contexto observado na Fazenda Tapera, quando a algaroba era concebida como uma alternativa de “salvação” para a região. Atualmente, trata-se de uma espécie marcada por contradições: se, por um lado, dificulta o desenvolvimento de espécies nativas e reduz a disponibilidade hídrica, por outro, constitui uma das poucas fontes de geração de renda que ainda auxiliam na manutenção da fazenda e evitam o corte de outras espécies nativas que ainda restam.

Mais uma vez fazemos menção a trabalhos que se dedicaram ao estudo sobre a introdução dessa espécie na região, como Cunha e Gomes (2012). Ao analisarem a introdução da algaroba no semiárido nordestino como parte de políticas estatais voltadas ao enfrentamento da seca e ao suporte à pecuária[22] carregou um dilema político e científico. Se, por um lado, era vista como solução para a escassez de forragem e para o combate à desertificação, por outro, produziu impactos ambientais duradouros, gerando dependência e alterando dinâmicas ecológicas locais.

Burnett (2017) também contribui para a compreensão dessa experiência ao propor a ideia de uma "saga político-ecológica[23]", em que a algaroba encarna a tentativa de domesticação da natureza pelo Estado e pelas políticas de desenvolvimento voltadas ao semiárido. A narrativa de Fernandinho, ao destacar a presença incontornável da planta ao longo do riacho, reforça a noção de uma espécie que não apenas foi imposta, mas que também se impôs, adquirindo papel central na configuração ecológica e econômica da região.

Voltando, segundo Fernandinho e Daniel, também se tentou o plantio de maracujá, após a perfuração de um poço próximo à casa-sede. A experiência com os primeiros plantios foi exitosa, mas não teve continuidade devido às dificuldades encontradas, principalmente, nas vendas. Diante desse cenário, o turismo e o artesanato surgiram como último caminho a seguir.

Nesse estágio da análise, a categoria de reconversão deixa de ser apenas um instrumento de manutenção de prestígio para tornar-se uma estratégia de sobrevivência 'na e da' propriedade. Ao contrário do que ocorreu na fazenda Tapera, a abertura da Fazenda Gangorra ao turismo emerge da necessidade imperativa de estancar um declínio econômico e social preexistente que poderia ser entendido também como uma reconversão no processo de descenso. Embora o cenário que estabeleceu a crise da agropecuária dessa fazenda não difira daquele que atingiu sua vizinha, o diferencial residiu no fator "oportunidade": a Tapera beneficiou-se de uma conjuntura externa favorável (agência de turismo, depois o cinema) que entregou o modelo de reconversão praticamente consolidado. Já a Gangorra empenha-se em projetar a atratividade de sua geodiversidade ao mercado turístico por meio de um único instrumento, as redes sociais, mais especificamente, o Instagram. Por outro lado, ainda enfrenta dificuldades financeiras para as adaptações estruturais necessárias. Esse hiato de investimento, segundo o proprietário, é o

---

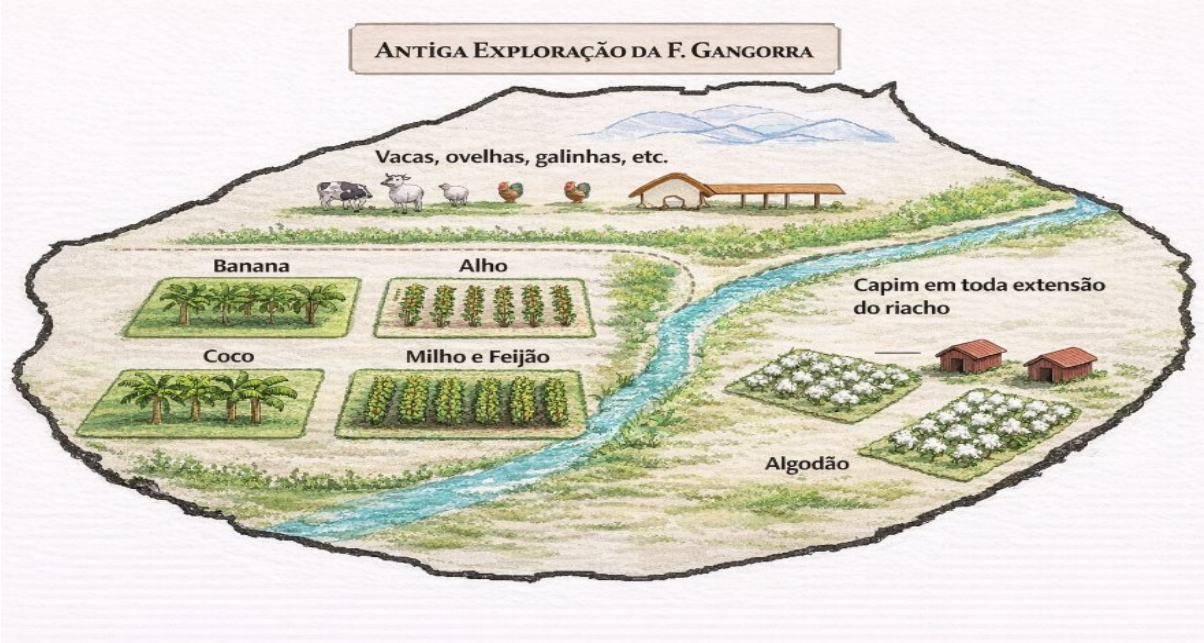
[22] A introdução da algaroba (*Prosopis juliflora*) no Nordeste ocorreu a partir da década de 1940, com forte incentivo governamental, sendo apresentada como política de combate à desertificação e de apoio à alimentação animal.

[23] O termo "saga político-ecológica" é utilizado por Burnett (2017) para descrever as políticas de domesticação ambiental empreendidas pelo Estado brasileiro no semiárido, especialmente por meio de programas de reflorestamento e controle de espécies.

que hoje impossibilita a plena efetivação do potencial latente da fazenda, aprofundando o hiato entre o desejo de permanência e a realidade do descenso. E é nesse ponto que se encontra a Fazenda.

Para resumir, apresentamos abaixo duas **i**lustrações representativas (Figuras 7) e 14) resumindo os processos de transformações na forma de exploração dos espaços desse latifúndio[24].

Figura 7 - Infográfico antigo modelo de exploração da Fazenda Gangorra entre 1920 e 1990



Fonte: Elaboração com a ajuda da Inteligência Artificial (ChatGPT) e partir dos dados de entrevista e observações de campo

Diante dos processos analisados, constata-se que as reiteradas tentativas de manutenção das atividades agropecuárias foram sendo gradualmente esvaziadas pelas sucessivas crises econômicas e ambientais que comprometeram sua viabilidade. A extração das formações rochosas, outras sem qualquer valor produtivo, para ser explorada como única atividade de exploração agora sobre um contexto imaterial, ou seja, pela exploração de suas belezas (figura 8). Trata-se de uma inflexão significativa, na qual a paisagem, anteriormente associada à feiura ou à degradação, é ressignificada como novo valor simbólico e cultural.

[24] O mapa foi elaborado com o auxílio de ferramenta de inteligência artificial, utilizada como recurso técnico de apoio à visualização espacial. As instruções fornecidas à IA basearam-se nos dados empíricos obtidos a partir das entrevistas realizadas pelo autor, bem como em descrições históricas e narrativas sobre a organização espacial de fazendas rurais. Para a construção visual, foram utilizadas como referências descritivas o texto disponível no blog *E comove io gente* (2015) e a tese de doutorado de Silva (2008), cabendo ao autor a curadoria, adequação conceitual, ajustes sucessivos e validação final do material produzido.

Figura 8 - Infográfico do novo modelo de exploração da fazenda Gangorra iniciado em 2018



Fonte: Elaboração com a ajuda da Inteligência Artificial (ChatGPT) e partir dos dados de entrevista e observações de campo

A elaboração desse resumo ilustrativo contou com a contribuição de três antigos moradores e trabalhadores da Fazenda (José, Socorro e Severina), que auxiliaram a reconstituir o período de maior prosperidade da propriedade. Processo esse interrompido com a morte inesperada de Fernando Cunha Lima, em 1978. Antes desse acontecimento, segundo os entrevistados, destacaram a intensa produção agropecuária: criação de muitas vacas, "com a saída de veículos e mais veículos de queijo", além de muitas cabras e ovelhas, cultivo de algodão, milho, feijão, alho e o plantio de capim ao longo de todo o leito do riacho.

Além do que era plantado nas margens do riacho, ainda havia grande produção nas margens dos açudes, como algodão, milho, alho, capim etc. Açudes construídos na década de 1940, período em que a fazenda era comandada pelo Neco Virgínio, avô de Dona Marlene e pai de Ascendino Virgínio de Moura. Construções essas realizadas com recursos próprios. Comparando ambos os mapas, observa-se uma reconfiguração completa do uso dos espaços da Fazenda. A área principal, antes destinada à pastagem e abrigo dos animais, transformou-se em trilhas, pontos de rapel e locais de contemplação da paisagem.

2.1.6 A resposta à crise: o processo de reconversão na Gangorra

Como já demonstrado, a morte de Fernando Cunha Lima representou um marco simbólico e prático do início do declínio da Fazenda. Todavia, é importante considerar que, mesmo que esse fato não tivesse ocorrido abruptamente, o cenário futuro provavelmente não teria sido distinto daquele vivenciado pela Tapera, uma vez que se tratava de um contexto mais amplo de crise de um modelo produtivo regional. Ainda assim, esse acontecimento é reiteradamente mencionado pelos interlocutores como um ponto de inflexão a partir do qual a fazenda passou a experimentar um processo acelerado de desestruturação produtiva. Mais uma vez, reforçando o que já foi dito, tal processo esteve associado ao início da venda e da repartição dos bens da família, que incluíam outras propriedades distribuídas pelo país, o que resultou no esvaziamento econômico da área estudada.

A chegada de Fernandinho à condição de administrador ocorreu apenas décadas depois da morte do pai, uma vez que este contava apenas 13 anos de idade quando o evento ocorreu. Quando assumiu a gestão, a Fazenda já se encontrava em situação crítica: praticamente não havia produção agropecuária, restavam apenas três famílias de moradores e já não existiam condições materiais para garantir sua permanência. Segundo os relatos desses antigos moradores, confirmados pelo próprio Fernandinho, a permanência na propriedade dependia de que eles próprios "se virassem", isto é, encontrassem por conta própria formas de geração de renda. Nesse contexto, a produção de carvão a partir da madeira de algaroba apresentou-se como a única alternativa viável. Isso mostra o grau de decadência econômica que essa chegou.

Reforçando mais uma vez, os elementos que distinguem os processos de reconversão produtiva da Fazenda Gangorra e da Fazenda Tapera para além do contexto externo já discutido destacam-se o fator temporal. Na Gangorra, a reconversão ocorre tardiamente, quando os principais ativos econômicos já haviam se esgotado. Situação distinta da Tapera, onde a reconversão emerge em um momento de reestruturação econômica ainda relativamente ativa. Assim, mais do que o falecimento de Fernando Cunha Lima, o fator decisivo para a Gangorra ainda está "patinado" no seu processo de reconversão, se deu pela perda abrupta da base material que sustentava a fazenda, que ocorreu muitas décadas antes da chegada dessas novas possibilidades de exploração econômica.

Diferentemente do que ocorreu na Fazenda Tapera, onde a indústria cinematográfica atuou como grande vetor desse processo de reconversão, na Gangorra esse processo é conduzido quase exclusivamente a partir do esforço individual de Daniel, que conta não mais do que com a contribuição das mídias digitais, mais especificamente, do Instagram. O Instagram consiste em uma plataforma digital de rede social voltada ao compartilhamento de conteúdo visual, como fotografias e vídeos, articulados a textos breves e mecanismos de interação

mediados por algoritmos. Criado em 2010, o aplicativo consolidou-se como um dos principais instrumentos contemporâneos de produção e circulação de narrativas visuais, desempenhando papel central na construção de representações simbólicas de pessoas, instituições e territórios. No campo do turismo, o Instagram tem se mostrado particularmente relevante por favorecer a divulgação de experiências associadas à paisagem, ao lazer e à fruição estética, alcançando um público restrito de indivíduos em comparação ao peso da indústria cinematográfica. No caso da Fazenda Gangorra, a utilização da plataforma contribui para a construção de uma imagem pública do espaço rural enquanto atrativo turístico, promovendo a valorização da paisagem, das práticas locais e do patrimônio simbólico associado à experiência da vida no campo, mas em escala ainda menor.

Nesse sentido, o Instagram surge como seu principal e, quase único instrumento de operacionalização dessa iniciativa, funcionando também como meio de reativação mínima da propriedade. Nesse contexto, apesar de haver também algumas ações locais por parte do poder público local, o êxito do turismo permanece incerto, sobretudo diante das restrições de investimento. Essas diferenças não apenas evidenciam trajetórias distintas de reconversão, como também abrem espaço para uma análise teórica comparativa entre Tapera e Gangorra, desenvolvida na seção seguinte.

2.2 DE TAPERA À GANGORRA: A TRANSIÇÃO DO VALOR DE USO AO VALOR ESTÉTICO NA RECONVERSÃO DO LATIFÚNDIO

Ao adentrar o interior das duas fazendas pesquisadas, torna-se evidente que estamos diante de processos de reconversão e turismo profundamente distantes um do outro. Na Fazenda Gangorra permanecem visíveis as numerosas marcas materiais de seu passado pecuarista, enquanto na Fazenda Tapera essas estruturas se apresentam significativamente alteradas, evidenciando um processo de reconversão já mais consolidado, conforme os contextos anteriormente apresentados.

Na Gangorra, as ruínas dos antigos currais (fotografia 7) ainda delineiam silhuetas do que outrora foram esses espaços destinados à apartação do gado; indicam, por um lado, as limitações de recursos financeiros para a adaptação dessas estruturas às exigências da hospedagem turística. Por outro lado, tais vestígios revelam a natureza particular desse modelo de reconversão, no qual os sinais materiais do passado produtivo não são completamente suprimidos, mas incorporados ao presente como parte constitutiva da experiência oferecida ao seu visitante.

Fotografia 7 - Ruinas das estruturas de currais no pátio da Fazenda Gangorra



Fonte: registro feito por Genilson Farias

Por outro lado, conforme se observa na fotografia 8, a Fazenda Tapera, atualmente reconfigurada como Hotel Fazenda Pai Mateus, já apresenta evidentemente a incorporação de novos elementos estruturais em seus espaços simbólicos, os quais atestam consolidar um processo de reconversão. Trata-se de uma dinâmica na qual o passado não é apagado, mas seletivamente mobilizado e ressignificado, integrando o presente como valor cultural, estético e econômico, agora orientado pela lógica do turismo e da experiência patrimonial.

Fotografia 8 - Estruturas de hospedagens no pátio da Fazenda Tapera



Fonte: registro feito por Genilson Farias

Ao adentrar o interior das casas-grandes, observa-se que ambas ainda preservam marcas evidentes do coronelismo (Leal, 2012), bem como da imagem de prestígio e distinção social associada às elites agrárias de seu tempo (Morengo Neto, 2013). Contudo, em função dos distintos processos de reconversão produtiva já mencionados, tornam-se perceptíveis adaptações sutis nas estruturas internas dessas duas fazendas, revelando diferentes formas de relação com o passado. Na Fazenda Gangorra (fotografia 9), observa-se a manutenção quase integral da configuração original da casa-grande, preservando-se os elementos arquitetônicos, os adornos e os arranjos simbólicos que caracterizavam a residência de um típico detentor de poder no auge da economia fazendária do Cariri paraibano. Essa preservação não apenas remete ao passado, mas o imobiliza simbolicamente, funcionando como uma espécie de congelamento da ordem social pretérita, na qual as hierarquias, os signos de autoridade e a centralidade do poder senhorial permanecem inscritos no espaço, como vestígio de um tempo encerrado e recurso ativo de reinterpretação no presente.

Fotografia 9 - Interior da casa-grande da Fazenda Gangorra



Fonte: registro feito por Genilson Farias

Antes de avançarmos para o "interior" da casa-sede da Tapera, cabe aqui realizarmos um breve levantamento dos objetos troféus, peles, móveis e fotografias etc. presentes na casa-sede da Gangorra (detalhado no Quadro 2, a seguir). Isso não constitui mera ilustração, mas uma ferramenta metodológica para decifrar como esses bens são estrategicamente mobilizados para construir a narrativa da família primeiro, como elite agrária tradicional e, agora, em sua reconversão para o turismo.

Quadro 2 - Inventário seletivo de objetos da casa-sede da fazenda Gangorra e seus significados atribuídos

Objeto/Elemento	**Descrição e Localização na Casa-Sede**	**Relato Atribuído (Narrativas dos Proprietários)**
Sala - Troféus de Premiação Agropecuária	Expostos em destaque em cristaleiras e prateleiras na sala de visitas principal. São dezenas de peças que datam das décadas de 1970 a 1990.	*"Isso aqui era o orgulho de vovô. Cada troféu desse era uma batalha ganha. Ele viajou o Nordeste todo com o gado, fez o nome da Gangorra. Era a prova de que o nosso rebanho era o melhor, o mais premiado."* (Relato de Daniel)
Sala - Galhada de Veado e Couro de	Pendurados como troféus de caça nas paredes da sala	*Vovô era um homem do mato, conhecia tudo. Isso aí é do tempo que a caça era permitida,*

Sucuri	principal em posição de evidência.	*mostrava a coragem dele, o respeito que ele impunha. Era o dono do lugar, não tinha medo de nada."* (Relato de Daniel)
Sala e Quartos - Mobiliário Antigo (Cristaleira, Mesas, Cadeira de Balanço)	Móveis de madeira maciça e estilo tradicional que compõem o ambiente da sala de estar e de jantar. A cadeira de balanço está posicionada no alpendre (varanda), voltada para o antigo terreiro.	*"Essa cristaleira está na família há gerações. A cadeira de balanço era onde meu avô se sentava no fim da tarde, pra olhar o terreiro, dar as ordens. A gente faz questão de manter tudo como era, pra contar a nossa história, pra quem chega sentir como era a vida aqui."* (Relato de Fernandinho)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de entrevistas e observação na fazenda

De modo geral, os troféus de premiação, a galhada de chifre etc., na sala principal funcionam como uma cenografia do mando. Para o turista, esses objetos são 'exóticos' e 'autênticos'; para a linhagem proprietária, são dispositivos de legitimidade. Ao exibir o gado premiado (que já não existe) e chifre (que evoca a coragem do dono), a casa-sede congela o tempo. A reconversão turística utiliza esses objetos para criar uma 'aura' senhorial: o visitante não está apenas em uma casa comum, ele está 'na casa do antigo coronel'. Essa experiência de proximidade com o poder histórico é o que também agrega valor ao produto turístico, as formações geológicas, transformando a decadência econômica em um espetáculo de tradição.

Na Tapera, essas transformações do valor de uso para o valor estético se materializam nas adaptações realizadas na casa-sede para o acolhimento e hospedagem dos turistas. A antiga sala de estar (fotografia 10), por exemplo, sofre algumas adaptações, como introdução de algumas bancadas para a espera dos hóspedes enquanto realiza seus registros de entrada ou saída. O teto ganha forração nova, o mezanino adjacente, adaptado para funcionar como escritório. Enfim, o conjunto dos ambientes revela modificações discretas, porém significativas, orientadas por novas demandas funcionais. Nessa sobreposição entre o antigo e o novo, configura-se um cenário singular, no qual a preservação simbólica do passado senhorial articula-se à reconfiguração do novo empreendimento, servindo para reafirmar a posição desse como guardião do “sublime”.

Gráfico 4 - Interior da casa-grande da Fazenda Tapera - Sala de visita



Fonte: registro feito por Genilson Farias

Aqui também se faz necessária a construção de um pequeno inventário (quadro 3) para identificar, registrar e interpretar aqueles bens materiais que concentram certos graus de valor histórico, simbólico e social para a compreensão das dinâmicas de poder, das hierarquias e dos modos de vida associados ao mundo rural pretérito. Mais uma vez, tal procedimento nos permite analisar como esses objetos funcionaram no suporte da memória e distinção social, revelando práticas cotidianas, estratégias de legitimação simbólica e continuidades históricas inscritas no espaço doméstico. Além disso, permite compreender os diferentes processos de preservação, ressignificação ou abandono desses bens no contexto contemporâneo, especialmente em situações de reconversão produtiva e patrimonialização do passado rural.

Quadro 3 - Inventário seletivo de objetos da casa-sede da fazenda Tapera e seus significados atribuídos

Objeto/Elemento	Descrição e Localização na Casa-Sede	Relato Atribuído (Narrativas dos Proprietários)
Sala de Estar – Banco corrido estofado e sofás	Banco fixo ao longo da parede lateral, com estofamento contínuo. O conjunto amplia a capacidade de assentos.	*Espaço adaptado para melhor acomodar os hospedes, enquanto esperam os procedimentos administrativos de chegada e saída do hotel.*

Sala de Estar – Escudos, Quadros e objetos decorativos, teto forrado com tecido.	Pequenos quadros, brasões e objetos fixados nas paredes; observa-se, como contrastem ente o antigo e o novo, no teto o uso de tecido como forração.	*Esses quadros contam um pouco da história da família e do lugar. Não é decoração só por enfeite, é para mostrar que aqui tem passado." Por outro lado, o pano cria uma barreira contra o calor excessivo do telhado, e impede que partículas do telhado caiam no interior da casa, além de suaviza o ambiente.*
Porta averta para entrada principal – Escritório/Área Administrativa	No fundo porta aberta para escritório – antigo mezanino - utilizado para gestão da hospedagem, reservas e organização do funcionamento da fazenda	*Esse mezanino virou nosso escritório. É daqui que a gente resolve tudo do turismo.*

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de entrevistas e observação na fazenda

A reconversão nessas propriedades exigiu modificações espaciais sutis e pragmáticas. Como observado, os elementos tradicionais não são eliminados, mas coexistem com adaptações funcionais ao turismo: no caso da Tapera, o aumento de assentos na sala, o tampo de vidro recobrindo a antiga mesa de jantar, o mobiliário contemporâneo e o uso do mezanino como escritório são marcas dessa transição. Já na Gangorra, resguardando suas especificidades já colocadas, opera uma patrimonialização centrada na exibição da memória produtiva e da autoridade familiar. Na Tapera também há uma narrativa que se ancora na hospitalidade e na experiência de viver a casa antiga, adaptando silenciosamente o espaço doméstico às exigências do mercado.

Essas materialidades, artefatos, mobiliário e arquitetura funcionam como um "arquivo vivo" (COSTA; TOGNON; SCARPELINE, 2009). Elas congelam o cenário socioeconômico do início do século XX, estruturado na tríade pecuária-algodão-policultura[25] (NUNES, 2016), onde a casa-sede figurava como o polo de autoridade moral e política. Mais do que abrigo, a habitação é, conforme Norbert Elias (2001), um indicador das estruturas sociais: suas divisões e hierarquias espaciais refletem a posição de comando de seus ocupantes. Guardadas as proporções, essas casas-sede nos fazem lembrar monumentos de dominação como castelos, antigas igrejas ou fortalezas que, longe de querer resgatar o debate já superado sobre um

[25] Esse sistema produtivo estruturou a economia do Cariri entre o final do século XIX e meados do século XX, combinando a criação de gado, o cultivo do algodão e pequenas lavouras de subsistência.

“feudalismo brasileiro” (Meneses, 2018)[26] , nos auxiliam na compreensão de como a arquitetura de fazendas e engenhos condensa relações de poder de grupos que reivindicam alguma distinção

Os relatos de violência interna ocorridos na Fazenda Gangorra revelam que as estruturas de poder ali vigentes extrapolavam a mera dominação territorial. As memórias de antigos trabalhadores, resgatadas por Fernandinho e Daniel, especialmente aquelas que narram execuções realizadas no alpendre da casa-sede, evidenciam um período em que a autoridade do proprietário se sobrepunha à soberania do Estado, configurando uma jurisdição privada ancorada na violência direta (Martins, 2010). Nesse contexto, o espaço doméstico da casa-grande ou casa-sede não se restringia à função residencial, como operava e, em certa medida, parece querer operar na mesma manutenção de dominação.

Essa lógica de jurisdição privada não era exclusividade da Gangorra. Na Fazenda Tapera, o relato do senhor Edvaldo evidencia que a propriedade também operou como centro de um poder inquestionável. Tal dinâmica acentuou-se quando Severino Aires vendeu a fazenda a um 'tal de Raimundo, das bandas de Campina Grande', que instaurou novas relações de mando a partir da propriedade. Nesse período, a casa-grande consolidou-se como palco para a encenação de uma soberania senhorial que, frequentemente, ignorava as fronteiras e as leis do Estado formal.

Em suma, o poder que antes disciplinava corpos pela força, agora seduz olhares turísticos pela estética. No entanto, a base desse poder permanece a mesma: a posse exclusiva do território. Seja para exercer a violência ou para vender a paisagem, o proprietário continua sendo o 'filtro' entre o espaço e o mundo externo, decidindo quem entra, o que vê e qual narrativa deve ser consumida.

Esse poder hoje está ressignificado simbolicamente nas grandes formações rochosas da propriedade: “antes apenas pedras”, agora recebendo nomes de animais ou servindo como “prova” da mistificação dessas pedras que adquirem simbologias místicas. Esse processo converte o elemento natural em signo socialmente carregado de sentido, funcionando como marco identitário de uma paisagem que não é neutra, mas marcada pela posse e pela memória de um indivíduo que possuía mais uma extensão de terra. Na Fazenda Tapera, por exemplo, fica claro esse movimento, no qual o antigo poder autocrático se converte no prestígio simbólico associado à figura do Dr. Lucena. Em ambos os casos, o proprietário enquanto detentor

---

[26] Meneses (2018, p. 64) Longe de fazer qualquer retorno às teses há tempos superadas de “um feudalismo à brasileira”, essas pesquisas sobre a nobreza francesa ajudam a pensar o caso das elites pecuaristas como as do Cariri paraibano, focando em como elites “ameaçadas” por mudanças sociais produzem, impõem e justificam formas de distinção e produção de crenças sobre a “diferença” de seu grupo social.

histórico do poder de comando não se dissolve, mas assume o papel de anfitrião ou curador da experiência. Dessa forma, o poder outrora impositivo ou carismático dá lugar a um poder contemplativo, voltado à gestão do olhar, da narrativa e da experiência turística. Ocorre, assim, uma revaloração ontológica da paisagem: a natureza, anteriormente percebida como obstáculo hostil ao desenvolvimento, é convertida em ativo geoestético. A terra passa a ser explorada pela contemplação, e o que antes era associado ao "feio" da aridez histórica é ressignificado como o "belo" da autenticidade Caririzeiro, ou seja, trata-se de uma estética que se afirma não por acaso, no interior das grandes propriedades.

A partir de Lopes e Alvim (2007), podemos dizer que a casa-sede na Gangorra ainda funciona como um legitimador de um "novo começo", enquanto na Tapera esse cenário já foi convertido em hospitalidade, ou seja, podemos dizer que já se trata de um estágio de reconversão patrimonial já estabilizado (D'Onofre, 2013). Essa distinção se reflete na arquitetura austera e horizontal do Cariri (Diniz, 2013), moldada pela escassez hídrica, mas nem por isso menos imponente em sua função de marcador de linhagem (Abreu, 1996).

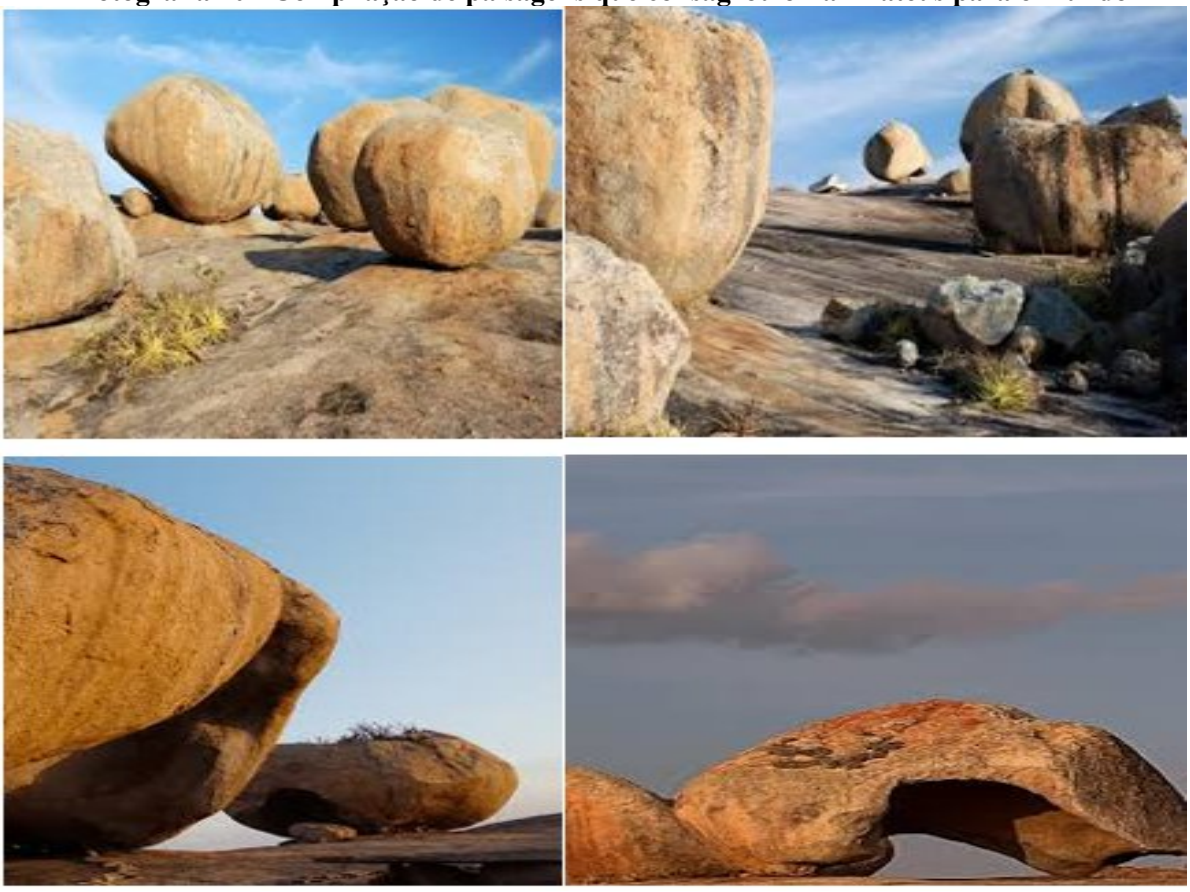
Em conclusão desta etapa, observa-se que a Fazenda Tapera apresenta um processo de reconversão patrimonial já estabilizado e a transição para o mercado do turismo ocorreu de forma relativamente indolor. Na Fazenda Gangorra, ao contrário, a reconversão manifesta-se como um processo ainda em tensão. Em ambos os casos, o turismo rural não emerge de forma espontânea, mas como desdobramento de estruturas históricas de poder que seguem interferindo nas dinâmicas produtivas, extrapolando as porteiras das propriedades seja na transição da pecuária bovina para a caprina (Meneses, 2018), seja na incorporação do setor de serviços, nessa nova fase. O que se configura é um novo arranjo no qual a paisagem deixa de operar apenas como suporte agropecuário para tornar-se ativo econômico, sem, contudo, romper com a concentração fundiária, reproduzindo inclusive formas de precarização do trabalho, como a baixa remuneração de jovens nas oficinas de couro. Tais permanências e rupturas serão aprofundadas nas seções seguintes.

2.3 DO REAL AO VIRTUAL: ESTETIZAÇÃO DA NATUREZA E O MIMETISMO DIGITAL ATRAVÉS DO INSTAGRAM DAS FAZENDAS GANGORRA E TAPERA

Como demonstrado, as trajetórias de reconversão das duas fazendas seguem lógicas distintas de inserção no mercado simbólico. Na Fazenda Tapera, o processo estruturou-se a partir de um modelo institucional consolidado, no qual os investimentos concentraram-se em

adaptações pontuais de infraestrutura. A pavimentação do fluxo turístico ocorreu via intermediação de agências especializadas, o que mitigou os riscos e custos iniciais para o proprietário, Dr. Lucena. Esse cenário foi amplificado por uma exposição televisiva e cinematográfica, que difundiu as paisagens da propriedade (fotografia 11) sem ônus direto, conferindo-lhe uma consagração mediática que prescinde, em outros momentos, de maiores detalhamentos além dos já expostos nas seções precedentes.

Fotografia 10 - Compilação de paisagens que consagrou o Pai Mateus para o mundo



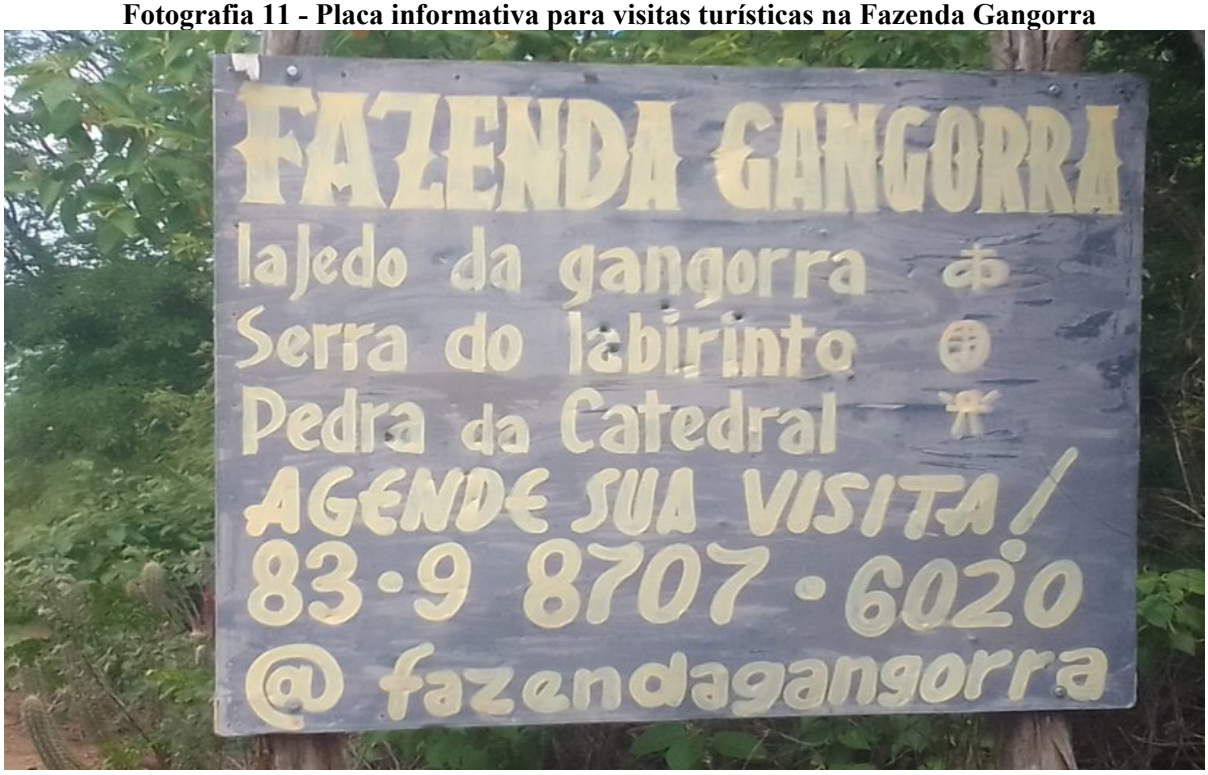
Fonte: Elaboração própria a partir de imagens do G1 - Globo; Shutterstock; Viajantes.net; Instagram[27].

Ao contrário da Fazenda Tapera, cuja reconversão patrimonial foi favorecida por um amplo contexto de divulgação articulado à indústria cinematográfica e à mídia televisiva que já haviam consolidado sua visibilidade pública, o Instagram atua, nesse caso, apenas como instrumento complementar de ampliação de um reconhecimento previamente estabelecido. Situação distinta observa-se na Fazenda Gangorra, onde a plataforma assume papel central na

[27] As imagens analisadas foram coletadas em diferentes plataformas digitais de acesso público, priorizando registros de caráter informativo, turístico e paisagístico, fato esse que prova o alcance desse modelo de reconversão em relação a Fazenda Gangorra, que só conta com o Instagram.

divulgação de suas paisagens e atrativos. Sob a gestão exclusiva de Daniel, a Gangorra busca inserir-se em um campo já hegemonizado por roteiros turísticos consagrados em torno do Lajedo do Pai Mateus. Suas estratégias concentram-se, inicialmente, na captura e redirecionamento direto de parte desse fluxo por meio da instalação de placas em pontos estratégicos da via de acesso ao Hotel Fazenda Pai Mateus (fotografia 12). Trata-se de um público majoritariamente elitizado, com elevado poder de consumo, potencialmente mais diversificado do que aquele alcançado exclusivamente pelas interações mediadas pelo Instagram.

Fotografia 11 - Placa informativa para visitas turísticas na Fazenda Gangorra

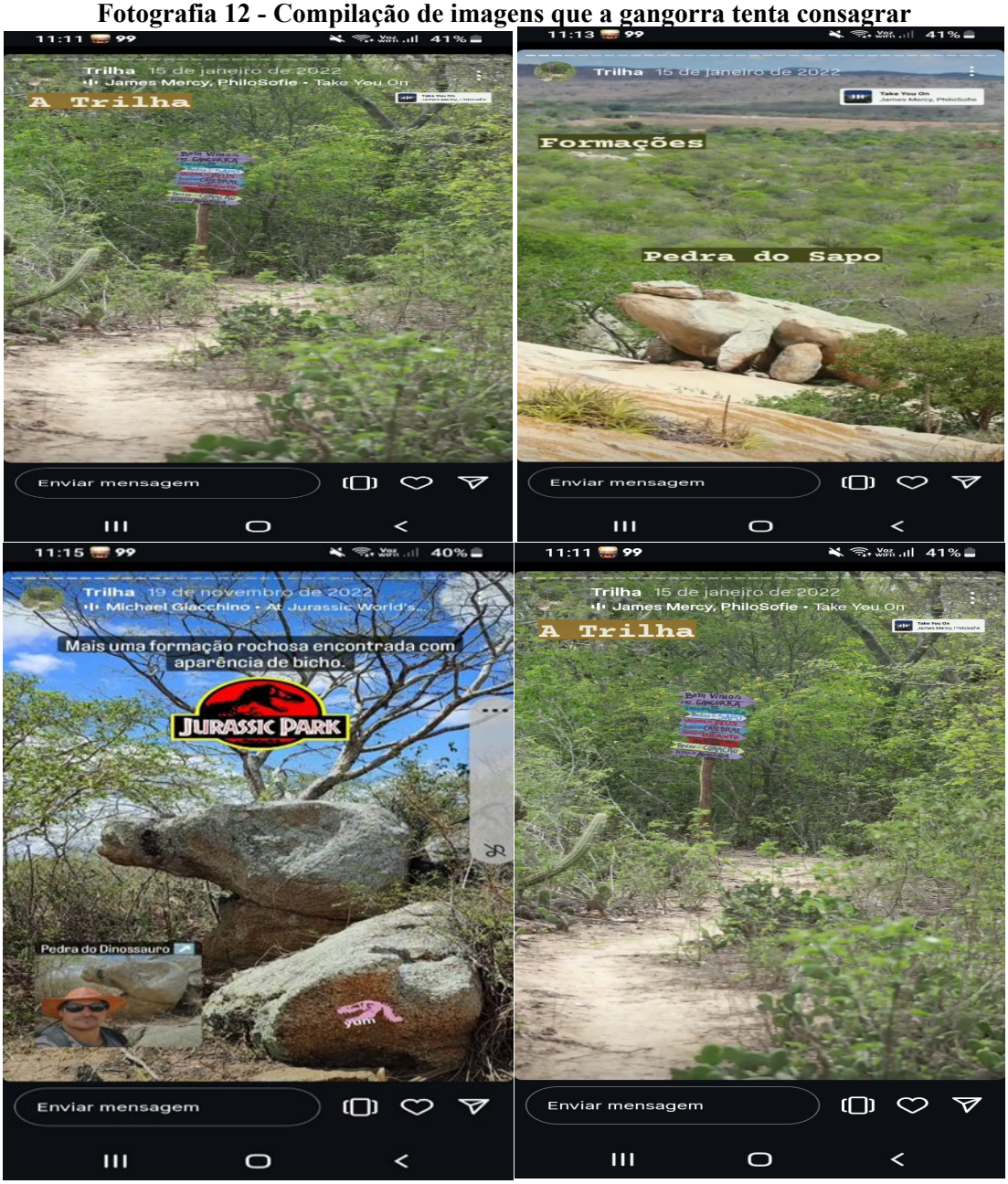


Fonte: registro feito por Genilson Farias

Portanto, o Instagram da Fazenda Gangorra não pode ser visto apenas como um instrumento divulgador, mas como um curador de subjetividades, ou seja, ele atua como o agente que seleciona, organiza e media experiências, narrativas e imagens, orientando a forma como indivíduos percebem, sentem e atribuem sentido ao seu “lugar”. Ao postar imagens (fotografia 13) de pedras com nomes de animais ou ângulos que ressaltam o 'sublime' do Cariri, ele está, na verdade, 'alfabetizando' o olhar do citadino. O Instagram funciona aqui como um dispositivo de enquadramento: ele recorta a aridez da seca e a transforma em 'estética do rústico'. Esse mimetismo busca não apenas atrair o turista, mas conferir à Gangorra o mesmo

estatuto de 'lugar sagrado' já alcançado pela Tapera, tentando quebrar a hegemonia mediática da vizinha através da onipresença digital.

Fotografia 12 - Compilação de imagens que a gangorra tenta consagrar



Fonte: Instagram da Fazenda Gangorra: @fazendagangorra

Este mimetismo digital, contudo, não deve ser lido apenas como uma cópia estética, mas como uma tentativa de encurtar a distância entre o capital consolidado da Tapera e a escassez de recursos da Gangorra. Enquanto a primeira foi 'consagrada' por mídias verticais, como o cinema e a televisão, essa utiliza a horizontalidade do Instagram para construir sua

pavimentação ao turismo. Nesse sentido, o Instagram, principalmente para a Fazenda Gangorra, constitui simultaneamente uma ferramenta de gestão do novo empreendimento, uma plataforma de construção de narrativa e um palco performático onde os novos proprietários buscam reafirmar seu lugar social sob novas formas de expressão. Mais do que uma vitrine, trata-se de um instrumento de demarcação simbólica da paisagem, no qual elementos naturais são convertidos em experiências sensoriais, afetivas e consumíveis. O que se observa é um processo de atualização do capital simbólico familiar, agora mediado por linguagens digitais e voltado a um público específico.

No geral, a experiência turística nas fazendas estudadas configura-se como um percurso simbólico entre o material e o imaterial, entre a terra produtiva e o espaço de contemplação. Locais antes ligados exclusivamente ao trabalho agropecuário, manejo do gado, plantios, uso cotidiano da terra agora são reorganizados como trilhas, mirantes e pontos de observação; rochas milenares passam a receber nomes inspirados em animais, a partir de sua associação com esses, adquirindo novos sentidos e integrando-se a um processo de patrimonialização informal sustentado pelas relações afetivas despertadas nos visitantes. Dessa forma, a mídia televisiva e cinematográfica para a Tapera e o Instagram para a Gangorra atuaram e atuam, respectivamente, como ferramentas pedagógicas de patrimonialização da paisagem, ensinando ao novo público urbano novas formas de olhar para o Semiárido e o Cariri, não mais como espaços de carência, de seca, mas como territórios de contemplação, aventura e singularidade

Esses novos arranjos produtivos, onde a seca e o "seco" são reapropriados e ressignificados, remetem também às estratégias observadas por Meneses (2018) nas famílias Vilar e Suassuna, da Fazenda Carnaúba, nas quais a reconversão produtiva não implica abandono do passado, mas redistribuição funcional da terra. Na Gangorra, Fernandinho personifica a figura do capital simbólico tradicional, a terra, o nome e a memória, enquanto Daniel mobiliza novos capitais culturais e sociais ligados ao turismo, ao marketing e à produção artesanal, como no projeto **Gangorra Wood**. Uma outra aposta do Daniel para a Fazenda, voltada à produção artesanal em madeira e à criação de uma marca própria. A iniciativa representa uma nova identidade para a fazenda, funcionando também como espaço de reposicionamento simbólico dos proprietários. Aqui também temos mais um elemento de distinção do processo de reconversão entre essas fazendas.

Segundo Daniel, o nascimento dessa nova proposta para a Gangorra, elemento de distinção, surgiu das suas caminhadas nas margens secas do riacho que "corta" a fazenda, pelo qual tem o mesmo codinome. Ao observar os troncos de craibeiras mortas, ele não enxergou o fim de um ciclo, mas o potencial estético de uma madeira que conta histórias, decidindo

reaproveitá-la (fotografia 14) através da construção de peças artesanais revestidas por resina acrílica. Esse movimento transformou o antigo depósito de rações na oficina *Gangorra Wood*, um espaço onde o cheiro do pó de serra se mistura às suas novas aspirações turísticas para a fazenda, servindo ainda para reafirmar sua nova identidade.

Fotografia 13 - Tabua de madeira serrada vindas do campo.



Fonte: Acervo próprio

Após a chegada dessas toras em forma de tábuas na oficina, entra em cena a criatividade do Daniel. Trata-se de um trabalho, segundo ele, bastante minucioso e difícil de executar, por utilizar resina acrílica no processo de acabamento técnico que exige grande habilidade. E a reapropriação dos espaços mais uma vez se faz presente, aqui na utilização da antiga bodega (fotografia 15) em espaço de criação das peças. Nesse sentido, a oficina, instalada na antiga bodega, configura-se como um espaço de transição ontológica. Se outrora a bodega simbolizava a troca comercial de uma fazenda produtiva voltada ao consumo interno, a oficina *Wood* simboliza a produção estética voltada ao consumo externo. A resina acrílica, ao 'congelar' a madeira morta, torna-se uma metáfora da própria linhagem Cunha Lima: um esforço para proteger o patrimônio histórico (a madeira antiga) com as camadas modernas do turismo e do design (a resina), evitando que a memória da família apodreça diante do descenso econômico.

Fotografia 14 - Fachada da entrada para a "oficina Gangorra Wood" à direita, ao lado esquerdo antigo depósito de rações



Fonte: Acervo próprio

Aqui, torna-se novamente evidente que estamos diante de um processo de perda de posição na hierarquia social da família Cunha Lima. Nesse sentido, como vem sendo argumentado ao longo deste trabalho, a reconversão produtiva em curso, diferentemente do que se observa na Fazenda Tapera, configura-se menos como uma estratégia proativa de inovação e mais como uma resposta tardia ao descenso econômico e social, resultante do declínio do modelo agrário tradicional. A constituição de novos arranjos produtivos, como o artesanato em madeira (fotografia 16) realizado em espaços outrora emblemáticos de poder e comando, evidencia um esforço contínuo de reinscrição simbólica da autoridade, agora deslocada para a estetização dos elementos da natureza. Essas peças ilustram esse processo ao materializar uma narrativa simbólica que articula natureza, identidade territorial e memória, elementos centrais na tentativa de ressignificação do lugar social da família. A peça é divulgada tanto no Instagram da fazenda quanto exposta no Salão do Artesanato, na sede do município. Considerando a data dessa pesquisa de campo, o objeto era comercializado pelo valor de R$ 500,00, montante que não expressa apenas o trabalho manual envolvido, mas sobretudo o capital simbólico mobilizado na construção de valor em um contexto marcado pela contenção do descenso social.

Fotografia 15 - Madeira pós-trabalhada



Fonte: Acervo próprio

Em síntese, podemos dizer que a porteira aberta ao turista se configura como frentes de resistência ainda em maturação, produzidas pelos sucessivos esvaziamentos do capital econômico dessas fazendas ao longo das crises enfrentadas. Esvaziamento esse que se refere também à perda de suas posições no cenário social, econômico e político regional. Nesse contexto, as rupturas ideológicas com o passado, longe de desestruturar o patrimônio, operam como uma tática de sobrevivência indispensável; são essas rupturas que permitem às famílias sustentarem o peso da tradição ao mesmo tempo em que se utilizam dessas para pavimentarem, por meio das espetacularizações midiáticas, suas inserções nos novos e variados circuitos de turismo.

O Instagram consolidou-se como o palco principal dessa materialização do 'sublime' e do 'fantástico', onde os visitantes por meio de engajamentos e compartilhamentos, validam a vivência empírica proposta pelas fazendas. Embora os contextos de reconversão sejam distintos, enquanto a Fazenda Tapera atingiu projeção impulsionada pelo cinema e pela televisão, a Fazenda Gangorra sustenta sua divulgação primordialmente via redes sociais, as narrativas convergem para um mesmo imaginário. Os quadros 4 e 5, que apresentam uma seleção cronológica de postagens e comentários nas páginas @paimateus e @fazendagangorra (2021 - 2025), revelam como esse processo é construído.

Iniciaremos pelas postagens e comentários da Fazenda Tapera (atual Hotel Fazenda Pai Mateus) (quadro 4) para, em seguida, contrastar com a dinâmica da Fazenda Gangorra.

Quadro 4 - Depoimentos de visitantes publicados no Instagram da fazenda Tapera (2022-2025)

TEXTO DA POSTAGEM	LINK	COMENTÁRIOS NA POSTAGEM	DATA
paimateus Explorar o Lajedo de Pai Mateus é viver uma experiência que vai muito além de um simples passeio. É caminhar entre pedras milenares, sentir a energia da terra e se deixar envolver pela grandiosidade da natureza. Cada passo revela uma história, cada silêncio guarda um mistério — é um encontro fascinante com o tempo e com a nossa própria essência.	https://www.instagram.com/reel/DPgwZWXD4AH/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==	**willmassa75** Que lugar incrível! Já quero conhecer!😍 **m_patricia_pinheiro** Esse lugar é maravilhoso!	07/10/2025
@paimateusO Lajedo de Pai Mateus é um verdadeiro espetáculo da natureza! □✨ Suas rochas gigantes impressionam pela forma e pelo mistério que as cercam. Cada pedra parece contar uma história, criando um cenário único que conecta você à magia do Cariri. Venha explorar e se encantar com esse lugar extraordinário.	https://www.instagram.com/reel/DDb4XpavJsT/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==	**patricia.barboza.927** Nunca vou esquecer esse lugar! 😍 **mariliafigueiredodepaiva Belíssimo! Saudades desse lugar onde nos traz alegria, 🤩 paz , sossego e muito aconchego.🫂 Vale a pena conferir.**	11/2024
@**paimateus** O nome Pai Mateus faz referência a um	https://www.instagram.com/reel/Cen1ARxpH	**ayslanstephson** Lugar que Traz Uma Energia!	09 / 2023

curandeiro ermitão que a tradição oral diz ter habitado o Lajedo em meados do Século XVIII. Diz a lenda que o mesmo morava numa grande espécie de gruta, chamada de casa de Pai Mateus. Nas paredes do grande abrigo rochoso, encontramos várias dezenas de impressões de mãos humanas. Muitas das mãos são diminutas, o que indica que o local foi utilizado para a prática de algum rito de passagem.	LT/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==	❤❤❤ **ricardoccmatos** Saudades desse paraíso, espero voltar um dia. @simaria Lugar de Paz! Te indico a visitar e Renovar suas energias 🫛🫛🫛	
paimateus Conhecer as belezas desse lugar junto com as histórias fascinantes dos guias, é uma experiência que fica marcada para a vida inteira.	https://www.instagram.com/reel/Cfe-XdmJHBR/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==	**lulauviana** Um dos lugares mais fascinantes que conheci! O hotel foi uma surpresa, carinho, atenção, culinária!!!! Inesquecível!!	01/ julho de 2022
paimateus Essas experiências harmoniosas próximas a natureza fazem parte do nosso dia-a-dia aqui no hotel, existe uma força oculta nessas formações rochosas onde muitos que passam por aqui, conseguem vivenciar um relaxamento profundo que muda a forma de encarar a vida.	https://www.instagram.com/reel/Cf2Ji4DJSdj/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==	**palloma_ricardo** SURREALLLLLL 😍 **gugahbrito** Que magia 😈😈😈 **marciamellosalles** Esse lugar é incrível	10/07/2022

Fonte: Elaboração própria, a partir dos quadros de postagens do Pai Mateus no Instagram

Aliado a esse processo, outro tipo de construção midiática carrega grande poder simbólico na construção desse "sublime", a presença de personalidades vinculadas à moda, música e produção audiovisual como Isabeli Fontana[28], Bhaskar[29] e Samuel Rosa[30], bem como a utilização do espaço por produções televisivas nacionais, como apresentado no **anexo I**, contribui para a valorização simbólica e turística do território.

Uma outra questão que precisa ser mencionada se refere à construção e elaboração das narrativas no processo de construção do 'sublime', por exemplo, do que ocorreu com o Lajedo do Pai Mateus. Trata-se de uma encenação da figura do 'Pai Mateus[31]', difundida por meio das redes sociais, que atua como mecanismo de produção e legitimação simbólica. Ao mobilizar elementos da tradição local e articulá-los a uma estética contemporânea de visibilidade, essa representação opera uma transfiguração da lenda em realidade socialmente reconhecida, contribuindo para a consolidação de um mito dotado de eficácia simbólica no contexto do turismo e da valorização territorial. Nessa representação, observa-se como a figura do "Pai Mateus" deixa de ocupar apenas o plano do imaginário narrativo para assumir uma dimensão performática e visual - é o que Diegues (2008) entende pela a construção do mito da natureza intocada - amplamente compartilhada e consumida como cenografia. Esse processo contribui para a construção de uma ambiência simbólica que reforça o caráter místico e excepcional do lugar, servindo, assim, como base para a análise das postagens que serão apresentadas a seguir.

Na sequência, o Quadro 5, que reúne os depoimentos referentes à Fazenda Gangorra, permite observar a recorrência de uma mesma linguagem discursiva já identificada no quadro anterior. Em ambos os casos, os comentários mobilizam tons semelhantes associados aos chamados *sublimes da natureza*, operando uma reconversão simbólica do espaço. Essa nova gramática discursiva ressignifica aquilo que antes era percebido apenas como uma paisagem

---

[28] A modelo internacional Isabeli Fontana realizou ensaio fotográfico no Lajedo do Pai Mateus para a revista *Vogue*, contribuindo para a projeção do local em circuitos globais de moda e mídia. Ver: POLÊMICA PARAÍBA. *Isabeli Fontana faz ensaio para a Vogue no Lajedo de Pai Mateus*. Disponível em: https://www.polemicaparaiba.com.br/entretenimento/isabeli-fontana-faz-ensaio-para-vogue-no-lajedo-de-pai-mateus/. Acesso em: 18 mar. 2026.

[29] O DJ Bhaskar realizou gravação de apresentação musical no Lajedo do Pai Mateus, no âmbito do projeto "Follow The Sun", destacando o potencial do local como cenário para produções audiovisuais. Ver: JORNAL DA PARAÍBA. *DJ Bhaskar exibe apresentação gravada no Lajedo de Pai Mateus*. Disponível em: https://jornaldaparaiba.com.br/cultura/dj-bhaskar-exibe-apresentacao-gravada-no-lajedo-de-pai-mateus. Acesso em: 18 mar. 2026.

[30] O cantor Samuel Rosa, vocalista da banda Skank, gravou vídeos do projeto "Explora Sessions" no Lajedo do Pai Mateus, reforçando o uso do espaço em produções culturais. Ver: JORNAL DA PARAÍBA. *Samuel Rosa grava série de vídeos no Lajedo de Pai Mateus*. Disponível em: https://jornaldaparaiba.com.br/cultura/samuel-rosa-grava-serie-de-videos-no-lajedo-do-pai-mateus. Acesso em 18 mar. 2026.

[31] INSTAGRAM @paimateus. *Encenação da figura do "Pai Mateus" no Lajedo do Pai Mateus*. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DSKhBZrjWBA/. Acesso em: 18 mar. 2026.

marcada pelo flagelo da seca, transformando-o em experiência estética, sensível e passível de valoração turística.

Quadro 5 - Depoimentos de visitantes publicados no Instagram da fazenda Gangorra (2021-2025)

TEXTO DA POSTAGEM	LINK	COMENTÁRIOS NA POSTAGEM	DATA
fazendagangorra “Varanda de Deus”	https://www.instagram.com/reel/Cw_cOuXMKVv/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==	**ricardocesaralmeidapessoa**Maravilhoso meu irmão 😈🙈😈	09/09/2023
Dia de pedalar pela @fazendagangorra e depois em meio as belezas naturais do @lajedo_do_bravo	https://www.instagram.com/reel/C9ijOpvuraP/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==	**adeneide_pereira** “Amooooooo esse lugar”.	17/07/2024
fazendagangorra “Mateus 28:5 Mas o anjo, respondendo, disse às mulheres: Não tenhais medo; pois eu sei que buscais a Jesus, que foi crucificado. 6 Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito. Vinde, vede o lugar onde o Senhor jazia...”.	https://www.instagram.com/p/CcdRJhRORyu/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==	**adrianacloliveira** Que lindo Daniel ! Feliz Páscoa !!👏👏👏	17/04/2022
#tbt da última Trilha e Rapel no Lajedo da Gangorra (Mês de outubro)	https://www.instagram.com/reel/DPUdzRaEdvl/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==	**fabiamorima** Foi muito bom! 😍 **matilde_coelhojp** Lugar lindo demais... Equipe TOPÁSTICA 😍	02/10/ sem indicação de ano da postagem

fazendagangorra Trilha e rapel de hoje, pela Serra do Labirinto no Lageado da Gangorra. (Mês de setembro)	https://www.instagram.com/reel/DPKJQwKkhXZ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==	**familia_adventure_pb**Foi muito bom esse encontro! **matilde_coelhojp** Foi lindo demais ❤❤❤❤	28/09/ sem indicação de ano da postagem
"Recebemos hoje essa família animada para uma super trilha pelo Lajedo da Gangorra".	https://www.instagram.com/fazendagangorra/reel/DE7yr1rPvuI/	**guiaalcantara_** "Obrigada meu amigo Daniel você e uma pessoa fantástica. Sua Fazenda com as belezas dos Lagedos são verdadeiros caminhos natural" **hellidaalcantaraaraujo** Daniel, obrigada por nos acolher! Foi maravilhoso! Amamos cada aventura, cada conversa, cada risada e cada beleza natural. .	17/01/ sem indicação de ano da postagem
fazendagangorra De um dia top, com trilha, passeios, comidas, fogueira, palavras e louvor a Deus com a turma animada da @fontechurch.cg	https://www.instagram.com/reel/Ct5MnIPgpnl/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==	**flavioamorim07** Foiii sensacional 🔥 **versos_especiais** Lugar lindo e de muita paz❤❤👏👏👏👏	24/07/2023
fazendagangorra Bastidores do ensaio fotográfico de @rhayssanadinni no cenário do nosso rico Cariri.	https://www.instagram.com/reel/C5bAFmZrfoc/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==	**amanda_silva1261** Que dia incrível,a fazenda é um verdadeiro paraíso,logo logo estaremos de volta com João Pedro nos braços 😍😍 **para_onde_meus_pes_me_leva m** Ficou incrível esse ensaio 👏👏 já editando tudo 👏👏 a fazenda foi o portal mágico para a realização dessas fotos... agradecido pela oportunidade	06/04/2024

fazendagangorra Um pouco do Terceiro dia de visita técnica do Projeto "Cabaceiras conhecendo Cabaceiras". Com iniciativa da Prefeitura de Cabaceiras em parceria com Sebrae.	https://www.instagram.com/reel/CxLIX7HLnPN/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==	**cacimbasturismorural** Muuuito bonito, excelente receptividade... Super indico. **marceelocdias** Lugar maravilhoso, prazer estar com vocês 😀	14/09/2023
fazendagangorra Um pouco do dia incrível do nosso Eclipse Solar no Lajedo da Gangorra.	https://www.instagram.com/reel/CyZzrViLUXn/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==	**romulo.fariass** Foi simplesmente incrível **crislaynem1** Foi incrível! 😍😍 Perfeição **karolinemelloo** 😍😍😍👏👏👏 lugar maravilhoso	14/10/2023
fazendagangorra Primeiro lugar do roteiro da nossa trilha é o Lajedo da Gangorra. Agende seu passeio e venha conhecer esse e outros pontos de nossa trilha.	https://www.instagram.com/reel/CYy6UqVhrml/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==	**manun0rdeste** Uma trilha linda, vale muito conhecer. Eu fiz e adorei gente!!!!👏👏👏👏👏	16/01/2022
fazendagangorra Trilha de Sábado dessa turma animada	https://www.instagram.com/p/CXtYg64LRdl/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==	**draayallawaleska** Foi incrível 😍😍❤ **jessicamarinhocscl** Foi muito maravilhoso 😍😍 **eudebrinha** Que experiência incrível!! Obrigada!! ❤	20/12/2021

Fonte: Elaboração própria, a partir dos quadros de postagens da Fazenda Gangorra no Instagram

Os quadros acima (referentes ao @PaiMateus e @fazendagangorra) revelam que o produto consumido nessas propriedades transcende a materialidade do espaço ou o rigor da trilha; trata-se da comercialização de uma terra transmutada em seu valor estético. O *Instagram* permite demonstrar como esse processo se materializa, onde discursos personificados transformam o sertão antes estigmatizado pela escassez em um reduto onde reside o sublime,

o fantástico e a paz. Nesse processo, a figura do antigo “coronel” que ordenava o território é substituída pela do anfitrião ou guia que acolhe.

Através das observações e catalogação dos posts do Instagram das fazendas, observa-se que a vivência só se completa para o visitante contemporâneo quando é validada digitalmente; o rastro deixado na rede não é apenas um comentário, mas a validação pela vivência empírica que retroalimenta o negócio. É na interface da tela que as sensações de deslumbramento diante da paisagem e a hospitalidade do anfitrião são performadas, consolidando a transição definitiva das fazendas de unidades de produção para a espetacularização do sublime. Desse breve levantamento digital emergem três eixos analíticos, organizados nas seguintes temáticas: as sensações como ativo econômico; a paisagem como novo elemento de patrimonialização; e o misticismo e a hospitalidade simbólica do turismo contemporâneo. Primeiramente, serão feitos breves comentários sobre a Fazenda Tapera / Pai Mateus e, em seguida, será traçado o mesmo percurso analítico para a Fazenda Gangorra.

2.3.1 Análise dos depoimentos digitais postados no Instagram da fazenda Tapera

Primeiramente, os depoimentos coletados no perfil @paimateus revelam a consolidação da reconversão da antiga Fazenda Tapera em um santuário de contemplação. A seguir, detalha-se como essa transição se manifesta nos três eixos analíticos, buscando estabelecer aproximações com autores e antecipar diálogos com os achados observados na Fazenda Gangorra.

I - As sensações como ativo econômico: do “incrível” ao “surreal”

A transição semântica observada nos depoimentos, que desloca o olhar da “terra seca e árida” para a “terra mágica e de energias”, atesta a eficácia de uma nova estratégia de ativação econômica: a patrimonialização do imaterial. Nesse contexto, a paisagem deixa de ser um mero cenário geográfico para converter-se em um ativo econômico de alta rentabilidade simbólica. No ecossistema digital, essa elevação discursiva atua como o combustível que retroalimenta a materialização de sensações, transmutando o simples prazer pessoal em um arrebatamento diante do incomum. Ao converter o “árido” em “sublime”, as fazendas Tapera e Gangorra não comercializam apenas o acesso ao solo, mas a entrega de uma experiência sensorial legitimada pelo discurso do visitante, que agora busca no Sertão o encontro com o extraordinário e o místico.

Exemplos

- "SURREALLLLLL 😍" (@palloma_ricardo, 10/07/2022).
- "Que magia 😈😈😈" (@gugahbrito, 10/07/2022).
- "Um dos lugares mais fascinantes que conheci!" (@lulauviana, 01/07/2022).
- "Lugar que Traz Uma Energia! ❤❤❤" (@ayslanstephson, 09/2023).
- "Caminhar entre pedras milenares... sentir a energia da terra." (@paimateus, postagem institucional).

No Pai Mateus, esse "sublime", o "surreal" e a "magia" indicam que o ativo econômico aqui vendido é a desconexão com o real e o encontro com o extraordinário, validando a eficácia das narrativas, pois aqui não se limitam ao campo do digital, em transformar pedras milenares em uma experiência de "relaxamento profundo que muda a forma de encarar a vida".

II - A paisagem como elemento de patrimonialização e misticismo

O eixo da paisagem no Pai Mateus radicaliza o processo de patrimonialização descrito por Meneses (2018). Aqui, a paisagem não é apenas "bela", ela é "sagrada" e "histórica".

Exemplos:

- "Caminhar entre pedras milenares... sentir a energia da terra" (@paimateus, 07/10/2025).
- "Cada pedra parece contar uma história... mistério que as cercam" (@paimateus, 11/2024).
- "Saudades desse paraíso" (@ricardoccmatos, 09/2023).
- "Lugar de Paz! ... Renovar suas energias" (@simaria, 09/2023).

A paisagem, outrora estigmatizada pela escassez e pela "pobreza" hídrica, é ressignificada nessas narrativas como o "cenário rico do Cariri". Nessa transição, o espaço geográfico é reapresentado como um espetáculo da natureza, dotado de uma "força oculta" que transcende a visão puramente produtiva da terra. Como veremos mais abaixo com a Gangorra, ambas as fazendas operam uma estratégia de assepsia do estigma da aridez: no Pai Mateus, essa manobra atinge seu ápice através da sacralização da natureza, ou seja, o Pai Mateus, curandeiro, era parte da natureza.

Nesse processo de reconversão, o lajedo é despido de sua condição de mero afloramento rochoso para ser investido de uma aura mística, convertendo-se em um "portal" de renovação espiritual. O que antes era obstáculo ao desenvolvimento agrário torna-se, portanto, o ativo principal de uma economia da contemplação, em que o valor da terra não é mais medido pelo que ela produz, mas pelo que ela permite sentir.

III - Hospitalidade simbólica do turismo contemporâneo

A metamorfose da antiga Fazenda Tapera no atual Hotel Fazenda Pai Mateus constitui um atestado definitivo do grau de maturidade alcançado pelo processo de reconversão funcional da terra. Nesse estágio, a hospitalidade deixa de ser um traço cultural ou uma cortesia doméstica para se tornar uma estratégia institucionalizada de mercado.

A estrutura hoteleira atua como o suporte físico onde o acolhimento é profissionalizado e convertido em um serviço de alto valor agregado e se consolida por meio de um aparato de serviços que "vende" o conforto e a atenção como partes integrantes da experiência do sublime. Trata-se da materialização do capital simbólico da terra, materializado também na hospitalidade, em que o bem-receber é o combustível que sustenta a percepção de exclusividade e prestígio do destino.

Exemplos

- "O hotel foi uma surpresa, carinho, atenção, culinária!!!! Inesquecível!!" (@lulauviana, 01/07/2022).
- "Saudades desse lugar onde nos traz alegria, paz, sossego e muito aconchego" (@mariliafigueiredodepaiva, 11/2024).

Aqui, a performance da hospitalidade (D'Onofre, 2013) é profissionalizada. O capital simbólico da família proprietária, embora presente, é mediado por uma equipe que "ensina" o visitante a interpretar os mistérios e lendas. Dessa forma, o Pai Mateus entrega uma experiência de acolhimento baseada no binômio conforto-exclusividade, transformando o serviço em carinho e atenção.

Dessa forma, a Fazenda Tapera, agora Hotel Fazenda Pai Mateus**,** entrega uma experiência de acolhimento plenamente consolidada, fruto de uma conjuntura que antecede a hegemonia das mídias digitais contemporâneas. Sua inserção no imaginário turístico global ocorreu décadas antes da ascensão do Instagram, beneficiando-se de uma visibilidade construída por meios de comunicação de massa tradicionais. Em contrapartida, a Fazenda Gangorra busca projetar seus elementos simbólicos e estéticos em um cenário estritamente delimitado pela cultura das redes sociais, tendo sua "apresentação ao mundo" iniciada apenas em 2018. Essa disparidade temporal e midiática revela o abismo estrutural entre os dois empreendimentos. Todavia, apesar das trajetórias distintas, ambas convergem em uma mesma narrativa de patrimonialização da natureza, vista a seguir.

2.3.2 Análise dos depoimentos digitais postados no Instagram da Fazenda Gangorra

Apesar de estarmos tratando de processos de reconversão muito distantes entre si, os depoimentos coletados no perfil @fazendagangorra revelam o mesmo entusiasmo encontrado nos depoimentos da Fazenda Tapera, indicando que o "sublime" mobilizado nas narrativas dos visitantes é semelhante, isto é, a construção de um santuário de contemplação. A seguir, detalha-se também como essa transição se manifesta nos três eixos analíticos, buscando estabelecer aproximações com autores e antecipar diálogos com os achados observados na Fazenda Tapera.

I - As sensações como ativo econômico: do "incrível" ao "sensacional"

Como discutido anteriormente, observa-se a personificação de um território que transita do estigma da improdutividade e da insustentabilidade agrária para a configuração de um 'novo' ambiente pautado pelo incrível, sublime, sensacional e fantástico. Essa metamorfose, validada subjetivamente pelos depoimentos dos visitantes, evoca interpretações que se alinham à tese de Gonçalves (2016) sobre a transformação das sensações em ativo econômico. Nesse processo, o valor da terra deixa de ser medido pela sua capacidade de prover sustento material para ser precificado pela sua potência em gerar experiências sensoriais e estados afetivos comercializáveis.

Exemplos:

- "Amooooooo esse lugar" (@adeneide_pereira, 17/07/2024).
- "Foi muito bom! 😍" (@fabiamorima, 02/10/s.d.).
- "Foi lindo demais ❤❤❤❤" (@matilde_coelhojp, 28/09/s.d.).
- "Foiii sensacional 🔥" (@flavioamorim07, 24/07/2023).
- "Lugar lindo e de muita paz" (@versos_especiais, 24/07/2023).
- "Foi simplesmente incrível" (@romulo.fariass, 14/10/2023).
- "Perfeição" (@karolinemelloo, 14/10/2023).
- "Que experiência incrível!!" (@eudebrinha, 20/12/2021).

As expressões utilizadas não descrevem objetos tangíveis, mas estados afetivos e sensoriais: "incrível", "sensacional", "maravilhoso", "lindo", "paz", "perfeição". O que ambas as fazendas vendem (em escalas totalmente distintas), e o que os visitantes atestam ter consumido, foram experiências emocionantes e simbólicas, confirmando o deslocamento da economia do produto material para o imaterial.

II - A paisagem como elemento de patrimonialização e misticismo

À semelhança do fenômeno observado no Pai Mateus, opera-se aqui uma profunda mistificação do espaço. Os novos detentores do território ressignificam a paisagem sob o prisma

de novos valores estéticos, operando uma transição de poder fundamental: a autoridade, que outrora residia no comando de vastas extensões produtivas, é redirecionada agora à exclusividade do olhar. O poder contemporâneo manifesta-se na capacidade de ofertar cenários inalcançáveis fora de seus domínios. Nesse processo, o herdeiro reescreve a cartografia da posse: as trilhas outrora percorridas pelo avô em lidas agrárias e as pedras escaladas para a vigilância do gado são investidas de uma aura sagrada, sendo rebatizadas como “varanda de Deus”, ‘catedral' ou 'portal'. Trata-se de um processo de patrimonialização do espaço em plena ação, em que a memória familiar é convertida em um ativo de contemplação, transformando a geografia do trabalho na cenografia do sublime.

Exemplos

- "Varanda de Deus" (@fazendagangorra, 09/09/2023).
- "Vinde, vede o lugar onde o Senhor jazia" (@fazendagangorra, 17/04/2022).
- "cenário do nosso rico Cariri" (@fazendagangorra, 06/04/2024).
- "a fazenda é um verdadeiro paraíso" (@amanda_silva1261, 06/04/2024).
- "a fazenda foi o portal mágico para a realização dessas fotos" (@para_onde_meus_pes_me_levam, 06/04/2024).
- "Sua Fazenda com as belezas dos Lagedos são verdadeiros caminhos natural" (@guiaalcantara_, 17/01/s.d.).

A nomeação de pontos como a 'Varanda de Deus' ou o uso de versículos bíblicos nas postagens opera também uma sacralização do latifúndio. Ao associar a posse da terra ao divino, Daniel desloca a narrativa do campo jurídico e em crise para o campo místico. Para o turista, a fazenda deixa de ser uma propriedade privada em dificuldade e é um 'santuário' ou um 'portal mágico'. É o triunfo do Poder Contemplativo: a capacidade de fazer o outro perceber um território de exploração histórica como um espaço de redenção e paz espiritual.

Se antes a paisagem do Cariri era associada à seca e à aridez, aqui observamos o movimento de reconversão em ação, no qual o cenário se transforma em belo, místico e encantador. Esse processo, conforme Meneses (2018), representa o ponto de partida da patrimonialização da paisagem, uma estratégia de reconversão simbólica validada pelos próprios visitantes. O que antes era visto como problema natural (a seca) converte-se em valor turístico, transformando o “árido” em “paraíso”.

Essa leitura também dialoga com a análise de D’Onofre (2013) sobre o Vale do Café (RJ), onde as elites reconstruíram a memória do lugar, apagando os conflitos e as bases de exploração, para vendê-lo como um produto cultural autêntico. De forma análoga, a Fazenda Gangorra, ao compor sua narrativa digital (como no post “Varanda de Deus”), ensina o visitante a ver o Cariri como belo e o visitante, em seus comentários, confirma que aprendeu a lição e consumiu essa nova imagem.

III - Hospitalidade simbólica do turismo contemporâneo

Esse terceiro tópico, como já visto, debruça-se sobre a hospitalidade e a figura do anfitrião, elementos que emergem dos comentários como o "cimento" afetivo da experiência turística. Ao contrário do Pai Mateus, na Fazenda Gangorra ela se manifesta de forma personalista e direta. Aqui, o capital simbólico da família proprietária não é apenas um pano de fundo, mas a própria moeda de troca: a figura de Daniel, o anfitrião, torna-se indissociável da paisagem.

Exemplos

- "Equipe TOPÁSTICA 😍" (@matilde_coelhojp, 02/10/s.d.).
- "Obrigada meu amigo Daniel você e uma pessoa fantástica" (@guiaalcantara_, 17/01/s.d.).
- "Daniel, obrigada por nos acolher! Foi maravilhoso! Amamos cada aventura, cada conversa, cada risada" (@hellidaalcantaraaraujo, 17/01/s.d.).
- "excelente receptividade... Super indico" (@cacimbasturismorural, 14/09/2023).

Essa dimensão reforça as análises de D'Onofre (2013), segundo as quais a hospitalidade se torna o combustível simbólico do turismo contemporâneo. O produto turístico não é apenas a terra, mas a performance da hospitalidade. O capital simbólico da família, conforme Bourdieu (2007), é reconvertido em ação, materializando-se na figura do anfitrião.

Os elogios diretos a Daniel ("pessoa fantástica", "obrigada por nos acolher") evidenciam que a receptividade é parte central do produto turístico. A casa-sede, que outrora funcionava como centro de dominação, como lembraria Elias (2001), transforma-se agora em palco da hospitalidade. Assim, o ciclo se completa e se retroalimenta: o visitante consome a experiência mediada pelo anfitrião, valida-a publicamente no Instagram, e essa validação se converte em prova social, atraindo novos visitantes e consolidando o processo de reconversão digital e simbólica em curso.

Por outro lado, o desenvolvimento de artefatos, exclusividade da Gangorra, produzidos por Daniel, está diretamente associado à abertura ao turismo, parecendo funcionar como um símbolo de distinção desse modelo de reconversão familiar. Esses objetos, legitimados como de valor "genuíno", não apenas pela estética, mas sobretudo pela narrativa de origem e pelo processo produtivo, compõem parte do patrimônio material que sustenta essa reconversão. No Instagram, as peças são exibidas sequencialmente da coleta das toras ao acabamento criando uma narrativa visual da transformação da matéria-prima em um simbolismo também vendido. Essa exposição confere aos artefatos uma aura de autenticidade rústica que dialoga com as expectativas do olhar turístico, ao mesmo tempo em que reforça a ideia de serem produtos nativos ao turismo. Na verdade, os produtos artesanais podem ser compreendidos como bens "nativos" apenas em sua origem por serem produzidos no território, a partir de materiais,

técnicas e narrativas da comunidade. Contudo, seu circuito de circulação é essencialmente turístico: são objetos feitos localmente, mas não para o consumo cotidiano dos moradores. Seu valor monetário e seu caráter simbólico os deslocam para o mercado visitante, onde encontram compradores mais aptos (financeira e culturalmente) a adquiri-los.

Por fim, como temos demonstrado, a atual realidade financeira da Fazenda Gangorra ainda é muito inferior ao que já foi um dia e em relação à realidade financeira da Fazenda Tapera. Entretanto, mesmo as análises desenvolvidas neste capítulo evidenciam uma linguagem semelhante de reconversão produtiva, mas sobre o contexto de pavimentação desses processos em contextos divergentes. Essas diferenças apontam para a necessidade de um olhar comparativo, capaz de situar a reconversão no interior de um mesmo contexto regional marcado pela crise do modelo agrário tradicional e pela crescente valorização do patrimônio material e simbólico. É a partir dessa perspectiva que o capítulo seguinte se dedica a examinar, ou seja, a analisar a reconversão dos latifúndios, tensionando as relações entre crise produtiva e patrimonialização. Se na Tapera a reconversão é um monumento à estabilidade, na Gangorra ela é um laboratório de sobrevivência. É essa geografia das desigualdades na reconversão que o próximo capítulo passará a dissecar, analisando como o mesmo sol do Cariri ilumina modelos tão distintos de reinvenção do poder e que vão tensionar novas relações sociais e econômicas para além das porteiras dessas fazendas.

Em última instância, a reconversão dessas fazendas evidencia que o turismo rural não se limita à exploração econômica da paisagem. Ele também reorganiza o significado do território, transformando antigas áreas produtivas em patrimônios simbólicos capazes de legitimar novas hierarquias espaciais e sociais.

CAPÍTULO III: A RECONVERSÃO EM PERSPECTIVA COMPARADA: O LATIFÚNDIO ENTRE A CRISE E A PATRIMONIALIZAÇÃO

Como temos acompanhado, o modelo típico das grandes fazendas pecuaristas do semiárido nordestino já não integra, em grande medida, o cenário contemporâneo, em parte, podendo ser atribuído às sucessivas crises econômicas e ambientais, a exemplo da retração dos mercados tradicionais e da intensificação das secas. Esse processo insere-se no que autores da sociologia rural identificam como crise do modelo agrário tradicional, associado à desestruturação das formas clássicas de dominação fundiária e produtiva (Wanderley, 2009). Nesse contexto, parte dos proprietários adotou novas estratégias de reprodução social e econômica, visando preservar posições de status ou apenas manter a posse do latifúndio. Trata-se de uma dinâmica de mobilidade social descendente que, como indica Bourdieu (2007), tende a se intensificar diante da perda de capital econômico e simbólico, fenômeno mais evidente na Fazenda Gangorra do que na Fazenda Tapera.

Longe de ser um fenômeno restrito ao Nordeste, as obras de Piccin (2012), D'Onofre (2013) e Andrade-Matos (2021) são boas referências para demonstrar como as elites agrárias ressignificaram o uso de seus capitais em espaços de grandes propriedades. Em Piccin, a estância gaúcha deixa de ser apenas uma unidade de produção para tornar-se um símbolo de estilo de vida e tradição; em Dan Onofre sobre o Vale do Café fluminense, onde a arquitetura colonial passa a ser consumida como objeto estético e hoteleiro de luxo. Da mesma forma, Andrade-Matos *et al*. demonstram como as fazendas de cacau na Bahia, após a crise da vassoura-de-bruxa, mobilizaram a narrativa do "ciclo do cacau" para transformar ruínas em destinos turísticos. Em todos esses cenários, a reinvenção das grandes propriedades, mobilizando o passado, a memória ou mesmo a paisagem como recursos estratégicos para assegurar pelo menos a continuidade da posse de seus latifúndios, a partir de novas maneiras de exploração e uso da terra.

Diante desse novo contexto de ressignificação das atividades produtivas que, no caso local, emerge da grande propriedade, evidencia-se a permanência histórica da influência dos latifúndios na condução dos processos sociais e econômicos do meio rural, marcada por resquícios das antigas ideologias de modernização da agricultura. Em parte, nosso trabalho vem demonstrar como esse processo, de certa forma, ainda se mantém, agora sob novas linguagens, novas maneiras de exploração, em que os cenários que outrora justificavam a condição de miséria, de fome, de poder absoluto etc., passaram a ser objeto de apreciação, de contemplação, de beleza.

Nosso interesse maior é deslocar a análise para além das porteiras dessas estruturas na medida em que, mesmo reconfiguradas em seus processos produtivos, ainda demonstram interferências nos processos socioeconômicos e fundiários para além de suas porteiras. Esse

cenário demanda, entre outros olhares, um exame mais profundo e crítico entre as novas formas de ocupação, trabalho e as próprias políticas públicas de proteção social voltadas aos pequenos produtores rurais, muitas vezes concebidas para uma realidade produtiva que já não corresponde plenamente às condições atuais. Dessa forma, exige-se uma compreensão mais profunda da reconversão do latifúndio em relação ao minifúndio.

À luz dessa perspectiva comparada, o capítulo organiza-se em quatro movimentos analíticos:

3.1 A decadência das elites agrárias e a emergência do patrimônio ativo.

Nessa seção, examina-se o declínio das elites agrárias e a emergência do patrimônio como novo ativo econômico e simbólico. Busca-se ampliar o diálogo sobre os processos históricos que antecederam a reconversão produtiva dessas fazendas.

3.2 Paisagens de exceção: diálogos estéticos entre o Brejo e o Cariri paraibano.

Nesta seção estabelece-se um diálogo entre o Brejo e o Cariri paraibano, destacando como estéticas distintas da abundância e da escassez são mobilizadas como discursos de reconversão e de valorização territorial.

3.3 A reinvenção do latifúndio: o sublime geológico e os efeitos adversos da reconversão.

Diferentemente da patrimonialização associada aos ciclos do café ou do cacau, que exaltam a opulência de uma agricultura exportadora e seus remanescentes históricos, a reconversão das fazendas Tapera e Gangorra fundamenta-se na comercialização da aridez. Em vez de musealizarem o passado produtivo do alho ou da caprinocultura, essas propriedades converteram a natureza bruta e a escassez hídrica em seus principais ativos. O que se oferece ao mercado não é uma riqueza agrícola pretérita, mas aquilo que se pode denominar de sublime geológico, no qual a força estética das formações rochosas transmuta a geografia em um cenário simultaneamente contemplativo e economicamente rentável.

O conjunto dessas reflexões pavimenta o caminho para as considerações finais, nas quais se levantam questões para pesquisas futuras, como a reorientação das políticas de crédito rural, a precarização das relações trabalhistas diante da crescente informalidade dos serviços no campo e a imposição de novos destinos aos patrimônios fundiários. Todas essas questões apontam para um redesenho, em última análise, sobre uma nova lógica de sobrevivência do campesinato no Cariri.

3.1 A DECADÊNCIA DAS ELITES AGRÁRIAS E A EMERGÊNCIA DO PATRIMÔNIO ATIVO

As transformações recentes observadas no meio rural brasileiro, especialmente no semiárido, devem ser compreendidas à luz da crise estrutural dos antigos modelos produtivos centrados na integração entre pecuária, algodão, policultura, relações de trabalho e moradia (Nunes, 2016). Como discutido nos capítulos anteriores, esse modelo, que sustentou por décadas a reprodução econômica e simbólica das elites agrárias regionais, entrou em colapso a partir de múltiplos fatores climáticos, econômicos e institucionais abrindo espaço para novas estratégias de permanência no território.

Meneses (2018) também demonstrou que, diante dessa crise, elites pecuaristas na região do Cariri passaram a buscar alternativas capazes de mitigar o risco de descenso social. Entre essas alternativas, destaca-se a patrimonialização, entendida não apenas como preservação, mas como estratégia de reconversão do uso da terra, transformando o patrimônio fundiário em patrimônio natural e novo ativo econômico, na tentativa de afastar a imagem do latifúndio improdutivo, explorador de pessoas, de recursos públicos e de um ambiente de secas cíclicas. Trata-se de um fenômeno que não se restringe ao semiárido nordestino, mas que pode ser observado em distintos contextos nacionais marcados pela exaustão de ciclos produtivos tradicionais.

Nesse sentido, este trabalho dialoga com contribuições de Piccin (2012), D'Onofre (2013) e Andrade-Matos et al. (2021) para demonstrar como elites agrárias em processo de descenso social reorganizam suas estratégias de reprodução em outras regiões do país. O argumento central que atravessa essas análises é que, quando o lucro direto da terra seja pela pecuária, pelo café ou pelo cacau deixa de sustentar economicamente a propriedade, a elite proprietária não abandona o território. Ao contrário, busca ressignificar o uso da terra, mobilizando outros tipos de capital, especialmente o simbólico, a fim de garantir a manutenção do patrimônio e da posição social.

Piccin (2012), ao analisar os estancieiros gaúchos, mostra que o declínio da pecuária não implicou o desaparecimento da classe proprietária, mas sua reorganização. A estância deixa de operar exclusivamente como unidade produtiva e funciona também como símbolo de tradição, estilo de vida e distinção social. Nessa dinâmica, o capital simbólico acumulado historicamente torna-se o principal recurso mobilizado para conter o descenso social, permitindo a permanência das elites no espaço rural mesmo diante da perda de rentabilidade econômica.

Processo semelhante é identificado por D'Onofre (2013) no Vale do Café fluminense. Com o esgotamento dos solos e o fim do regime escravocrata, as fazendas cafeeiras transformaram-se em passivos econômicos. A recuperação de seu valor ocorreu por meio da

estetização da memória, na qual a arquitetura colonial e o passado senhorial são convertidos em objetos de consumo estético, sobretudo no setor hoteleiro de luxo. De modo análogo, Andrade-Matos et al. (2021) demonstram que, após a crise da vassoura-de-bruxa, as fazendas de cacau baianas passaram a mobilizar a narrativa do "ciclo do cacau" e o imaginário literário associado a Jorge Amado como estratégia de reconversão patrimonial e turística na região de Ilhéus, norte da Bahia.

O processo observado no Cariri paraibano dialoga com essas experiências ao compartilhar o mesmo objetivo comum: transformação do patrimônio fundiário, histórico ou natural em ativo econômico, para evitar, conter ou sair de uma condição de descenso social instalado sobre o que um dia fora as elites agrárias. Contudo, ele se distingue pela natureza do ativo mobilizado. Diferentemente do Vale do Café e das fazendas cacaueiras, onde a patrimonialização se ancora predominantemente na história humana, na arquitetura e na memória do trabalho, as Fazendas Tapera e Gangorra operam uma inversão estética específica. Nesse caso, o que se transforma em ativo não é a abundância produtiva do passado, mas o próprio estigma da aridez, convertido no que aqui definimos como sublime geológico. Se em outras regiões a reconversão celebra a fertilidade e a opulência, no Cariri ela espetacularia a escassez, demonstrando que o latifúndio pode sobreviver mesmo quando a terra se torna improdutiva, desde que ela se torne imagem.

Dessa forma, a emergência do patrimônio como ativo econômico configura-se como uma resposta direta à escassez de capital associada à crise do modelo agrário tradicional. Ou seja, diante da perda progressiva de recursos produtivos como no caso da Fazenda Tapera ou do esgotamento completo do capital econômico como na Fazenda Gangorra a ativação do capital simbólico da natureza surge como o último recurso disponível para a manutenção do latifúndio. Tal operação permite a conversão parcial desse capital simbólico em capital econômico, ainda que de maneira instável e dependente de fluxos externos, como o turismo e a indústria cultural.

Contudo, a viabilização dessas estratégias de reconversão não se dá de forma homogênea, tema que será detalhado adiante ao contrastarmos os capitais de acesso ao mercado de turismo rural. Enquanto no Cariri a transição ancora-se na gestão algorítmica da paisagem, em outras latitudes. Na Fazenda Tapera, como acompanhamos, a abertura ao turismo ocorreu em um contexto relativamente favorável, no qual a reconversão já vinha sendo gestada desde a instalação da fábrica de granito, em 1995. Nesse caso, o turismo representa menos uma ruptura abrupta e mais uma reorientação gradual na forma de exploração da natureza, agora mobilizada sobretudo por seu valor simbólico. Outra importante singularidade desse processo na Tapera

foi o contexto externo de agência de turismo que potencializou e facilitou essa reconversão. Já o caso da Fazenda Gangorra, a reconversão assume outras características em um contexto totalmente oposto, iniciando-se em um cenário de crise já consolidada e de esgotamento dos recursos econômicos. Restaram, assim, como principais ativos mobilizáveis, a história da propriedade, a geodiversidade e os remanescentes estéticos da casa-sede

Nessas condições, o patrimônio fundiário passa a operar como uma espécie de moeda simbólica, possibilitando a permanência da posse do latifúndio agora sob nova lógica de valorização e exploração. O que se observa, portanto, não é o fim do latifúndio, mas sua adaptação a um novo regime de acumulação, no qual a terra deixa de ser essencialmente meio de produção e funciona como suporte de imagem, memória e distinção.

Diferentemente das casas-grandes do Vale do Café ou do Brejo, que exigem vultosos investimentos em restauro arquitetônico para se manterem como ativos turísticos, o sublime geológico do Cariri apresenta uma vantagem estratégica para elites em descenso: a pedra não carece de manutenção. As formações rochosas da Tapera e da Gangorra são ativas 'prontos', cuja durabilidade geológica oferece uma estabilidade simbólica que o capital econômico agropecuário já não pode garantir. Este é muito volátil e dependente da chuva e de recursos de crédito público e de um sistema de exploração de trabalho e dívida de moradores do barracão.

3.2 PAISAGENS DE EXCEÇÃO: DIÁLOGOS ESTÉTICOS ENTRE O BREJO E O CARIRI PARAIBANO

Diante das estratégias de reconversão analisadas na seção anterior, torna-se pertinente ampliar a análise por meio de uma perspectiva comparativa. Ao observar os distintos caminhos assumidos pelo processo de patrimonialização na Paraíba, evidencia-se que as respostas à crise do modelo agrário tradicional não são homogêneas, mas profundamente condicionadas pelos ecossistemas, pelas heranças produtivas e pelos repertórios simbólicos de cada região. Nesse sentido, a comparação entre os engenhos do Brejo paraibano e as fazendas do Cariri permite compreender como diferentes paisagens são mobilizadas como ativos econômicos e simbólicos em contextos de reconversão.

Para esse exercício analítico, recorremos aos trabalhos de Samara Sales (2026) e de Ramiro et al. (2012; 2021; 2023), que analisam os processos de patrimonialização dos antigos engenhos açucareiros do Brejo. Nessas experiências, a reconversão é sustentada por uma estética da abundância, ancorada na memória do ciclo do açúcar. O discurso turístico e

patrimonial mobiliza elementos como a vegetação exuberante, a perenidade das águas, a fertilidade dos solos e a imponência arquitetônica das casas-grandes, compondo uma narrativa de opulência, nobreza rural e refinamento aristocrático. A cenografização desses espaços opera, assim, como um resgate seletivo de um passado produtivo glorificado, no qual o engenho é reconstituído como lugar da fartura, da tradição e da distinção social.

Em contraste, as fazendas do Cariri paraibano, olhando para o Pai Mateus e Gangorra, operam sob uma lógica estética diametralmente oposta, aqui definida como estética da escassez. Nesse contexto, a seca, a aridez e a rusticidade da caatinga, historicamente associadas ao atraso, à vulnerabilidade social e à improdutividade, são ressignificadas como atributos de exceção. A reconversão não busca anular a opulência do Brejo, mas transformar a escassez em valor simbólico. O silêncio, o cinza da paisagem, a vastidão do espaço e a presença milenar das formações graníticas passam a compor uma narrativa estética e contemplativa, frequentemente associada a um imaginário cinematográfico e ao consumo da paisagem como experiência sensorial.

A reconversão no Cariri opera, portanto, uma exotização do árido. Enquanto o Brejo paraibano vende a continuidade da 'Civilização do Açúcar', o Cariri vende a ruptura: o silêncio, o vazio e a resistência da caatinga. O que outrora era o 'estigma' do semiárido (a falta de água, a pedra no caminho) é convertido em distinção. Para o turista urbano, a escassez não é lida como privação social, mas como 'minimalismo existencial' e 'autenticidade paisagística', permitindo que o latifúndio improdutivo seja reabilitado como um santuário de contemplação. Nesse sentido, o que os visitantes buscam não é o conforto urbano padronizado, mas a descompressão proporcionada pela imensidão árida. Depoimentos como o de @mariliafigueiredodepaiva (2024), que associa o lugar a 'alegria, paz, sossego e muito aconchego', demonstram que a experiência turística se ancora na autenticidade paisagística da rocha nua. A pedra, antes vista sob a ótica da improdutividade agrícola ou dificuldades para exploração mineral, é ressignificada como um 'cenário único' (@paimateus, 2024) ou um 'portal mágico' (@para_onde_meus_pes_me_levam, 2024), evidenciando que o valor comercial destas fazendas reside, paradoxalmente, na sua capacidade de oferecer um encontro com a 'essência' e o 'mistério' da natureza bruta.

Como demonstrado ao longo deste trabalho, a geodiversidade do Cariri, especialmente as formações rochosas de granito, adquire centralidade nesse processo. A natureza deixa de ser apenas suporte físico, sendo personificada, estetizada e convertida em paisagem-experiência, seja por meio da associação com figuras animais, seja pela evocação de temporalidades profundas que remetem à permanência e à força da natureza. A aridez, nesse caso, não é

ocultada, mas espetacularizada, convertendo a falta de água e de pasto em um ativo simbólico raro e exótico no mercado turístico.

O diálogo entre essas duas regiões evidencia que a patrimonialização assume significados distintos conforme o território em que se insere. Enquanto o Brejo oferece ao visitante a nostalgia da opulência açucareira, o Cariri oferece o impacto do sublime geológico, entendido como a experiência estética de admiração, espanto e reverência diante de paisagens que evocam grandeza, antiguidade e resistência. Em ambos os casos, contudo, o território é mobilizado como palco de distinção social, no qual o proprietário deixa de ser apenas um produtor rural para assumir o papel de curador da paisagem e mediador da experiência turística

Essa dicotomia reforça a ideia de que o latifúndio em crise, seja em ambientes úmidos ou no semiárido, recorre à espetacularização do espaço como estratégia de permanência de status ou resistência ao descenso social. O que varia não é a lógica da reconversão em si, mas o repertório simbólico mobilizado, profundamente enraizado nas características ambientais e históricas de cada região.

3.3 A REINVENÇÃO DO LATIFÚNDIO: O SUBLIME GEOLÓGICO E OS EFEITOS ADVERSOS DA RECONVERSÃO

Em continuidade à análise comparativa desenvolvida na seção anterior, esta seção aprofunda o exame de um tipo específico de reconversão produtiva observado no município de Cabaceiras: a patrimonialização da natureza bruta como estratégia de reinvenção do latifúndio. Diferentemente dos processos de reconversão analisados no Vale do Café fluminense ou nas fazendas de cacau baianas, nos quais o ativo central reside na memória idealizada de uma produção voltada à exportação materializada na arquitetura das casas-grandes e na memória dos ciclos produtivos escravocratas, a realidade do Cariri paraibano apresenta uma singularidade analítica. Nas fazendas Tapera e Gangorra, o patrimônio mobilizado transcende a produção pretérita, focando no tempo geológico e na paisagem árida. Contudo, essa apropriação não se limita ao elemento natural inalterado: ela é mediada por uma infraestrutura de ecoturismo materializada em passarelas de madeira (tábuas), trilhas interpretativas e mirantes que, ao mesmo tempo que permite o acesso, atua na cenografização do espaço, transformando a escassez hídrica e a aridez em um cenário de fruição turística.

Se nas ruínas cafeeiras o que se consome é a duração histórica da sociedade senhorial, em Cabaceiras o produto ofertado ao visitante é a antiguidade da paisagem, a monumentalidade

das formações rochosas e a permanência da natureza ao longo de milênios. Essa centralidade do geológico, marca a transição da agropecuária tradicional para o geoturismo e sinaliza a substituição do lucro da terra produtiva pelo lucro da terra-paisagem. Trata-se, portanto, de um deslocamento estrutural na lógica de valorização fundiária, no qual a produtividade agrícola cede lugar à capacidade contemplativa e simbólica do território.

Esse movimento não deve ser interpretado como uma mera escolha estética, mas como uma estratégia ativa de manutenção da integridade do latifúndio. Ao converter a propriedade em santuário geológico, parque paisagístico ou cenário cinematográfico, o proprietário neutraliza críticas associadas à baixa produtividade agrícola e reinsere a terra em uma nova economia de valorização, ancorada no turismo, na indústria cultural e na mercantilização da experiência. A reconversão, nesse sentido, atua como um mecanismo de blindagem simbólica da grande propriedade, permitindo sua permanência em um contexto de crise do modelo agrário tradicional.

A heterogeneidade das trajetórias históricas da Tapera e da Gangorra, cujos impactos sociais na juventude rural e no mundo do trabalho já exploramos em detalhes na página 127, revela que a reconversão turística não é um processo uniforme. Enquanto na Fazenda Tapera, o processo teve início ainda na década de 1990, com a exploração geológica voltada à extração de granito para fins comerciais. Em um primeiro momento, a valorização da terra esteve associada à pedra lapidada, convertida em mercadoria industrial. Posteriormente, em resposta a uma conjuntura externa marcada pela retração do setor e pela expansão do turismo e da indústria cinematográfica, observa-se uma inflexão estratégica: a estética da pedra lapidada é substituída pela estética da pedra bruta, em seu estado natural. A natureza deixa de ser explorada como recurso extrativo, sendo consumida como paisagem.

A Fazenda Gangorra inicia seu processo de reconversão de forma relativamente tardia, tanto em comparação à Fazenda Tapera quanto em relação ao próprio contexto de perda de seus ativos econômicos. Essa defasagem a coloca em uma posição desfavorável diante da experiência já consolidada na Tapera, ainda que ambas compartilhem um mesmo contexto geológico, marcado pela presença de extensos campos de matacões graníticos. Diferentemente da Tapera, cuja reconversão se antecipa e se estrutura de modo mais orgânico, a Gangorra só passa a incorporar essa lógica quando o processo já se encontrava institucionalmente consolidado no plano municipal nos anos 1990.

Esse movimento ocorre, sobretudo, no contexto de expansão dessa reconversão para um âmbito municipal como política pública de desenvolvimento econômico, com destaque para a criação da chamada “Rota do Turismo”, em 2015, que ampliou o circuito de visitação

para toda a extensão do Plutão Bravo. A partir desse marco, a Fazenda Gangorra passa a integrar de maneira mais sistemática o circuito turístico, inclusive por meio de estratégias de visibilidade digital, como a criação de seu perfil no Instagram. Momento esse em que o processo de distinção ganha maior densidade, quando a propriedade passa a construir de forma mais deliberada uma narrativa própria de valorização, mobilizando a suposta exclusividade de suas formações rochosas e a singularidade de sua trajetória fundiária. Essa busca por diferenciação remete a estratégias observadas em outros contextos de patrimonialização rural, como nas fazendas do ciclo do cacau na Bahia, nas quais cada propriedade elabora uma identidade narrativa específica para disputar fluxos turísticos concorrentes

A distinção entre as duas fazendas reside, assim, na natureza da oferta simbólica. A Tapera comercializa um cenário já legitimado pela mídia nacional e pela indústria cinematográfica, enquanto a Gangorra busca se afirmar como complemento, explorando o sublime geológico como ativo de exclusividade familiar ainda em processo de consolidação. Em ambos os casos, contudo, observa-se uma homogeneidade estrutural: a reconversão turística atua como uma "capa de proteção" do latifúndio, que, incapaz de competir na agropecuária moderna, encontra no mercado de serviços e na economia da experiência um meio de preservar, pelo menos, sua extensão territorial e seu significado simbólico no cenário local.

Essa reinvenção do latifúndio, entretanto, não se restringe aos limites físicos das propriedades, mas extrapola suas cercas e projeta, de forma mais direta, seus efeitos sobre as comunidades situadas ao longo das rotas do turismo direcionado aos lajedos. A valorização turística da paisagem, ao mesmo tempo em que redefine o sentido econômico e simbólico do território, desencadeia processos de especulação fundiária ainda pouco explorados pela pesquisa nos quais pequenos proprietários passam a ser assediados por agentes externos, como empresários e turistas interessados na compra de terras para residências de lazer ou empreendimentos turísticos. Enquanto a grande propriedade tende a permanecer íntegra, amparada pela chancela patrimonial e pela narrativa da preservação, a pequena propriedade se vê submetida a pressões crescentes de fragmentação e venda, aprofundando desigualdades territoriais e transformando as formas de apropriação e relação social com a terra.

Essa reconversão produtiva impõe desafios profundos ao mundo do trabalho, especialmente para a juventude rural que opta por permanecer no território. Se, por um lado, a transição para a produção artesanal de artefatos em couro abriu novas janelas de oportunidade e renda, por outro, ela esbarra na insuficiência dos ganhos reais. Os relatos colhidos no campo revelam um descompasso entre a expectativa de autonomia dos jovens e a realidade financeira das oficinas. O desabafo de uma mãe, ao mencionar que a remuneração do filho "não dá para

sustentar uma família” nem permite a concretização do sonho da casa própria, evidencia a fragilidade desse novo mercado. O que se observa é uma forma de precarização sob a roupagem da “inovação”: embora o jovem escape da dureza da agricultura tradicional, ele se vê aprisionado em uma baixa remuneração que compromete sua reprodução social e sua independência, tornando a permanência no sítio um projeto de vida financeiramente ainda vulnerável.

Esta 'blindagem simbólica' do latifúndio através do turismo gera um efeito colateral de imobilismo fundiário. Enquanto a grande propriedade se mantém íntegra sob o pretexto da preservação da paisagem e do cenário, a juventude rural ao redor é empurrada para uma 'servidão estética'. O trabalho artesanal e o serviço de guia, embora menos penosos que a roça tradicional, configuram uma nova precarização: o jovem torna-se um acessório da paisagem do latifúndio, recebendo rendimentos que, como demonstram os relatos de campo, são insuficientes para a autonomia habitacional ou a reprodução social fora da órbita da grande fazenda

Uma outra questão que merece aprofundamento, já sinalizada em momentos anteriores do texto, refere-se às políticas públicas de proteção ao agricultor, cuja formulação permanece ancorada em uma racionalidade produtivista que já não corresponde às transformações recentes do mundo rural local. Tais políticas foram historicamente estruturadas a partir da centralidade da produção agrícola, pressupondo condições mínimas de estabilidade hídrica e a predominância do trabalho no cultivo e na criação. Contudo, o aprofundamento das crises hídricas e a redução da viabilidade econômica da agricultura têm deslocado progressivamente as estratégias de reprodução social das famílias rurais em direção ao setor de serviços, especialmente às atividades vinculadas ao turismo. Nesse contexto, evidencia-se um descompasso entre o agricultor pressuposto pelas políticas públicas e o sujeito social que efetivamente emerge no território, revelando os limites de instrumentos que, ao insistirem em modelos produtivos passados, deixam de reconhecer a pluralidade de formas contemporâneas de viver e trabalhar no campo.

3.4 SÍNTESE ANALÍTICA: MATRIZES DE RECONVERSÃO E PERMANÊNCIA DO LATIFÚNDIO

A análise desenvolvida ao longo deste capítulo permite situar os processos contemporâneos de reconversão do espaço rural brasileiro em uma perspectiva histórica mais

ampla, marcada pela permanência de estruturas herdadas da chamada matriz agrária do pensamento social brasileiro. Durante grande parte do século XX, autores como Caio Prado Júnior, Celso Furtado e Manuel Correia de Andrade consolidaram uma interpretação do rural fortemente associada à produção agrícola, à concentração fundiária e à centralidade da terra como fator econômico e político. Nessa tradição, o campo foi concebido prioritariamente como espaço de produção, e o sujeito rural, como aquele que vive do e para o trabalho agrícola, tendo sua identidade social reduzida à figura do agricultor seja como escravizado, morador, lavrador, jagunço ou coronel, grande proprietário.

Entretanto, como discutido nas seções anteriores, essa equivalência histórica entre rural e agrário passa a ser tensionada a partir das últimas décadas do século XX. Conforme aponta Graziano da Silva (2002), emerge um novo contexto de modernização marcado pela crise do paradigma agrário tradicional e pelo surgimento de um rural pós-agrícola. Nesse cenário, o espaço rural passa a ser definido por sua multifuncionalidade, pela mescla entre o tradicional e o novo (Duqué, 1984) ou na reconversão total, como na incorporação de novas atividades, por exemplo, o contexto que estamos tratando, em que a terra passa a ser explorada de outra forma, pelo turismo, o lazer, à preservação ambiental e ao consumo simbólico da paisagem. A transformação central não reside apenas na diversificação das atividades econômicas, mas no deslocamento do próprio sentido do rural, que deixa de ser exclusivamente produtivo para tornar-se também espaço de consumo, representação e experiência.

Todavia, essa reconfiguração não implica a superação das estruturas históricas do mundo agrário. Ao contrário, os diferentes casos analisados no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Bahia e Paraíba (Brejo e Cariri) revelam que os processos de reconversão coexistem com a permanência do latifúndio. O que se transforma, fundamentalmente, não é a posse da terra, mas seus usos, significados e formas de valorização. A luta é contra o que a palavra latifúndio expressa: atraso, violência e exploração das pessoas e da natureza. Observa-se, assim, uma mudança no regime de exploração dos ativos fundiários, que passam a ser mobilizados a partir de suas dimensões arquitetônicas, paisagísticas, históricas e simbólicas.

Nesse sentido, os casos estudados compartilham um pano de fundo comum que pode ser compreendido como estratégias de reconversão, conforme formulado por Bourdieu. Em contextos nos quais o lucro agrícola, enquanto capital econômico, entra em colapso, os grandes proprietários acionam outros tipos de capital, especialmente o capital simbólico, associado ao prestígio social, à tradição familiar, à memória histórica e à posse da terra. Diante de todos os contextos analisados, a reconversão surge como resposta a uma crise estrutural: a crise da pecuária no Rio Grande do Sul; a exaustão do solo cafeeiro no Vale do Café fluminense; a praga

da vassoura-de-bruxa na Bahia; e, na Paraíba, a crise do açúcar, do algodão, da pecuária e os efeitos recorrentes das secas. Em nenhum desses casos, contudo, a reconversão significou a fragmentação do latifúndio. Como observa Piccin (2012), o objetivo central permanece sendo a manutenção da integridade da propriedade enquanto símbolo de poder e distinção social.

O elemento distintivo desses processos contemporâneos reside na ressignificação do passado. O que antes era trabalho transforma-se em lazer; o que era ruína converte-se em cenário; e as histórias de poder, outrora materializadas nas relações de mando e na hierarquia social, circulam como narrativas patrimonializadas, destinadas a compor os enredos contados entre pedras e trilhas ressignificadas. Nesse contexto, a paisagem deixa de ser apenas suporte material e opera como linguagem, mediada por discursos que reorganizam relações históricas de dominação em experiências estéticas e contemplativas. Como colocou Piccin, a estância deixa de ser exclusivamente uma unidade produtiva para tornar-se símbolo de distinção social e repositório de tradição familiar, movimento que também se observa nas fazendas analisadas nesta pesquisa, ainda que com maior ênfase na manutenção da propriedade e na obtenção de alguma rentabilidade econômica.

As diferenças regionais também revelam distintas matrizes de reconversão. Nas antigas fazendas de café da Serra Fluminense, o principal ativo mobilizado é a arquitetura monumental das casas-grandes, ressignificadas como objetos de consumo estético e hoteleiro, em um processo de patrimonialização centrado na memória do luxo e da elite cafeeira (D´Onofre, 2013). Dinâmica semelhante ocorre no Brejo paraibano, onde a reconversão se apoia nos grandes casarões dos barões do açúcar, vendendo a estética da abundância e a nostalgia da civilização açucareira (Sales, 2026; Ramiro *et al*., 2023).

No Cariri paraibano, por outro lado, o principal ativo mobilizado no processo de reconversão não é a abundância, mas a escassez. A paisagem seca, em meio aos afloramentos de pedras, historicamente interpretada como entrave à produção, é ressignificada como valor estético e objeto de contemplação. Nesse contexto, a geodiversidade e a paisagem árida são acionadas como elementos cenográficos, legitimados tanto pela indústria audiovisual quanto pelo turismo, como exemplifica o caso da Fazenda Tapera.

A diferença fundamental entre essa propriedade e a Fazenda Gangorra reside, contudo, na forma como se estruturam seus respectivos processos de reconversão. Enquanto na Tapera, a mediação da indústria cinematográfica conferiu ampla visibilidade e contribuiu para a consolidação desse processo, na Gangorra a ressignificação da paisagem ocorre de maneira mais incipiente e depende quase exclusivamente da ação individual de Daniel por meio dos algoritmos das redes sociais, em especial do Instagram. Trata-se, portanto, de um processo

ainda em curso, cuja menor amplitude midiática limita, ao menos por ora, o alcance e a estabilização dessa nova forma de valorização simbólica da propriedade.

Na Bahia, conforme analisa Andrade-Matos (2021), a reconversão mobilizou o capital literário associado à obra de Jorge Amado. Não se vende apenas o cacau, mas o imaginário de *Gabriela*, fundindo ruína produtiva e mito literário. As fazendas tornam-se lugares de memória estetizados, nos quais literatura, turismo cultural e patrimônio se articulam.

Esses processos expressam, como apontam Martins e Cunha (2020), a necessidade de novos entendimentos sobre o que significa viver no campo e viver do campo, como já mencionado, em um contexto marcado por demandas múltiplas (Carneiro; Castro, 2007). Símbolos, paisagens e práticas antes não mercantis passam a ser apropriados como ativos econômicos, fenômeno que Miranda (2024) conceitua como comodificação e patrimonialização, especialmente relevante no semiárido brasileiro.

Essa reconfiguração também incide sobre o significado da terra e as trajetórias juvenis em Cabaceiras. Como observa Moreira (2014), práticas culturais e turismo tornam-se recursos mobilizados pela juventude na busca por novas estratégias de permanência no campo. Contudo, no contexto da Tapera e da Gangorra, esse processo não se dá sem tensões: a abertura de possibilidades que Veiga (2004) caracteriza como um desenvolvimento para além da lógica produtiva esbarra, paradoxalmente, em uma remuneração incipiente. Se o turismo cria o "acesso" simbólico ao território, ele falha em garantir a autonomia econômica necessária para que esses jovens transcendam a condição de "acessórios da paisagem". Esse descompasso exige das políticas públicas um olhar urgente, capaz de reconhecer que a permanência juvenil no Cariri depende menos do subsídio ao plantio e mais da sustentabilidade da nova economia do patrimônio

Por fim, dialogando com Carneiro e Castro (2007), quando os autores apontam que o patrimônio fundiário passa a assumir destinos diversos, sendo progressivamente compreendido como espaço para viver e não apenas para sobreviver, torna-se necessária a adequação das políticas públicas específicas. Programas como o seguro-safra, ao não reconhecer esses novos contextos de reconversão produtiva em certos territórios, podem induzir leituras distorcidas da realidade rural. Tal descompasso configura um anacronismo institucional: as políticas de proteção social, ao insistirem na métrica do 'fracasso da colheita' para liberar recursos, ignoram que o sucesso da reconversão turística depende justamente da manutenção da estética da aridez. O resultado é uma 'maquiagem' dos dados oficiais, em que o Estado subsidia um agricultor que, na prática, já atua como prestador de serviços ou guia contemplativo. Essa artificialização das estatísticas agrícolas máscara o surgimento de um 'rural pós-agrícola' e impede que o crédito

rural seja reorientado para as reais necessidades dessa juventude que busca na produção imaterial sua permanência no campo.

Para encerrar este capítulo, apresentamos dois quadros comparativos: o primeiro, sintetizando (quadro 6) os processos de reconversão em escala nacional; e o segundo (quadro 7), destacando seus impactos territoriais, preparando o terreno para as considerações finais da dissertação.

Quadro 6 - Matriz Comparativa da Reconversão no Brasil

Região / Objeto de Estudo	**Conflito / Crise ou Processo de transformação**	**Ativo Patrimonializado**	**Referência Teórica**
Estâncias Gaúchas (RS)	Reestruturação e ascensão da pecuária extensiva	Tradição e estilo de vida, estratégias escolares e familiares	Piccin (2012)
Vale do Café (RJ)	Exaustão do solo e fim da escravidão	Arquitetura e História	Dan Onofre (2013)
Fazendas de Cacau (BA)	Praga da Vassoura-de-Bruxa	Cenários e Memória Regional	Andrade-Matos (2021)
Engenhos do Brejo (PB)	Declínio da monocultura açucareira	Estética da Abundância	Samara Sales (2026) / Ramiro e Romero (2012)
Fazendas do Cariri paraibano – Taperoá e São Sebastião do Umbuzeiro/Zabelê	Dissolução do sistema moradia e trabalho. Binômio algodão/pecuária	Discurso de convivência com ao semiárido/ Saber-fazer tradicional e identidade sertaneja	Meneses (2018)
Fazendas do Cariri – Cabaceiras (PB)	Crise da agropecuária extensiva / Alho/Algodão	Estética da Escassez / Geodiversidade	Farias, J.G.R. (2026)

Fonte: Elaboração própria (2026)**.**

Quadro 7 - O Impacto da Reconversão no Território em turismo (Cabaceiras-PB e Cariri Paraibano)

Elemento de Análise	**Lógica do Mundo Agrícola (Antigo)**	**Lógica da Reconversão (Atual)**
Uso da Terra	Produção material (Bens)	Produção imaterial (Serviços/Imagens)
Natureza do Poder	Coerção Direta / Força (Arbítrio)	Coerção pelo Prestígio (Poder Simbólico)
Valor do Solo	Valor de Uso (Capacidade Produtiva)	Valor estético (Capacidade contemplativa); "instagramável"
Entorno (Minifúndio)	Mão de obra para o latifúndio e produção de subsistência	Prestação de serviços turísticos, precarização do trabalho informal e produção artesanal (couro/madeira)

Fonte: Elaboração própria (2026)**.**

Em última análise, emergindo em Cabaceiras, é um rural que se despoja de seus referenciais clássicos para vestir a roupagem da mercadoria-paisagem. As identidades rurais, outrora rígidas e presas à lida com a terra, tornam-se fluidas e dialéticas: o herdeiro do latifúndio torna-se curador digital, e o filho do sitiante torna-se artífice do couro ou guia de trilhas. Essa flexibilidade, contudo, não apaga as marcas da desigualdade histórica, mas as ressignifica sob a luz do sublime geológico, onde o Cariri deixa de ser o lugar da carência para ser o palco de uma sobrevivência espetacularizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar este trabalho de pesquisa, faz-se necessário reconhecer que a reconversão produtiva no Cariri paraibano não é um evento isolado, mas um desdobramento de uma longa disputa pelo sentido do semiárido. A transformação da Fazenda Tapera em Hotel Fazenda Pai Mateus revela a consolidação de um novo capítulo desses desdobramentos, em que o turismo rural ressignifica esses espaços antes estigmatizados pela aridez ou pela imagem de oligarquias

de exploração e violência de trabalhadores ou desvio de recursos da açudagem ou algaroba. Agora, esse mesmo cenário visa palco para a "estética da aridez", processo esse que é o resultado de uma construção histórica que começou muito antes do sucesso cinematográfico atual.

Nesse sentido, a consolidação contemporânea do turismo no Cariri encontra ecos em tentativas pretéritas, por vezes tidas como "toscas" ou fragmentadas, como a emblemática proposta da EMBRATUR em 1987, sob a gestão de João Doria[32], que visava converter a seca nordestina em atração turística. Se, àquela época, o projeto esbarrou na resistência ética e na precariedade de um modelo que ainda via a seca como espetáculo da desgraça, hoje observamos a sofisticação desse mercado. O que mudou não foi o desejo de lucro sobre o clima, mas a capacidade de refinamento do discurso: a seca deixou de ser o "problema do Nordeste" para se tornar o "sertão profundo", um produto de luxo performático consumido por elites urbanas que buscam no Cariri uma experiência de autenticidade uma autenticidade que, paradoxalmente, é curada e formatada pelos antigos donos do latifúndio que reinava a agropecuária

Refletir sobre esse processo a partir do meu lugar de origem impõe uma vigilância epistemológica necessária. É um desafio observar o Cariri de minha infância, repleto de memórias familiares e de uma labuta agrícola cotidiana, ser ressignificado como um cenário exótico para um gosto estético frequentemente importado das elites culturais do Sudeste. Essa sensação de "estranhamento" compartilhada por pesquisadores de outras regiões do Nordeste que vivenciam fenômenos análogos não é um dado irrelevante; é a própria matéria-prima da nossa reflexividade.

Ao "abrir a porteira" do latifúndio para o turista, a reconversão preserva, na verdade, a estrutura de poder. A terra, que já não produz alho ou algodão, que não sustenta mais o gado e as cabras, produz agora o "sublime", "cinema" e "história". Para o pequeno sitiante vizinho, a seca continua sendo o limite da sua sobrevivência; para a grande propriedade, a seca tornou-se a moldura de um empreendimento de alto padrão. Esta dissertação, portanto, não buscou apenas catalogar mudanças produtivas, mas desvelar as entranhas de um poder que se reinventa: o latifúndio, ao mudar para permanecer, converteu o chão de onde tiramos o sustento em um palco em que o outro, o turista, vem consumir o "sertão profundo".

Nesse sentido, podemos arriscar e aprofundar essa perspectiva ao indicar que o modelo de reconversão hoje estabelecido nesse município não apaga a sofisticada trajetória de resiliência do latifúndio. Ao perder sua capacidade de extrair valor do solo por meio de

---

[32] Ver link < https://www.cartacapital.com.br/politica/em-1987-doria-propos-fazer-da-seca-no-nordeste-uma-atracao-turistica/>

atividades agropecuárias ou mesmo da mineração, como no caso da Fazenda Tapera, ele passa a extrair valor da própria imagem do território, transformando o que antes era interpretado como atraso geográfico em exclusividade estética.

Entretanto, do outro lado da porteira, a força gravitacional dessa reconversão gestada na grande propriedade, Fazenda Tapera atinge o minifúndio de forma assimétrica. Enquanto a grande propriedade se reinventa, as unidades familiares situadas às margens dessas estruturas veem-se compelidas a uma adaptação forçada. Para as novas gerações rurais, o viver no campo deixa de estar associado ao manejo agrícola tradicional, severamente comprometido pelo agravamento das condições climáticas, e depende da cadeia turística. Embora essa transição possa parecer representar uma melhoria nas condições de vida em relação ao passado de escassez, ela não soluciona as vulnerabilidades socioeconômicas. Pelo contrário, emergem novas precarizações: a ocupação de jovens no mercado do turismo, especificamente no artesanato em couro, ocorre sob alto grau de informalidade e baixa remuneração. Esse cenário gera um clima de insatisfação e incerteza quanto à sustentabilidade do futuro desses jovens no território. Nesse sentido, a transição para o setor de serviços não soluciona as vulnerabilidades socioeconômicas; ela as sofistica. A juventude rural de Cabaceiras troca o cabo da enxada pelo formão do artesão ou pela narrativa do guia turístico, mas permanece à mercê de uma informalidade que não garante previdência nem estabilidade. O 'sonho da casa própria', recorrente nos relatos, é o sintoma de que a reconversão turística, embora preserve a integridade da paisagem do latifúndio, ainda não garante o direito à reprodução da vida com autonomia para aqueles que nela trabalham.

Diante dessa realidade, também se torna imperativo aprofundar a análise sobre a arquitetura das políticas públicas, que parecem ignorar essas novas dinâmicas, engendrando o que se pode denominar de uso instrumental e seletivo da identidade de agricultor. Trata-se da mobilização da identidade de agricultor como um capital burocrático (Bourdieu, 1998) para assegurar o acesso a direitos e recursos, ainda que a prática cotidiana dos sujeitos esteja dissociada da produção direta da terra. Essa tática revela um paradoxo: para permanecer no campo pós-agrícola, o morador precisa sustentar institucionalmente uma imagem de produtor que a realidade socioeconômica e climática já não lhe permite ser.

À luz de Garcia Jr. (1989), tal fenômeno não deve ser interpretado como um desvio de conduta individual, mas como uma tática racional de sobrevivência ante o anacronismo institucional. O Estado, ao permanecer ancorado em uma matriz agrária produtivista que já não corresponde à realidade multifuncional do Cariri, acaba por institucionalizar um descompasso. Programas como o Garantia-Safra e o Agroamigo, ao serem acessados por sujeitos cujas rendas

advêm do setor de serviços e do turismo, acabam operando como mecanismos de transferência de renda disfarçados de fomento agrícola, gerando estatísticas que camuflam o esvaziamento produtivo do campo. Conclui-se, portanto, que esta pesquisa contribui para o debate da Nova Ruralidade ao demonstrar que, no Cariri, o rural pós-agrícola não é uma escolha, mas uma imposição da crise climática mediada por uma oportunidade estética. A mercadoria-paisagem tornou-se o principal produto de exportação da região, substituindo o couro bruto e a carne, mas mantendo a estrutura de concentração fundiária do passado colonial, agora sob uma roupagem de sustentabilidade e preservação patrimonial.

O que se observa, portanto, não é apenas uma mudança de atividade econômica, mas uma reconfiguração da própria natureza do solo. Como desdobramento necessário desta investigação, aponta-se a urgência de estudos sobre a financeirização da terra relacionada ao turismo estético no Cariri. A "higienização estética" da seca, que converte a paisagem em mercadoria de luxo, deu início a um processo de gentrificação rural que esta pesquisa apenas tangenciou.

Nesse contexto, torna-se fundamental considerar também as formas concretas de acesso aos recursos hídricos que sustentam esse novo modelo de exploração. No caso do Hotel Fazenda Pai Mateus, o abastecimento de água é realizado por meio de poços artesianos perfurados nas margens do Rio Direito, evidenciando uma apropriação localizada e tecnicamente mediada de um recurso escasso. Esse dado, aparentemente operacional, revela, na verdade, uma dimensão central das disputas territoriais: quem detém as condições materiais de acessar a água em um contexto de escassez.

É preciso investigar, em trabalhos futuros, como a chegada de investidores externos interessados menos na produtividade do solo e mais em sua "vista panorâmica" impactará o acesso à água e a permanência das famílias tradicionais, um embate que dialoga com as preocupações centrais de Cunha, Miranda e Araújo (2020) sobre mercados informais e recursos hídricos no Semiárido. Afinal, a transição da terra de "recurso produtivo" para "objeto de contemplação" não é neutra; ela reordena quem pode viver, quem pode produzir e quem pode, enfim, decidir os destinos da água e do território no Cariri paraibano.

Por fim, a estetização da paisagem e a 'limpeza' da imagem da seca agora convertida em cenário cinematográfico e geológico, despertam a cobiça de agentes externos, disparando processos de especulação imobiliária e fragmentação do solo. Conclui-se que o modelo de desenvolvimento em curso, embora garanta a sustentabilidade econômica do latifúndio, pressiona o minifúndio à desestruturação social. Superar esse anacronismo exige o reconhecimento de um rural pós-agrícola e heterogêneo. Pesquisas mais profundas são

imperativas para a elaboração de um diagnóstico social preciso que possa, por conseguinte, orientar a construção de políticas públicas eficientes e ajustadas às novas dinâmicas do semiárido contemporâneo. Este território estrutura-se em novas estratégias de desenvolvimento, mas ainda mobiliza grandes volumes de recursos para o incentivo de atividades agropecuárias fadadas ao declínio, evidenciando o descompasso entre o investimento estatal e a realidade vivida. Este trabalho demonstra, em última análise, que enquanto o Estado financia o passado agrícola, a sociedade local já inventou um futuro pós-agrícola, ainda que marcado por novas formas de desigualdade e pela persistente sombra do latifúndio.

REFERÊNCIAS

AIRES, Renata Felinto de Farias. **"Não troco o meu Cariri por nada no mundo"**: direito humano de acesso à terra e identidade territorial no Assentamento Serra do Monte, Cabaceiras/PB. 2019. 145 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19155. Acesso em: 4 jun. 2025.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos**: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950). São Paulo: Intermeios, 2013. 246 p. Disponível em: https://www.academia.edu/89728423/. Acesso em: 17 fev. 2026.

ALVES, Joaquim. **História das secas (séculos XVII a XIX)**. Edição fac-símile. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2003. Disponível em: https://www.fwa.org.br/books/historia-das-secas-seculos-xvii-a-xix/. Acesso em: 1 abr. 2025.

ANDRADE, José Romero Rodrigues de. **Turismo**: conservação ambiental e fortalecimento econômico no município de Cabaceiras-PB. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Recursos Naturais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2010. Disponível em: [link suspeito removido]. Acesso em: 5 jun. 2025.

ANDRADE, Luciano Guimarães de. **Potencialidades turísticas e desenvolvimento no município de Cabaceiras/PB**. 2017. 132 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017. Disponível em: https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3259. Acesso em: 5 jun. 2025.

ANDRADE-MATOS, Mariana Bueno de; BARBOSA, Maria de Lourdes de Azevedo; COSTA, João Henrique de Paiva. Da crise cacaueira ao turismo experiencial chocolateiro: o início do movimento de reposicionamento de marca do destino turístico Ilhéus-BA. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 15, n. 2, e-1969, maio/ago. 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbtur/a/zcMChsRWjYHtBpPzBkh8qhb/. Acesso em: 29 out. 2025.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL (BNB). **Resultados**: quantidade de operações e valores contratados acumulados por setor de atividade: posição 2005 a novembro de 2025. Fortaleza: BNB, 2025. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/agroamigo/relatorios-e-resultados. Acesso em: 8 jan. 2026.

BASTARZ, Clarice; ELESBÃO, Ivo; XAVIER, Thiago Reis (org.). Análise crítica e tendências do turismo rural no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, 10., 2017, Santa Maria. **Anais [...]**. Porto Alegre: [s. n.], 2017. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/471/2019/05/Anais_Congresso_CBTR_2017.pdf. Acesso em: 10 maio 2025.

BATISTA, Francisco de Assis. **Nas trilhas da resistência cotidiana**: o protagonismo exercitado pelos camponeses no Cariri Paraibano (1900-1950). 2010. 320 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2010. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/2029. Acesso em: 14 nov. 2025.

BERTUSSI, M. L.; RAMIRO, Patrícia Alves. Le tourisme et la valorisation symbolique de l'espace rural français. **Pasos**: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 299-312, 2023. Disponível em: https://www.cabidigitallibrary.org/doi/pdf/10.5555/20230443392. Acesso em: 13 maio 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Tradução: Daniela Kern; Guilherme F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007a. Disponível em: https://favaretoufabc.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/09/. Acesso em: 29 out. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007b. (Coleção Estudos, 20). Disponível em: https://cbd0282.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/02/. Acesso em: 21 dez. 2025.

BOURDIEU, Pierre. As formas de capital. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org.). **Escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007c. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/493130621/. Acesso em: 29 out. 2025.

BOURDIEU, Pierre; BOLTANSKI, Luc; SAINT MARTIN, Monique de. Les stratégies de reconversion: les classes sociales et le système d'enseignement. **Social Science Information**, [s. l.], v. 12, n. 5, p. 61-113, 1973.

BRAGA NETO, Edgar. A estrutura de prestígio dos moradores na reconstrução do "tempo do algodão". **Estudos Sociedade e Agricultura**, [s. l.], v. 31, n. 2, e2331201, 2023. Disponível em: https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/esa31-2_01/. Acesso em: 29 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Custos de produção de leite de cabra no polo do Cariri Paraibano, PB**. Brasília, DF: MAPA: Câmara Setorial Temática de Caprinos e Ovinos, 2022. Disponível em: https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/1128488/1/CNPC-2020-BCIM-n13.pdf. Acesso em: 2 fev. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). **Portaria CNPq nº 2.664, de 6 de março de 2026**. Institui a Política de Integridade na Atividade Científica no âmbito do CNPq. Brasília, DF: CNPq, 2026. Disponível em: http://memoria2.cnpq.br/web/guest/pagina-inicial. Acesso em: 19 mar. 2026.

BURNETT, Annahid. A "saga" político-ecológica da algaroba no semiárido nordestino. **Revista de Estudos Sociais**, Cuiabá, v. 19, n. 38, p. 149-172, 2017. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/view/5031/. Acesso em: 20 out. 2025.

BURSZTYN, Marcel. **O poder dos donos**: planejamento e clientelismo no Nordeste. Rio de Janeiro: Garamond; Fortaleza: BNB, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/9176896/O_poder_dos_donos_Planejamento_e_clientelismo_no_Nordeste_3a_edi%C3%A7%C3%A3o_revista_e_ampliada. Acesso em:15 mar. 2026.

CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. Disponível em: https://www.gov.br/mda/pt-br/acervo-nucleo-de-estudos-agrarios/nead-outras-publicacoes-1/. Acesso em: 2 fev. 2026.

CATANI, Afrânio Mendes et al. (org.). **Dicionário Bourdieu**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. Disponível em: https://doceru.com/doc/csxsn0n. Acesso em: 14 fev. 2016.

CAVALCANTI, Valesca Marques. **Família, política e propriedade fundiária**: os dilemas da herança entre membros da elite no município de Cuité (PB). 2019. 280 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/10206. Acesso em: 2 fev. 2026.

COSTA, L. F. C. Fotografia, bens culturais e inventário. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 283-297, jul./dez. 2013. Disponível em: https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/368. Acesso em: 12 maio 2025.

COSTA, L. F. C.; TOGNON, M.; SCARPELINE, R. O patrimônio arquivístico de antigas fazendas paulistas. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 107-122, out. 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/12157165/. Acesso em: 8 maio 2025.

COVER, Maciel. Ser morador é ficar aguentando aborrecimento. In: MENEZES, Marilda Aparecida de; JÚNIOR, Jaime Santos (org.). **Tecendo vidas e sonhos**: história oral de agricultores(as) do Sertão Paraibano e trabalhadores(as) do ABC Paulista. Jundiaí: Paco Editorial; Campina Grande: EDUEPB, 2023.

CUNHA, Luiz Henrique; MIRANDA, Roberto de Sousa; ARAÚJO, Douglas Cavalcante**.** *Mercados informais de água no semiárido paraibano*. In: TEISSERENC, P.; TEISSERENC, M. J. S. A.; ROCHA, G. M. (orgs.). **Gestão da água: desafios sociopolíticos e sociotécnicos na Amazônia e no Nordeste brasileiros**. Belém: EDUFPA, 2020. p. 392–420. Disponível em: https://www.numa.ufpa.br/index.php/livros/item/101-gestao-da-agua-2020. Acesso em: 18 mar 2026.

CUNHA, Luis Henrique; GOMES, Ramonildes Alves da Silva. Trajetória da algaroba no semiárido nordestino: dilemas políticos e científicos. **Raízes**, Campina Grande, v. 32, n. 1, p. 72-89, jan./jun. 2012. Disponível em: https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/349/. Acesso em: 25 out. 2025. Ver data

DAVIS, Mike. **Late Victorian holocausts**: El Niño famines and the making of the Third World. London: Verso, 2001. Disponível em: https://blackbooksdotpub.wordpress.com/wp-content/uploads/2021/05/. Acesso em: 16 nov. 2025.

DENIS, Padre Léo. **Cabaceiras (1835-1985)**. [S. l.: s. n.], 1985.

DIAS, Camila da Silva; AFONSO, Dara Cleaver; SILVA, Rafaela Santos da. Áreas rurais como espaço de lazer ao homem urbano e sua capacidade de atratividade. In: BASTARZ, Clarice; ELESBÃO, Ivo; XAVIER, Thiago Reis (org.). **Análise crítica e tendências do turismo rural no Brasil**. Porto Alegre: Pacartes, 2017. Disponível em: https://www.institutobrasilrural.org.br/download/20230808110133.pdf. Acesso em: 15 abr. 2025.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 2008. Disponível em: https://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/. Acesso em: 18 fev. 2026.

DINIZ, Nathalia Maria M. **Um sertão entre tantos outros**: fazenda de gado das Ribeiras do Norte. 2013. 340 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-02072013-120148/. Acesso em: 18 nov. 2025.

D'ONOFRE, Dan Gabriel. **Hospitalidade de famílias rurais da serra fluminense**: olhares de anfitriões. 2013. 145 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/3376446/. Acesso em: 20 abr. 2025.

DUQUÉ, Ghislaine. Estrutura fundiária e pequena produção: um estudo de caso no Cariri Paraibano. **Raízes**, Campina Grande, n. 2/3, p. 43-62, 1985. Disponível em: https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/600. Acesso em: 16 nov. 2025.

E COMO VEIO GENTE. Como era viver numa fazenda de café? Parte 2. **[Blog]**, 18 ago. 2015. Disponível em: https://ecomoveiogente.blogspot.com/2015/08/como-era-viver-numa-fazenda-de-cafe_18.html. Acesso em: 18 fev. 2026.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Tradução: Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Disponível em: https://construindoumaprendizado.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/12/. Acesso em: 29 out. 2025.

FARIA, S. Fazenda. In: VAINFAS, Ronaldo (dir.). **Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 220-221.

FARIAS, Rita Patrícia de Melo Almeida. **Festa do Bode Rei de Cabaceiras**: análise dos atrativos turísticos, culturais e gastronômicos. 2019. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão Pública) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15717. Acesso em: 25 out. 2025.

FAZENDA GANGORRA. **Perfil do Instagram**. [S. l.], [2025]. Disponível em: https://www.instagram.com/fazendagangorra/. Acesso em: 10 nov. 2025.

FROEHLICH, José Marcos. Turismo rural e agricultura familiar: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o desenvolvimento local. In: ALMEIDA, J.; RIEDL, M. (org.). **Turismo rural**: ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru: EDUSC, 2000. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/519/2019/10/25.pdf. Acesso em: 6 maio 2025.

FURTADO, Celso. **A pré-revolução brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação de Cultura, 1962. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/410951659/. Acesso em: 29 out. 2025.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

G1. **Lajedo do Pai Mateus**. [S. l.], [2026]. Disponível em: [link suspeito removido]. Acesso em: 22 fev. 2026.

GARCIA JR., Afrânio Raul. **O Sul**: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Ed. UnB: MCT-CNPq, 1989. Disponível em: https://pergamum.ufms.br/acervo/51653. Acesso em: 15 out. 2025.

GARCIA JR., Afrânio Raul. Os vice-reis do Norte: reconversão de elites agrárias e a Revolução de 1930 (1920-1964). **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 38, n. 2, p. 74-87, 2007. Disponível em: https://periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/533/. Acesso em: 14 nov. 2025.

GOMES, R. A. **Construindo objetos na pesquisa social:qualidade de vida, método e criatividade**. Raizes. Revista de Ciências Sociais e Econômicas, v. 25, p. 65-75, 2007. Disponível em: https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/262. Acesso em:19 mar. 2026.

GONÇALVES, Anna Laurytha Carlos. Turismo rural: uma abordagem conceitual. In: SEMINÁRIO DA ANPTUR, 13., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPTUR, 2016. Disponível em: https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/568.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O novo rural brasileiro**. 2. ed. rev. Campinas: UNICAMP, IE, 2002. (Coleção Pesquisas, 1). Disponível em: https://www.eco.unicamp.br/images/publicacoes/Livros/pesquisa/. Acesso em: 3 jun. 2025.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Os Índios do Descobrimento: tradição e turismo**. Rio de janeiro: UFRJ/ MN/PPGAS, 1999. Disponível em: https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/PAT00002.pdf. Acesso em 18/03/2026.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terrence (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Disponível em: https://app.docvirt.com/mi_bibliografico/pageid/81561. Acesso em: 17 fev. 2026.

INSTAGRAM. **Imagens do Lajedo do Pai Mateus**. [S. l.], [2026]. Disponível em: https://www.instagram.com. Acesso em: 22 fev. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**: Cidades e Estados - Cabaceiras (PB). Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/cabaceiras.html. Acesso em: 3 fev. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades**: Cabaceiras. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cabaceiras/panorama. Acesso em: 25 ago. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**: 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf. Acesso em: 13 fev. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção Agrícola Municipal**: tabela da produção do alho em Cabaceiras. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1612. Acesso em: 27 dez. 2025.

JORNAL A UNIÃO. João Pessoa: **Imprensa Oficial da Paraíba**, 7 out. 1952. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/decada-de-1950/1952/outubro/a-uniao-07-10.1952/. Acesso em: 20 dez. 2025.

JORNAL DA PARAÍBA. **DJ Bhaskar exibe apresentação gravada no Lajedo de Pai Mateus**. Disponível em:<https://jornaldaparaiba.com.br/cultura/dj-bhaskar-exibe-apresentacao-gravada-no-lajedo-de-pai-mateus>. Acesso em: 18 mar. 2026.

JORNAL DA PARAÍBA. **Samuel Rosa grava série de vídeos no Lajedo do Pai Mateus**. Disponível em:<https://jornaldaparaiba.com.br/cultura/samuel-rosa-grava-serie-de-videos-no-lajedo-do-pai-mateus>.Acesso em: 18 mar. 2026.

JORNAL DA PARAÍBA. **Lajedo de Pai Mateus, em Cabaceiras**. Disponível em:< https://jornaldaparaiba.com.br/guia-qualaboa/lajedo-de-pai-mateus-em-cabaceiras>. Acesso em: 18 mar. 2026.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Disponível em: https://biblioteca.univap.br/acervo/202458. Acesso em: 29 out. 2025.

LINHARES, Maria Yedda. **História do abastecimento**: uma problemática em questão (1530-1918). Brasília: BINAGRI, 1979. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/589898696/. Acesso em: 16 fev. 2026.

LOPES, José Sérgio Leite; ALVIM, Rosilene. A usina e a varanda: a teatralização da dominação patronal. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 38, n. 2, p. 8-18, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/898/1/. Acesso em: 18 nov. 2025.

MACIEL, Lidiane Maria. Entrevista com a Profa. Dra. Marilda Aparecida de Menezes. **Ideias**, Campinas, v. 11, e020010, 2020. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8660410. Acesso em: 20 jun. 2025.

MAIA, Kaliane de Freitas; CUNHA, Luiz Henrique. “Narrativas” sobre a grande propriedade do Sertão nordestino: território da pecuária, do latifúndio e das oligarquias. **Raízes**, Campina Grande, v. 35, n. 2, p. 73-86, jul./dez. 2015. Disponível em: https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/440/. Acesso em: 4 jun. 2025.

MALAGODI, Edgard (org.). **A lição da cisterna**. Campina Grande: EDUEPB, 2023. Disponível em: https://zenodo.org/record/8387719. Acesso em: 10 out. 2023.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Disponível em: http://arquivos.eadadm.ufsc.br/videos/modulo4/Antropologia/material/. Acesso em: 2 fev. 2026.

MARTINS, Jéssica Éveny Cardoso. **Ernani Sátiro**: manifestações políticas, interesses oligárquicos e participação nos jogos de poder da Paraíba (1963-1975). 2023. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2023. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/31181. Acesso em: 29 out. 2025.

MARTINS, José de Souza. **O cativeiro da terra**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010. Disponível em: https://contrapoder.net/wp-content/uploads/2021/05/. Acesso em: 29 out. 2025.

MARTINS, R. C.; CUNHA, L. H. Ruralidades e meio ambiente: a constituição de um campo de investigação na sociologia. **BIB: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 92, p. 1-29, 2020. Disponível em: https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/503. Acesso em: 3 mar. 2026.

MEDEIROS, Raimundo Mainar; MELO, Lalneli da Silva (org.). **Estudo agroclimático do município de Cabaceiras**. Campina Grande: EDUFCG, 2016. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/30222. Acesso em: 2 fev. 2026.

MEDEIROS, Verônica Pereira de. **Semiárido de possibilidades**: reestruturação produtiva e dinâmica territorial no Distrito de Ribeira, Cabaceiras (PB). 2018. 142 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18921. Acesso em: 5 jun. 2025.

MENESES, Valdênio Freitas. "Casas de câmbio" simbólicas: uma agenda internacional de pesquisas sobre elites e reconversões sociais. In: PETRARCA, Fernanda Rios; LIMA, Arthur Ives Nunes da Mota; BOMFIM, Fagner dos Santos (org.). **Elites jurídicas em Sergipe**: recrutamento, recursos sociais e redes de relações. 1. ed. Aracaju: Criação Editora, 2021. Disponível em: https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2021/11/elites-juridicassite-1.pdf. Acesso em: 17 nov. 2025.

MENESES, Valdênio Freitas. Olhai para "os ricos do campo": o lugar das elites e classes dominantes nos Estudos Rurais do Brasil. **Antropolítica**, Niterói, n. 53, p. 140-166, set./dez. 2021. Disponível em: https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/50104/. Acesso em: 16 nov. 2025.

MENESES, Valdênio Freitas. **Saudade e rusticidade**: reconversões sociais e convivência com as secas entre elites pecuaristas do Cariri Paraibano. 2018. 312 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2018. Disponível em: https://rima.ufrrj.br/jspui/handle/20.500.14407/21989. Acesso em: 7 maio 2025.

MIRANDA, Roberto de Sousa. **Ecologia política da soja**: relações de poder e processos de mudança socioambiental. Campina Grande: EDUFCG, 2025. E-book. Disponível em: https://livros.editora.ufcg.edu.br/index.php/edufcg/catalog/book/311. Acesso em: 2 fev. 2026.

MONTEIRO, José Marciano. **A política como negócio de família**: os herdeiros e a força dos capitais no jogo político das elites na Paraíba (1985-2015). 2016. 295 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/122. Acesso em: 29 out. 2025.

MOREIRA, Gislene. A nova cara do Sertão: provocações sobre juventude e cultura contemporânea. In: FREIRE, Alberto (org.). **Culturas dos sertões**. Salvador: EDUFBA, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/15091/1/. Acesso em: 2 fev. 2026.

MORENGO NETO, José Marques. **Casas nobres em Belém do Pará**: segunda metade do século XVII e início do século XIX. 2013. 198 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/bitstreams/782b69ea-c2cd-4409-84cd-4a7fa4c0731e/. Acesso em: 29 out. 2025.

NEVES, Frederico de Castro. O Nordeste e a historiografia brasileira. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v. 5, n. 10, p. 6-19, abr./out. 2012. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20047/1/. Acesso em: 17 nov. 2025.

NUNES, Aldo Manoel Branquinho. **Currais, cangalhas e vapores**: dinâmicas de fronteira e conformação das estruturas social e fundiária nos "Sertões da Borborema" (1780-1920). 2016. 340 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016. Disponível em: [link suspeito removido]. Acesso em: 2 abr. 2025.

OLIVEIRA, José Márcio da Silva Vieira. **Dinâmicas fundiárias no Curimataú Paraibano**: vetores de fragmentação da grande propriedade no município de Cuité-PB (1970-2018). 2019. 315 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/20645. Acesso em: 2 fev. 2026.

PARAÍBA. Decreto nº 25.083, de 8 de junho de 2004. Dispõe sobre a criação da Área de Proteção Ambiental (APA) do Cariri, nos municípios de Cabaceiras e Boa Vista, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado da Paraíba**, João Pessoa, 2004. Disponível em: https://documentacao.socioambiental.org/ato_normativo/UC/5350_20220118_131826.pdf. Acesso em: 18 fev. 2026.

PEREIRA, Jozineide Severina. **A festa do Bode Rei**: cultura, economia e transformações espaciais no município de Cabaceiras-PB. 2016. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/22649. Acesso em: 23 out. 2024.

PICCIN, Marcos Botton. Recomposições do espaço social em terras estancieiras: estilos de vida e cálculos econômicos. **Século XXI: Revista de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 11-48, jan./jun. 2014. Disponível em: http://103.247.176.188/FullText.aspx?id=100805317. Acesso em: 14 nov. 2025.

PICCIN, Marcos Botton. **Os senhores da terra e da guerra no Rio Grande do Sul**: um estudo sobre as práticas de reprodução social do patronato rural estancieiro. 2012. 350 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/891092. Acesso em: 25 set. 2025.

POLEMICA PARAÍBA. **Isabeli Fontana faz ensaio para a Vogue no Lajedo de Pai Mateus**. Disponível em:<https://www.polemicaparaiba.com.br/entretenimento/isabeli-fontana-faz-ensaio-para-vogue-no-lajedo-de-pai-mateus/>. Acesso em: 18 mar. 2026.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. Disponível em: https://docentes.ifrn.edu.br/pauloneto/info4v/romance-o-quinze-rachel-de-queiroz/view. Acesso em: 29 out. 2025.

RAMIRO, Patrícia Alves; MENEZES, Tainá. A construção social do turismo. **Áltera: Revista de Antropologia**, João Pessoa, v. 1, n. 12, p. 1-8, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/61133. Acesso em: 14 maio 2025.

RAMIRO, Patrícia Alves; OLIVEIRA, J. R.; KAMADA, D. M. Patrimonialización y turismo: prácticas de valorización simbólica del espacio rural del nordeste del Brasil. **De Prácticas y Discursos**, [s. l.], v. 12, n. 19, 2023. Disponível em: https://revistas.unne.edu.ar/index.php/dpd/article/view/6675/6159. Acesso em: 17 maio 2025.

RAMIRO, Patrícia Alves; ROMERO, Danielli Granado. O papel do turismo frente às novas ruralidades: o caso dos assentamentos rurais. **Sustentabilidade em Debate**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 93-116, jul./dez. 2012. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/sust/article/view/15519/13817. Acesso em: 2 maio 2025.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938. Disponível em: https://archivepublicdomain.com/files/2025/01/vidas-secas.pdf. Acesso em: 29 out. 2025.

RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE. Memória Fernando Cunha Lima. **[Blog]**, set. 2010. Disponível em: https://cgretalhos.blogspot.com/2010/09/memoria-fernando-cunha-lima.html. Acesso em: 15 dez. 2025.

RIETVELD, Pe. João Jorge. **O antigo termo de Cabaceiras**: artigos históricos. Campina Grande: Gráfica Cópias e Papeis, 2017.

SAINT-MARTIN, Monique de. Reconversões e reestruturações das elites: o caso da aristocracia em França. **Análise Social**, Lisboa, v. 30, n. 134, p. 1023-1039, 1995. Disponível em: [link suspeito removido]. Acesso em: 19 jun. 2025.

SAINT-MARTIN, Monique de. Rumo a uma abordagem dinâmica para reconversões. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 27, n. 00, e022009, jan./dez. 2022. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/16763/. Acesso em: 14 nov. 2025.

SALES, Josélio dos Santos. **A invenção de Cabaceiras como cidade turística**: a partir da cultura do bode e das produções cinematográficas. 2012. 165 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012. Disponível em: https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/1881. Acesso em: 15 nov. 2025.

SHUTTERSTOCK. **Lajedo do Pai Mateus**. [S. l.], [2026]. Disponível em: https://www.shutterstock.com. Acesso em: 22 fev. 2026.

SILVA, Elenilda Sinésio Alexandre da. **Subindo a Serra de Moça e encontrando os caboclos**: os desafios para a constituição e manutenção de uma unidade social baseada no

parentesco e na territorialidade (São João do Tigre – PB). 2019. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019. Acesso em: 12 maio 2025.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Pecuária e formação do mercado interno no Brasil-colônia. **Estudos Sociedade e Agricultura**, [s. l.], n. 8, p. 119-156, abr. 1997. Disponível em: https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/108. Acesso em: 16 fev. 2026.

SILVA, M. F. da. **Reforma agrária de mercado ou atualização do clientelismo?**: O Programa Nacional de Crédito Fundiário e o assentamento de famílias sem terra no Cariri Ocidental Paraibano. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2012. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/1604. Acesso em: 26 nov. 2025.

SILVA, Roosevelt Humberto. **Turismo, desenvolvimento sustentável e cultura: o caso de Cabaceiras**. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Recursos Naturais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2008. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/2263. Acesso em: 14 nov. 2025.

SILVA SOUSA, L. **O turismo rural**: instrumento para desenvolvimento sustentável. [S. l.]: [s. n.], 2006. Disponível em: www.eumed.net/libros/2006c/194/. Acesso em: 4 maio 2025.

SOARES, Ana Bernadete de Carvalho Accioly. **Estratégias de recriação do campesinato no município de Cabaceiras – PB**. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Disponível em: https://www.ufpb.br/gestar/contents/documentos/publicacoes/dissertacoes/ana_bernadete.pdf. Acesso em: 29 out. 2025.

SOUZA, Nádson Ricardo Leite de; XAVIER, Rafael Albuquerque; BORGES NETO, Inocêncio de Oliveira. Geodiversidade e patrimônio geomorfológico do Plúton Bravo no semiárido paraibano. **Revista Brasileira de Geomorfologia**, [s. l.], v. 25, n. 1, e2460, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.20502/rbg.v25i1.2460. Acesso em: 13 fev. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB). **Os Cariris Velhos da Paraíba**. Organização de Elisa Maria Cabral. João Pessoa: UFPB, 1997. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/31593. Acesso em: 17 fev. 2026.

VEIGA, J. E. da. O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 101-120, 2001. Disponível em: https://revistas.usp.br/eav/article/view/9826/. Acesso em: 3 fev. 2016.

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. **Um saber necessário**: os estudos rurais no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1viu4PlODo0qM9Srii6odFb36qTDggDiz/view. Acesso em: 18 nov. 2025.

ANEXO I - RELAÇÃO DE PRODUÇÕES CINEMATOGRÁFICAS REALIZADO NO MUNICÍPIO DE CABACEIRAS ENTRE 1921 E 2022

Início da produção cinematográfica. Em 1921, Antônio Barradas, a pedido do presidente Epitácio Pessoa documentou detalhes da região e obras que o governo vinha fazendo no Nordeste. As filmagens foram feitas na fazenda Pocinhos, e apresentavam a ferração de cabritos e pedras originais da região. Estas filmagens foram inseridas no filme "Sob o Céu Nordestino" de Walfredo Rodriguez, lançado em 1929, considerado o mais importante filme histórico paraibano.			
Ano	**Título**	**Diretor**	**Tipo**

1921	**Ferração dos Bodes**	Antônio Barradas	Longa-metragem
1924	**Sob o Céu do Nordeste**	Walfredo Rodriguez	Longa-metragem
1958	**Represando o Rio Paraíba**	Agência Nacional	Desconhecido
1963	**Visitando Cabaceiras**	José Odicyne	Curta metragem
1971	**Mistério de Pai Mateus**	Machado Bitencourt	Longa metragem
1975	**Viajem através do Brasil**	Julio Bressane	Longa metragem
1976	**O sol de Pai Mateus**	Josué Urquisa	Longa metragem
1980/86	**Maria, a menina Mártir**	Gecindo Gomes	Longa metragem
1997	**Os Velhos Cariris Paraibanos**	Eliza Cabral	Curta metragem
1999	**O Auto da Compadecida**	Guel Arraes	Micro série
1999	**São Jerônimo**	Júlio Bressane	Longa metragem
1999	**Eu sou o servo**	Eliézer Rolim	Média metragem
2002	**Madame Satã**	Karin Ainouz	Longa metragem
2002	**Viva São João**	Andrucha Waddingtom	Longa metragem
2002	**Curtindo o Couro**	Durval Leal	Curta metragem
2003	**Terra de Cabras**	Jaqueline Lieda	Curta metragem
2003	**Tempo de Ira**	Marcélia Cartaxo/Gisella de Mello	Curta Metragem
2004	**Cinema, Aspirinas e urubus**	Marcelo Gomes	Longa metragem
2005	**Canta Maria**	Francisco Ramalho	Longa metragem
2006	**Festa do Bode Rei**	Ronaldo Nery	Curta metragem
2007	**A pessoa é o que come**	SEBRAE	Curta metragem
2007	**Cabaceiras**	Ana Bárbara Ramos	Curta metragem
2007	**Retratos da vida**	Adriano Melo	Curta metragem
2007	**Em Roliúde o bode é rei!**	Rianny Brandão	Curta metragem
2008	**A raspadinha**	Daniel Marvel	Curta metragem
2008	**Romance**	Guel Arraes	Longa metragem
2008	**Enraizados**	Niu Batista	Curta metragem
2008	**Grandes Enchentes**	Adeilson	Longa metragem
2010	**Cabaceiras: Encanto do Cariri**	NEP	Curta metragem
2010	**Quinha vai pra o céu**	Caroline Oliveira	Curta metragem

2010	**Bode Movie**	Taciano Valério	Curta metragem
2010	**Desasossego**	Marco di Aurélio	Curta metragem
2010	**Festa do Vaqueiro**	Ponto de Cultura	Curta metragem
2010	**Luiz do Banjo: fração musical de Cabaceiras**	Oficina de audiovisual	Curta metragem
2010	**Cabaceiras e a Cultura Bodística**	Oficina de audiovisual	Curta metragem
2010	**Ribeira**	Bruno Lira	Curta metragem
2011	**Sítio Pata**	Ponto de Cultura Marcas Vivas de Cabaceiras	Curta metragem
2011	**Aquele Beijo**	Miguel Falabella	Telenovela
2011	**Ribeira de Cabaceiras**	Durval Leal Filho	Curtametragem
2011	**Mais denso que sangue**	Ian Abe	Curtametragem
2014	**Brincante**	Walter Carvalho	Longa metragem
2014	**Por trás do céu**	Caio Soh	Longa metragem
2014	**Um filme feito no Cariri**	Marcinho Nunes	Média metragem
2015	**Garoto**	Julio Bressane	Longa metragem
2017	**Mestre do Couro**	Ponto de Cultura Marcas Vivas de Cabaceiras	Curta metragem
2018	**Beiço de Estrada**	Eliezer Rolim	Longa metragem
2018	**Onde nascem os fortes**	José Luiz Villamarim	Supersérie
2018	**Memórias da nossa terra**	Anderson Bruce	Curta metragem
2018	**No oco do tempo**	Antônio Fargoni	Curta metragem
2018	**Quitéria**	Tiago A. Neves	Curta metragem
2018	**Uma passagem em 3 tempo**	Rebeca Sousa	Curta metragem

Fonte: Adaptado própria a partir de Melo (2021)